

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

PATRÍCIA RODRIGUES BARBOSA

**CONSOANTE PÓS-VOCÁLICA FINAL NO PB:  
ONSET DE SÍLABA COM NÚCLEO VAZIO**

Porto Alegre  
2011

PATRÍCIA RODRIGUES BARBOSA

**CONSOANTE PÓS-VOCÁLICA FINAL NO PB:  
ONSET DE SÍLABA COM NÚCLEO VAZIO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Doutor na área de Teoria e Análise Linguística.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gisela Collischonn,  
Instituto de Letras UFRGS.

### CIP - Catalogação na Publicação

Rodrigues Barbosa, Patrícia

Consoante pós-vocálica final do PB: onset de sílaba com núcleo vazio / Patrícia Rodrigues Barbosa. -- 2011.

175 f.

Orientadora: Gisela Collischonn.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2011.

1. português. 2. fonologia. 3. sílaba. 4. onset. 5. núcleo vazio. I. Collischonn, Gisela, orient. II. Título.

**CONSOANTE PÓS-VOCÁLICA FINAL NO PB: ONSET DE SÍLABA COM  
NÚCLEO VAZIO**

**Patrícia Rodrigues Barbosa**

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gisela Collischonn - Orientadora  
(UFRGS)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmem Lúcia Barreto Matzenauer  
(UCPEL)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tatiana Keller  
(UFSM)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elisa Battisti  
(UFRGS)

CONCEITO FINAL: \_\_\_\_\_

## DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Dilma e Rui, que têm duas filhas odontólogas e apenas uma doutora, a que fez Letras.

À minha filha, Louise, como prova de que todo ciclo tem um fim, mesmo que não pareça.

À professora Gisela, exemplo a ser seguido, pelo empenho durante todas as fases do meu percurso.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela dádiva da vida;

Aos meus pais, pela base de amor, carinho e dedicação que me ofereceram desde sempre;

À filha amada, Louise, pela companhia durante toda a jornada, testemunha de tristezas, cansaços, vitórias e alegrias;

À família Barbosa, pelo apoio e amor incondicionais durante todo o processo e por compreender minhas muitas ausências;

Às amigas e colegas de Linguística, Cristine e Núbia, pelo apoio e pelas risadas mesmo à distância;

Aos amigos Adauto, Cristiano e José Luís, pelo apoio sincero em todas as vezes em que pensei em desistir e em cada vez que recomecei;

À professora Gisela, pela paciência, pela dedicação, pelo entendimento e pelo carinho;

À professora Elisa Batistti e ao professor Luiz Carlos Schwind, pelas observações na qualificação.

## RESUMO

Esta tese trata do estatuto silábico das consoantes finais /r, l, s, n/ no Português. Partimos, inicialmente, da proposta de Harris e Gussmann (1998), segundo a qual as consoantes finais não ocupam a coda silábica, mas são onsets de sílabas com núcleos vazios. Essa proposta baseia-se em uma concepção de estrutura silábica independente da estrutura segmental e que obedece às condições próprias (condições de licenciamento), as quais determinam a boa formação silábica. Nesse sentido, a estrutura silábica pode ser bem formada independentemente da estrutura segmental que a preenche. Assim se explica a ideia de Harris e Gussmann (1998) de núcleos vazios, isto é, de sílabas bem-formadas em termos de estrutura silábica, mas com núcleo não preenchido.

Para procedermos a esta discussão, o trabalho foi subdividido em quatro capítulos. No primeiro, apresentamos a abordagem de que consoantes finais são onsets, buscando entender as implicações dessa abordagem e seus desdobramentos. Fazemos também uma comparação com abordagens alternativas, como a da extraprosodicidade e das semissílabas.

Noções como a de licenciamento e outros detalhes da perspectiva adotada por Harris e Gussmann (1998) são explicitadas no capítulo 2, no qual também buscamos abordar os principais pressupostos da tese. Embasamo-nos na perspectiva de que a gramática é regida por princípios e parâmetros, admitindo marginalmente a existência de condições e regras específicas à língua. Adotamos também a perspectiva da existência de mais de um nível representacional. A abordagem considera tanto níveis derivacionais, como proposto pela Fonologia Lexical, Kiparsky (1982), quanto a de representação abstrata das estruturas fonológicas, com vários níveis (*tiers*) estruturais independentes, hierarquicamente organizados. Dessa forma, o núcleo vazio é criado no Léxico e pode ser preenchido, ainda nesse nível, por vogais introduzidas pela sufixação e pela flexão. Por outro lado, uma sílaba com núcleo vazio pode prosseguir até o nível pós-lexical sem precisar ser preenchido com conteúdo segmental.

No capítulo 3, trazemos algumas línguas para as quais foi defendida na literatura a existência de consoante final como onset de um núcleo vazio, que denominamos línguas NV. Diferentes processos ilustram a existência dessas

categorias após uma consoante na posição final. A observação das evidências para os núcleos não preenchidos foneticamente em distintos idiomas reforça a ideia de que eles sejam estruturas representacionais possíveis; além disso, traz informações para a construção da argumentação da análise de núcleos vazios para o Português.

No capítulo 4, argumentamos pela análise das consoantes finais /l, r, s/ como onsets de sílabas com núcleos vazios. Para essa argumentação, trazemos inicialmente a análise do estatuto silábico das consoantes finais no Português Europeu, com base em Mateus e D'Andrade (2000). Em seguida, analisamos argumentos baseados na literatura sobre o Português Brasileiro para cada um dos segmentos finais, mostrando que a análise como onset final é compatível com o comportamento observando para essas consoantes. A nasal final, por sua vez, não pode ser considerada onset como as outras, pois se trata do processo de nasalização da vogal, em que não há um segmento consonantal, mas um glide nasal, conforme Battisti (1997). Por fim, propomos a representação de uma estrutura CVC] como constituída silabicamente como CV.CØ]. A análise adota, ainda, a existência do Parâmetro da Consoante Final que estaria ativado no Português Brasileiro.

**Palavras-chave:** 1. Língua portuguesa. 2. Fonologia. 3. Sílabas. 4. Onset. 5. Núcleo vazio.



## ABSTRACT

This thesis focuses on the syllabic status of word-final consonants /r, l, s, n/ in Portuguese. We had as initial proposal the one presented by Harris and Gussmann (1998), according to which word-final consonants do not occupy the syllable coda, but the onset of a syllable containing an empty nucleus. Such proposal is based on a conception of syllable structure independent of the segmental structure and obeys constraints (licensing constraints) that determine the syllable well-formedness. Following this assumption, the syllable structure can be well-formed independently of the segmental structure that fills it. This explains the authors' idea of empty nuclei, i.e. of well-formed syllables in terms of syllable structure despite an unfilled nucleus.

To proceed to this discussion, this work was divided into four chapters. On the first chapter, we present the approach of C] as onsets, as a way of understanding the implications of this approach and their unfolding. We also compare it to alternative approaches, such as the extraprosodicity and the semisyllable ones.

The notion of licensing, among other notions, and some other details of the perspective adopted by Harris e Gussmann (1998) are presented on Chapter 2, on which we also try to make the main presuppositions of this thesis explicit. We adopted the perspective of a grammar ruled by principles and parameters, assuming marginally the existence of specific conditions and rules to the language. We also adopted the perspective that assumes the existence of more than one representational level. This approach considers both the derivational levels, as proposed by Lexical Phonology, Kiparsky (1982), and the abstract representation of phonological structures, with independent structural tiers, hierarchically organized. Thus the empty nucleus is created on the Lexicon and can be filled, on this same tier, by vowels inserted through suffixation and inflection. On the other hand, an onset of a syllable containing an empty nucleus can proceed up to the pos-lexical level without being necessary to be filled by any segmental content.

On chapter 3, we mention some languages to which it was assumed the existence of word-final consonant as the onset of an empty nucleus. These languages are named NV languages. Different processes show the existence of empty nucleus after a word-final consonant. The observation of evidences to empty nuclei in different languages reinforces the idea that these empty nuclei are possible

representational structures; besides, it carries information to the argumentation construction of the empty nucleus analysis in Portuguese.

On chapter 4, we argue for the word-final consonants /l, r, s/ analysis as onsets of syllables containing empty nuclei. For this argument, we bring up the analysis of the syllabic status of word-final consonants in the European Portuguese, based on Mateus e D'Andrade (2000). Then we analyze arguments based on the literature about Brazilian Portuguese to each word-final segment, showing that the word-final onset analysis is compatible with the behavior observed to these consonants. The word-final nasal, however, cannot be considered syllable onset as the other consonants, because this represents the vowel nasalization process, in which there is no consonantal segment, but a nasal glide instead, according to Battisti (1997). Finally, we propose the representation of a CVC] structure as CV.CØ]. This analysis adopts the existence of Word-final Consonant Parameter that would be active in the Brazilian Portuguese.

**Keywords:** 1. Portuguese. 2. Phonology. 3. Syllable. 4. Onset. 5. Empty nucleus.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1 CONSOANTES FINAIS E A IDEIA DE NÚCLEOS VAZIOS .....</b>	<b>16</b>
1.1 HARRIS E GUSSMANN (1998) .....	16
1.2 OS ARGUMENTOS PARA A TESE DE QUE CONSOANTES FINAIS NÃO SÃO CODAS .....	17
1.3 CONSOANTES FINAIS SÃO ONSETS .....	22
1.4 Uma consoante final é seguida por núcleo vazio (NV). .....	24
1.5 ABORDAGENS ALTERNATIVAS .....	32
1.5.1 A Extraprosodicidade (Ito, 1986) .....	32
1.5.2 As Semissílabas (Cho e King, 2003) .....	34
<b>2 EMBASAMENTO TEÓRICO .....</b>	<b>37</b>
2.1 Os Modelos Fonológicos .....	37
2.2 Concepção e organização da sílaba .....	49
2.2.1 Sobre a Constituição da Sílaba .....	50
2.2.2 Sobre a Escala de Sonoridade .....	55
2.2.3 Sobre a Associação entre Segmentos e Sílabas .....	56
2.2.4 Sobre os Domínios de Silabificação e Ajustes nas Fronteiras .....	62
2.3 Sílabas com núcleo vazio .....	64
2.3.1 Licenciamento e Núcleo Vazio .....	65
2.3.2 O Licenciamento de Núcleos Vazios .....	68
2.4 Acento e peso silábico .....	71
2.5 O papel da Morfologia na Fonologia .....	76
<b>3 LÍNGUAS QUE APRESENTAM SÍLABAS COM NÚCLEO VAZIO .....</b>	<b>83</b>
3.1 Tipologia das línguas NV .....	83
3.2 Línguas sem coda interna e com onset final .....	85
3.2.1 Kamaiurá .....	85
3.2.2 Diola-Fogny e Yapese .....	88
3.3 Línguas com coda interna e onset final .....	90
3.3.1 Inglês .....	91
3.3.2 Islandês .....	93
3.3.3 Irlandês .....	97
3.3.4 Amárigo .....	98
3.3.5 Polonês .....	100
3.3.6 Francês .....	102
3.3.7 Turco .....	106

<b>4 ANÁLISE DO PORTUGUÊS DO BRASIL .....</b>	<b>113</b>
4.1 Núcleos vazios no Português Europeu: Mateus e d'Andrade 2000 .....	114
4.2 O segmento rótico em final de palavras.....	133
4.3 A fricativa /z/ em final de palavra.....	144
4.4 A lateral /l/ em final de palavra.....	150
4.5 A nasal /n/ em final de palavra.....	154
4.6 Representação Fonológica da C].....	160
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>163</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>170</b>

## INTRODUÇÃO

A presente tese pretende mostrar que uma consoante final, [C], no Português do Brasil, não ocupa a posição de coda, mas de onset de uma sílaba com núcleo vazio. Assim, as consoantes finais /r, s, l/ das palavras florØ, lápisØ e papelØ não estão na posição final da sílaba, mas na inicial, e são seguidas por um constituinte silábico vazio, Ø, que eventualmente pode ser preenchido no curso da derivação fonológica, mas que também pode permanecer vazio em qualquer nível derivacional. Nossa hipótese baseia-se na proposta de Harris e Gussmann (1998, 2003) e de outros autores (KAYE, 1990; SCHEER, 2008) de que as consoantes finais, cujo comportamento é muitas vezes distinto das consoantes mediais, possuem uma representação silábica específica, são onsets de sílabas cujo núcleo é vazio.

Em muitas línguas, as consoantes finais comportam-se diferentemente das codas internas. A borda direita das palavras admite, com frequência, mais consoantes do que as codas internas podem acomodar. Além disso, as consoantes finais frequentemente são ignoradas na aplicação de processos métricos. Por exemplo, sílabas CVC contam como prosodicamente leves na posição final, mas como pesadas em outras partes da palavra (HAYES, 1995: 57). Conforme Côté (2011), podemos classificar os comportamentos distintos das consoantes finais em duas tendências diferentes, “imunidade segmental” e “invisibilidade métrica”. Pela “imunidade segmental”, as consoantes finais são isentas das restrições de caráter segmental que se aplicam às codas internas. Pela “invisibilidade métrica”, as consoantes finais são ignoradas na aplicação de processos de caráter métrico.

Diversas abordagens procuraram explicar esse padrão: apêndices, extrametricidade e consoantes não-moraicas. Há, inclusive, abordagens mais recentes que negam o papel da sílaba na explicação do comportamento, atribuindo-o a condições específicas sobre as bordas das palavras ou a propriedades das sequências de segmentos (YIP, 1991; CÔTÉ, 2000). O tema, sem dúvida, continua motivando novos levantamentos empíricos e novas abordagens teóricas. A abordagem que consideramos neste trabalho baseia-se na ideia de que esse padrão de comportamento das consoantes finais é uma consequência natural da arquitetura fonológica, na qual as estruturas segmental e suprasegmental são independentes uma da outra, mas interligadas por condições de licenciamento.

Este trabalho junta-se a outros, como o de Pedrosa (2009), Cardoso, Hora e Pedrosa (2010), que analisam a validade dessa teoria para os dados do Português Brasileiro, e o de Matheus (2002) e Veloso (2006), para os dados do Português Europeu.

A fim de chegar ao objetivo proposto, o trabalho está organizado da seguinte forma: o capítulo 1, sobre as consoantes finais e a ideia de núcleos vazios, traz um breve resumo do artigo de Harris e Gussmann (1998), que serviu de mote para nossa pesquisa. Em 1.2, há os argumentos que os autores utilizam para provar que uma C] não é coda, e, em 1.3, os que provam que se trata de onset. Em 1.4, há evidências para pensar que uma consoante final é seguida por um núcleo vazio. No fim do capítulo, em 1.5, apresentamos as abordagens alternativas de extraprosodicidade, de Ito (1986), e de semissílabas, de Cho e King (2003).

O capítulo 2, de embasamento teórico, apresenta, em 2.1, a evolução dos modelos fonológicos, do estruturalismo às teorias não lineares de representação de estruturas (Fonologia de Governo) e de organização da gramática (Fonologia Lexical e Teoria da Otimidade). Em 2.2, desenvolvemos a concepção e a organização da sílaba, considerando sua constituição (2.2.1), a escala de sonoridade (2.2.2), a associação entre segmento e sílabas (2.2.3), e a noção sobre os domínios de silabificação e ajustes nas fronteiras (2.2.4). Em 2.3, passamos a observar as sílabas com núcleo vazio, compreendendo, em 2.3.1, a relação entre licenciamento e núcleo vazio, e, em 2.3.2, como acontece esse licenciamento. Em 2.4, arrolamos as informações acerca do acento e do peso silábico; por fim, em 2.5, estabelecemos o papel da Morfologia na Fonologia, com relação a uma C] e às posições vazias.

No capítulo 3, Línguas que Apresentam Sílabas com Núcleo Vazio (NV), apresentamos uma série de línguas que reforçam a ideia de que uma C] não ocupa a posição de coda, mas a de onset de uma sílaba com núcleo vazio. Na seção 3.1, há a tipologia das línguas NV, seguida pela seção 3.2, das línguas sem coda interna e com onset final, como o Kamaiurá (3.2.1) e o Diola-fogny (3.2.2), e pela 3.3, das línguas com coda interna e onset final, como o Inglês (3.3.1), o Islandês (3.3.2), o Irlandês (3.3.3), o Amárico (3.3.4), o Polonês (3.3.5), o Francês (3.3.6) e o Turco (3.3.7).

O capítulo 4, por sua vez, traz a análise do Português do Brasil, assim organizado: em 4.1, procuramos situar o fenômeno no Português Europeu; em 4.2, analisamos o comportamento do segmento rótico /r/ e propomos o Parâmetro da Consoante final. Na seção 4.3, a fricativa na posição final é o foco, seguida pela seção 4.4, que verifica o comportamento da lateral /l/. Em 4.5, a nasal é observada, mas não a consideramos nesse trabalho, posto que sua natureza difere das demais consoantes citadas. O final do capítulo 4 apresenta a representação fonológica de uma C] e o lugar da mora na hierarquia prosódica.

No último capítulo desta tese, tecemos algumas considerações finais sobre pontos que julgamos relevantes, retomando aspectos importantes de cada capítulo.

Nosso objetivo é propor que o Português do Brasil é uma língua NV, ou seja, um sistema que permite uma consoante na posição final, devido ao núcleo vazio que a licencia. Nossas hipóteses são as seguintes:

1. Existem forças para manter a estrutura CV, mesmo sendo V uma posição vazia, que pode ser preenchida, ou não, ao longo da derivação;
2. Há um parâmetro acionado no idioma permitindo esse comportamento da consoante final;
3. A realização das consoantes /l, s, r/ na posição final mostra uma força extrínseca ao sistema, permitindo uma estrutura complexa do tipo CVC], relacionada especialmente ao nível de linguagem. Isso, por sua vez, pode ser o motivo para a variação de pronúncias, que ora mantêm, ora omitem as consoantes finais, como em [flor]-[flô], [mês], [mal]-[mau], [mal]-[maldade]-[maldade].

O trabalho se dedica fundamentalmente ao entendimento de uma perspectiva teórica, observando tanto os seus postulados quanto os seus desdobramentos na análise de línguas, trazendo como contribuição à análise da aplicação da proposta para o Português e a discussão das suas implicações.

## 1 CONSOANTES FINAIS E A IDEIA DE NÚCLEOS VAZIOS

Com o objetivo de esclarecer o ponto central desta tese, o presente capítulo apresenta a proposta de Harris e Gussmann (1998), artigo que inspirou a presente investigação sobre as sílabas com núcleos vazios no Português do Brasil (PB) nas seções 1.1 a 1.4. Ao final, em 1.5, a proposta é comparada a abordagens alternativas: a da extraprosodicidade de Ito (1986), 1.5.1, e a das semissílabas, Cho e King (2003), 1.5.2.

### 1.1 HARRIS E GUSSMANN (1998)

A proposta dos autores consiste em analisar as consoantes finais, C], não como codas, mas como onsets de uma sílaba com núcleo vazio, diferenciando-se, dessa forma, da tradição que vê tais consoantes como a porção final de uma sílaba. Tanto a atribuição de acento quanto a análise de grupos consonantais (clústeres) de diversas línguas servem como argumentos para a proposta, cuja base, fundamentalmente, é uma estrutura silábica abstrata, que admite a existência de categorias silábicas não preenchidas.

Para esclarecer a proposta, é importante compará-la à abordagem que vê as consoantes finais como codas silábicas, por meio de um exemplo: considere-se a palavra 'top' (topo) do Inglês. A silabificação dessa palavra será diferente, conforme a abordagem: na de coda final, será, [top]σ; na de onset, [to] σ [p]σ. A primeira tem amplo reconhecimento na linguística ocidental e tem inúmeros trabalhos que a sustentam. A segunda, mais antiga, para a qual a C] é o onset de uma sílaba que carece de um núcleo audível, é defendida por Harris e Gussmann (1998) como a abordagem correta. Harris e Gussmann (1998) denominam as duas abordagens de oeste e leste. Vale lembrar que, para os autores, a consoante em posição de coda final está relacionada ao núcleo à sua esquerda, daí a denominação *west* (oeste), como em /top/ do Inglês, em que a coda /p/ está associada ao núcleo /o/; já a



consoante final considerada onset tem o núcleo vazio à direita, daí *east* (leste), como /to.p0/.<sup>1</sup>

Tal núcleo, normalmente inaudível, é materializado apenas em certas circunstâncias. Veja-se também o exemplo do Islandês em (1), da palavra /tal/ “número”, retirado de Harris e Gussmann (1998:17).

(1)

- |       |                           |  |
|-------|---------------------------|--|
| tal]  | Abordagem “ <i>west</i> ” | /l/ (uma C]) é coda da sílaba com núcleo /a/ (audível) à sua esquerda.     |
| ta.l] | Abordagem “ <i>east</i> ” | /l/ (uma C]) é onset da sílaba com núcleo vazio (inaudível) à sua direita. |

A defesa da proposta, retomada posteriormente pelos autores em “Word-final onsets” (2002), considera três aspectos: (1.2) os argumentos para a tese de que a consoante final não seja coda; (1.3) os argumentos para a tese de que a consoante final deva ser onset e, por fim, (1.4) as razões para admitir a presença de um núcleo silencioso.

A seguir, passamos a expor essa argumentação, organizando-a conforme as seções nas quais o artigo está dividido.

## 1.2 OS ARGUMENTOS PARA A TESE DE QUE CONSOANTES FINAIS NÃO SÃO CODAS

Para compreendermos a discussão que será feita aqui, é importante, antes de mais nada, compreendermos a distinção que os autores fazem entre a perspectiva centrada na sequência de fonemas e a perspectiva centrada na sílaba. Em uma abordagem centrada na sequência de fonemas, as posições silábicas são projetadas

---

<sup>1</sup> Cabe apontar para o jogo de palavras que os autores fazem com as posições coda/onset e as distinções oeste/leste, que não somente se referem a posições silábicas, mas a tradições linguísticas do oeste (Europa e América) e do leste (Ásia). Na Ásia, a tradição de considerar a consoante final um onset é bastante antiga, pois está presente em antigas escritas de base silábica: Sânscrito, Hindu, Bengalês, Gujarati, Telugu e Sinhalês, Japonês (Katakana e Hiragana) e Coreano.

a partir dos segmentos, de acordo com a sequência de sonoridade. Dessa forma, dependendo da sequência de segmentos, não há limite para o número de consoantes que podem ocorrer em onsets e codas, como /frst/ em *wstret*, “repulsão”, do Polonês, ou /rpst/ em *herbst*, outono, do Alemão. Na abordagem alternativa proposta pelos autores, a estrutura silábica é definida de forma mais independente da sequência de segmentos e da estrutura da palavra e obedece a condições mais restritas, por exemplo, quanto ao número de segmentos que podem ocupar uma determinada posição. Uma das consequências empíricas dessa abordagem centrada na sílaba e não nos segmentos é uma rejeição do pressuposto de que toda posição silábica precisa ser ocupada por um elemento, ou seja, pode haver posições sem qualquer conteúdo segmental associado.

This allows us to maintain a highly restricted set of syllable types and to dispense with the complex non-core structures that the phoneme-centred approach sees as ordinary, hence unsurprising, or at least as necessary (HARRIS e GUSSMANN, 1998:2).

As evidências contrárias ao fato de que a consoante final seja coda são provenientes de três fontes diferentes: 1. Tipologia silábica, 2. Acento e 3. Duração da vogal.

Quanto à **tipologia silábica**, partindo da classificação mais comum, as línguas do tipo CV e do tipo CVC, as predições da abordagem “west” são (a) qualquer língua CV que carece de coda interna também carece de coda final e (b) qualquer língua CVC permite tanto coda interna quanto coda final. No entanto, há contraexemplos, como os de línguas como Luo e do maia Yucatec, que não permitem sílaba CVC interna, mas permitem C final; e outras, como o Italiano e o Telugu, que permitem CVC interna, mas não C final. Partindo dessa situação, parece haver duas escolhas quanto ao domínio silábico, quais sejam:

- (a) a possibilidade de haver coda no domínio interno;
- (b) a possibilidade de haver coda no domínio externo.

Cruzando essas duas opções, são esperados quatro tipos de sistemas silábicos, em (2), conforme Harris e Gussmann (1998:4).

(2)

Sequência VC] Final?	Sequência VC • Interna?	
	Não	Sim
Não	Ia ...V•CV]	IIa ...V(C)•CV]
	Zulu	Italiano
Sim	Ib ...V•CV(C)]	IIb ...V(C)•CV(C)]
	Luo	Inglês

A existência de tal tipologia contradiz as predições de qualquer proposta que diga que a posição de C] deve ser igual à posição de coda interna.

A segunda evidência negativa relaciona-se ao **acento**. Muitos trabalhos em fonologia métrica adotam a perspectiva “*west*”, isto é, a de que a C] é coda, muito embora esse elemento seja frequentemente interpretado como extramétrico por não contribuir para o peso silábico. O dispositivo da extrametricidade, no entanto, é apenas um recurso para explicar por que a consoante final não contribui para o peso da sílaba precedente. O fato de que as consoantes finais frequentemente se comportam como se não estivessem lá é o que precisa ser explicado. Ilustram esse aspecto exemplos de verbos no Inglês, nos quais o acento cai na última sílaba se pesada ou então na penúltima. Entretanto, a sílaba final somente será considerada pesada se houver duas consoantes depois da vogal ou se a rima tiver núcleo complexo, como (3)a e (3)b, respectivamente. Caso haja apenas uma consoante depois da vogal, o acento cai na penúltima sílaba (3)c.

(3)

A	b	c
Torment	cajole	edit
Lament	maintain	astonish
Colláapse	caróuse	cáncel

No Inglês, o acento é atraído para a última sílaba, se ela for pesada, como em (3)a; caso contrário, vai para a penúltima, mesmo que ela não seja pesada. Os exemplos de (3)c mostram que a consoante final não é considerada para a atribuição do peso silábico, pois, caso contrário, seria esperado que o acento recaísse na última, como mostra a representação abaixo:

(4)

- .   \*   .
- a. as   tó   ni   <sh>
- b.   é   di   <t>
- c.   cân   ce   <l>

Considerando (4)a., assim como os demais exemplos, vemos que a porção extramétrica <sh> não é considerada, e o acento checa o peso da última sílaba, desconsiderando a consoante final. Como (ni) não apresenta núcleo ramificado ou consoante na posição de coda, ou seja, é leve, o acento não encontra ambiente para ser aí “alojado” e vai para a penúltima sílaba, (tó).

Em outras palavras, o segmento <sh> não pode ser considerado para atribuição de acento por não ter material fonético associado à rima, mostrando a razão pela qual a consoante é sistematicamente extramétrica. Dessa forma, a generalização sobre o acento dos verbos em Inglês é expressa e se converte em um bom argumento para a proposição de Harris e Gussmann (1998), segundo a qual uma C] não se comporta como coda, pois, na verdade, é o onset de uma sílaba posterior, a qual não está visível ao acento, o que discutiremos com mais detalhes posteriormente.

A terceira evidência negativa vem da **duração da vogal** em certas línguas nas quais a consoante da coda faz com que o núcleo vocálico seja curto. Línguas como o Inglês e o Islandês evidenciam esse fenômeno conhecido por encurtamento de sílaba fechada, como os exemplos a seguir.

77(5)

a.

Inglês

per.cei.ve	<i>per. c/i:/. ve</i>	‘perceber’
per.cep.tive	<i>per. c/ε/p. tive</i>	‘perceptivo’

b.

Islandês

svo	<i>sv/o:/</i>	‘assim’
pan.ta	<i>p/a/n.ta</i>	‘ordem’

Os exemplos de ambas as línguas mostram o papel da consoante na posição de coda para o encurtamento. Então, é possível pensar que vogais longas podem ser indícios de que a consoante seguinte pertença ao onset de uma sílaba com núcleo à sua direita. No interior das palavras de muitas línguas, uma sílaba fechada, CVC, promove núcleos vocálicos de duração curta, ao passo que sílabas abertas, CV, promovem o surgimento de vogais com duração longa. Portanto, o encurtamento de sílaba fechada pode ser um teste para verificar se a vogal e a consoante seguinte ocupam a mesma sílaba em línguas como essas. O domínio final do Inglês revela que uma V longa aparece diante de uma C] – a qual, portanto, não é a coda, que, nessa posição, encurtaria a vogal, como a análise com dados com domínio interno ilustra.

(6)

**Domínio final**

perceive <i>si:v</i>	‘perceber’
describe <i>krayb</i>	‘descrever’
scribe <i>ay</i>	‘escritor’
retain <i>ey</i>	‘reter’

**Domínio interno**

perceptive <i>ε</i>	perceptivo
description <i>i</i>	descrição
scripture <i>i</i>	‘inscrição’
retentive <i>ε</i>	‘retenção’

É pertinente questionar se, nesses casos, a vogal longa é, de fato, uma forma derivada de uma forma subjacentemente curta (SPE) ou se as alternantes vocálicas, longa e curta, já não seriam formas independentes, lexicalmente relacionadas. Somente no primeiro caso poder-se-ia falar em encurtamento propriamente dito. Para os autores, embora a última ideia pareça ser a mais correta no estágio atual da língua, (*op.cit.*, p. 7), a questão não afeta, na verdade, a validade do argumento: os exemplos em (6) mostram comportamentos diferentes no domínio interno e no domínio final: antes de C], a vogal é longa, já que a consoante seguinte não é coda. Os dados em (6) estão, portanto, em desacordo com a posição do oeste. No terceiro capítulo, que traz evidências de diversas línguas, retomamos essa questão e trazemos a análise do alongamento no Islandês, língua na qual o alongamento é um processo facilmente observável.

### 1.3 CONSOANTES FINAIS SÃO ONSETS

Há algumas evidências positivas para considerar a consoante final como onset, partindo da análise de **clústeres<sup>2</sup> finais** e da **duração da vogal pré-consonantal**. A argumentação, no primeiro caso, baseia-se na tese de que a sequência de sonoridade é respeitada sempre, não somente nas sequências consonantais internas à palavra. No segundo caso, a sustentação do argumento a favor da C] como onset vem das evidências já expostas na seção anterior, as quais mostram a vogal longa numa sílaba aberta, ou seja, em que a consoante não é coda.

Para os autores, ao lidar com modelos de **clústeres** para uma dada língua, espera-se que eles sejam aplicáveis internamente e na borda da palavra. Entretanto tal proposição não é observada comumente, o que indica, no entender dos autores, que nem sempre as bordas das palavras pareciam corresponder às bordas silábicas. De fato, ocorre que o tipo de clúster no final de palavras excede o número de

---

<sup>2</sup> A palavra “cluster” refere-se a grupos consonantais diferentes dos que se realizam no PB, pois apresentam mais e diferentes elementos. Por esse motivo, o termo aparece “aportuguesado”, respeitando a acentuação: clúster/clústeres.

consoantes verificadas no interior. No Inglês, por exemplo, é possível ter uma coda final com quatro ou até cinco consoantes.

(7)

triumphed	'triunfado'	Mpft	Belched	'vomitado'	ltʃt
Films	'filmes'	lmz	thousandths	'milésimos'	ntθs

Clústeres como esses, no entanto, são verificados apenas na sufixação; ou seja, não há raízes monomorfemáticas que apresentem tais sequências. É importante notar que as sequências surgidas nas bordas de morfemas são irrestritas da mesma forma que as sequências entre palavras no nível da sentença, conforme (8).

(8)

<b>dreame</b> d 'sonhei'	<b>dream</b> <b>did</b> 'sonho que'
<b>ring</b> e <b>d</b> 'cercado'	<b>ring</b> <b>David</b> 'cercar david'

Considerar clústeres formados no nível da sufixação ou no da sentença não permite estabelecer generalizações sobre a realidade das sílabas internas, pois o processo de sufixação pode criar sequências que não são encontradas normalmente internas a um morfema (BOROWSKY, 1989; e HULST e EWEN, 2000). Internamente, as sílabas fechadas contêm no máximo uma consoante (shel.ter – af.ter).

As sequências internas, ou seja, no nível da raiz, podem ser verificadas nas palavras monossilábicas. Partindo de uma análise dessas sequências internas em línguas como Inglês, Islandês, Francês e Polonês, Harris e Gussmann (1998) constatam que a ocorrência de mais de duas consoantes em coda não se verifica.

No Inglês, por exemplo, as palavras admitem, no máximo, duas consoantes, cujos clústeres típicos são nd, nt, lt, ld, mp, ŋk, com sonoridade decrescente, e pt, kt, st, ft, com a mesma sonoridade.

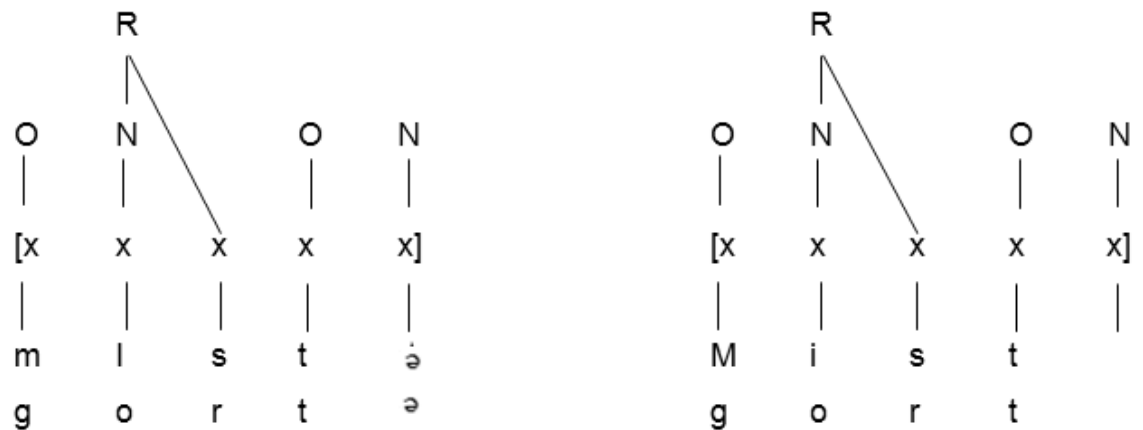
Esses clústeres formam, internamente, uma sequência coda-onset. Para os autores, não há motivos para se considerar um clúster final de forma diferente, isto é, como coda complexa. A ideia é ilustrada com exemplos do Inglês e do Irlandês:

(9)a .C.C coda-onset interna

b. C.C] Coda-onset final

mister (ing.) 'senhor', gorta (irl.) 'fome'

mist (ing.) 'névoa', gort (irl.) 'campo'



Em (9)a, todas as posições estão ocupadas; no entanto, em (9)b, há um onset cujo núcleo permanece silencioso.

Com relação aos clústeres em final de palavra, os autores salientam uma questão importante: devemos considerá-los como onsets complexos? Harris e Gussmann (1998) mostram que uma sequência CC] pode ser escandida tanto como clúster coda-onset quanto como onset complexo. A possibilidade depende da língua e da sonoridade dos segmentos. No caso do Inglês, não há onsets complexos finais, mas ocorrem em outras línguas, como no Islandês – *sötr* [sö:tr] 'engolir ruidosamente'- e no Francês – *sabre* [sabr]; esses casos serão apresentados no terceiro capítulo desta tese.

Vale lembrar que o Português não é uma língua que apresenta clústeres finais nem a oposição entre vogais longas e breves, entretanto, a análise desse idioma, cujas evidências virão de outros contextos, no capítulo 4 deste trabalho, reitera a proposição de que consoantes finais são onset de sílabas com núcleos vazios.

#### 1.4 UMA CONSOANTE FINAL É SEGUIDA POR NÚCLEO VAZIO (NV).

A existência de núcleos vazios sustenta uma teoria mais restrita da estrutura silábica do que aquela que permite constituintes extraviados. Se as consoantes



finais ocupam um onset, é possível concluir que ele deve ser seguido por um núcleo silencioso à sua direita. Em defesa dessa ideia, os autores argumentam que, estruturalmente, não há nada de incomum com esse tipo de sílaba: ela contém uma posição de onset licenciada por uma posição nuclear. Rotular tal constituinte como “degenerado” (Selkirk, 1981) faz sentido em uma abordagem centrada no fonema, segundo a qual uma sílaba sem vogal é foneticamente incomum, pois não se espera que a ausência de um segmento corresponda a uma posição estrutural. Entretanto, uma abordagem centrada na estrutura silábica não nega a priori a existência de uma sílaba com posição vazia.

Há teorias que permitem apêndices silábicos, como Selkirk (1982) e Clements e Keyser (1983), por exemplo. Vale lembrar, contudo, que uma teoria que admite apêndices somente os admite, sem poder dizer muito sobre eles. Para a teoria segundo a qual as consoantes finais são onsets de sílabas com núcleos vazios, os apêndices em final de palavra não existem, apenas as sequências bem formadas de (a) coda/onset, (b) onset complexo ou (c) coda/onset complexo. Ao considerar essa segunda proposição, é possível dizer quais sequências em final de palavra são bem formadas, e essa teoria, portanto, é melhor, do ponto de vista epistemológico, pelo fato de ser mais restrita.

Além da restritividade, os autores apresentam outros dois argumentos a favor da teoria do núcleo vazio: o papel do NV no acento e na versificação e a sua “audibilidade”.

Como o acento é sensível à estrutura silábica, se o NV é realmente uma estrutura, espera-se que sua presença se reflita na estrutura métrica, como a de qualquer núcleo. Sejam os exemplos do Espanhol:

(10)

A		b	
Patáta	‘batata’	Madríd	
Palóma	‘pomba’	jamón	‘presunto’
Camisa	‘camisa’	papel	‘papel’

Ao considerar a proposta “oeste”, isto é, que C] é coda de uma sílaba com núcleo à esquerda, a generalização é a seguinte: o acento recai na última sílaba se

ela contém uma consoante, (10)b, caso contrário, recai na penúltima. (10)a pela proposta “leste”, ou seja, C] é onset de uma sílaba com núcleo à direita, a generalização torna-se mais simples: a sílaba sem núcleo é incorporada metricamente, e o acento em espanhol consiste em um pé troqueu final.

## (11) a. patáta

( - U )

O	N	O	N	O	N
x	X	X	x	X	X
p	a	t	a	t	a

## b. papel

( - U )

O	N	O	N	O	N
x	X	x	x	X	X
p	a	p	e	l	

É preciso notar que nem todas as línguas tratam de modo semelhante as sequências VCV] e VC] finais com relação ao acento. Ao contrário do Espanhol, o Polonês nunca acentua a vogal final, independentemente de essa ser seguida por uma consoante (kobiéto “mulher” – kobiétom “mulher, dat. pl.”). Podemos considerar, então, línguas que projetam o NV metricamente e línguas que não o fazem, o que torna a projeção do núcleo vazio uma variação paramétrica. Olhemos novamente para os exemplos do Inglês:

(12)

A		B	
Agenda	‘agenda’	Tormént	‘tormento’
Magenta	‘magenta’	Lamént	‘lamento’
Aroma	‘aroma’	Cajóle	‘persuadir’

A tradicional perspectiva ‘oeste’ refere-se a sílabas pesadas (12)a e a superpesadas (12)b, sendo que a última apresenta uma coda com duas consoantes.

Isso, entretanto, perde a razão se assumimos que as sílabas superpesadas são, na verdade, uma sílaba pesada seguida por uma leve que contém um núcleo vazio. É possível observar, então, que as palavras em (12) apresentam um troqueu

com cabeça à esquerda (pesado) na margem silábica direita, seguido por uma sílaba extramétrica tanto com um núcleo audível, como em **a(gén)da**, quanto com o núcleo inaudível, como em **tór(mén)tØ**.<sup>3</sup>

Reconhecer os NV finais também permite uma concepção unificada da noção do que seja rima na versificação. Tradicionalmente, dois tipos de rima são reconhecidos: a masculina e a feminina. A rima masculina é aquela que termina como sílaba tônica, como em Mar Português, de Fernando Pessoa - *Ó mar salgado, quanto do teu sal/são lágrimas de Portugal!// Por te cruzarmos, quantas mães choraram,/ quantos filhos em vão rezaram!// quantas noivas ficaram por casar/Para que fosses nosso, ó mar!*. A feminina, por sua vez, é aquela que apresenta uma sílaba acentuada e outra não acentuada: Por te cruzarmos, quantas mães choraram,/ quantos filhos em vão rezaram!/. No caso do Inglês, a rima masculina é formada por monossílabos tônicos (cook – book) ou por dissílabos ou trissílabos (collect – direct) ao passo que a rima feminina é formada por formas bissilábicas ou trissilábicas (elation – nation, merrily – verily).

Sob o ponto de vista ‘oeste’, existe uma identificação entre o que se entende por “rima” na estrutura silábica, a porção vogal + consoante pós-vocálica da sílaba, e a rima poética; por outro lado, não existe essa identificação nas rimas femininas, que consistem em um pé troqueu.

Considerando a proposição ‘leste’, não existe essa correspondência entre rima silábica e rima poética. Por outro lado, todas as rimas poéticas são potencialmente pés fonológicos. A diferença entre umas e outras está no fato de o núcleo ser audível ou não: na rima feminina, ele é, como em pla(cénta) – ma(génta); na masculina isso não acontece, como em pre(téndØ) – ex(péndØ). Em termos de sílaba e de acento, todos os versos são femininos, ou seja, “minimamente binários”. Segundo Harris e Gussmann (1998:21), essa ideia está de acordo com a tese de McCarthy & Prince (1986) de que todos os pés sejam minimamente binários.

Sobre versificação, vale lembrar que a noção de que existem entidades “metrificáveis” silenciosas não é completamente desconhecida da tradição greco-romana (oeste, ou coda final). Isso é inerente ao mecanismo de ‘catalexe’: o

---

<sup>3</sup> Estes exemplos mostram que, no caso do Inglês, o núcleo vazio não é projetado para o nível do acento, mas isso por força da extrametricidade da sílaba final (seja ela de núcleo preenchido ou núcleo vazio).

elemento silencioso, em termos musicais ou métricos, deve ser considerado no final do verso para ser escandido. A noção é ilustrada com o exemplo de rima popular a seguir, citado por Harris e Gussmann (1998:21):

(13)

/Ta/ffy/ was/ a /Welsh/man/  
 /Ta/ffy/ was/ a /thief/ Ø/  
 /Ta/ffy/ came/ to/ my/ house/  
 /And /stole /a /piece/ of/ beef /Ø/

É fácil observar como o mecanismo da catalexe relaciona-se à proposição leste, ou seja, a de que a consoante final é onset de uma sílaba com núcleo vazio (/thie/f Ø/, /bee/f Ø/).

Finalmente, há outra motivação para um NV: sua audibilidade em determinadas circunstâncias. Harris e Gussmann (1998) ilustram isso com a flexão no Inglês e a realização das preposições do Polonês.

A sufixação de –s “plural” ou –d “passado” em Inglês acaba produzindo uma sequência de consoantes em potencial que tende a ser quebrada pelo surgimento de uma vogal, o que ocorre principalmente quando as consoantes são parecidas foneticamente.

(14)

**a. Sufixação de plural –s**

Cats		'gatos'	buses		'ônibus, pl.'
Ribs	com /s/ ou /z/	'costelas'	bushes	com /iz/	'arbustos'
Leaps		'saltos'	churches		'Igrejas'

**b. sufixação participio –d**

Travelled		'viajado'	wedded		'casado'
Crushed	com /d/ ou /t/	'achatado'	waited	com /id/	esperado
Wronged		'injustiçado'			

A análise dessa alternância, baseada em regras, resolve essa questão com o recurso da epêntese, ou seja, uma vogal é inserida para separar um clúster inesperado ou “ofensivo”. Entretanto, a derivação fonológica tem de admitir duas transformações: uma que insere uma posição silábica e outra que move a consoante do final da raiz da posição de coda ( $b_{\Lambda S^*}$ ) para a de onset ( $b_{\Lambda.siz}$ ).

Em contrapartida, a proposição ‘leste’ permite uma teoria mais restrita de derivação que evita a necessidade da ressilabação. Conforme os autores, a morfologia do Inglês produz sequências de consoantes que devem ser interpretadas como pertencentes a domínios silábicos diferentes. Se a consoante final da raiz ocupa o onset de uma sílaba com NV, ela sempre fica separada da consoante seguinte, do sufixo, como em  $[[rib\emptyset]z]$  **ribs**. (vale lembrar que os autores também consideram um núcleo vazio após esse sufixo). Na maior parte das circunstâncias, o núcleo vazio permanece silencioso mesmo quando seguido por uma consoante. Entretanto, em algumas circunstâncias, ele tem de se manifestar. Sejam as representações de *wedded* ‘ligado’ e *misses* ‘perde’.

(15)

<p>a. <i>Wedded</i></p> <table style="border-collapse: collapse; margin-left: 20px;"> <tr> <td style="text-align: center;">O</td><td style="text-align: center;">N</td><td style="text-align: center;">O</td><td style="text-align: center;">N</td><td style="text-align: center;">O</td><td style="text-align: center;">N</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;"> </td><td style="text-align: center;"> </td><td style="text-align: center;"> </td><td style="text-align: center;"> </td><td style="text-align: center;"> </td><td style="text-align: center;"> </td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">[[x</td><td style="text-align: center;">X</td><td style="text-align: center;">X</td><td style="text-align: center;">x]</td><td style="text-align: center;">X</td><td style="text-align: center;">x]</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;"> </td><td style="text-align: center;"> </td><td style="text-align: center;"> </td><td style="text-align: center;">i</td><td style="text-align: center;"> </td><td></td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">w</td><td style="text-align: center;">ɛ</td><td style="text-align: center;">d</td><td></td><td style="text-align: center;">d</td><td></td> </tr> </table>	O	N	O	N	O	N							[[x	X	X	x]	X	x]				i			w	ɛ	d		d		<p>b. <i>misses</i></p> <table style="border-collapse: collapse; margin-left: 20px;"> <tr> <td style="text-align: center;">O</td><td style="text-align: center;">N</td><td style="text-align: center;">O</td><td style="text-align: center;">N</td><td style="text-align: center;">O</td><td style="text-align: center;">N</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;"> </td><td style="text-align: center;"> </td><td style="text-align: center;"> </td><td style="text-align: center;"> </td><td style="text-align: center;"> </td><td style="text-align: center;"> </td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">[[x</td><td style="text-align: center;">x</td><td style="text-align: center;">x</td><td style="text-align: center;">x]</td><td style="text-align: center;">X</td><td style="text-align: center;">x]</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;"> </td><td style="text-align: center;"> </td><td style="text-align: center;"> </td><td style="text-align: center;">i</td><td style="text-align: center;"> </td><td></td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">m</td><td style="text-align: center;">ɪ</td><td style="text-align: center;">s</td><td></td><td style="text-align: center;">z</td><td></td> </tr> </table>	O	N	O	N	O	N							[[x	x	x	x]	X	x]				i			m	ɪ	s		z	
O	N	O	N	O	N																																																								
[[x	X	X	x]	X	x]																																																								
			i																																																										
w	ɛ	d		d																																																									
O	N	O	N	O	N																																																								
[[x	x	x	x]	X	x]																																																								
			i																																																										
m	ɪ	s		z																																																									

Os fonemas  $i/i$  são a interpretação fonética de um NV. Nessa situação particular, seu som pode ser ouvido, a fim de que não haja um hiato entre as consoantes. A chamada epêntese, então, não é no nível silábico, mas epêntese no nível dos traços segmentais; no nível da sílaba, nenhuma estrutura silábica nova é inserida e nenhuma posição é ressilabada.

Outro caso similar vem da análise das preposições do Polonês:  $w /v/$  ‘em’ e  $z/ /z/$  ‘com’. Como formam um domínio prosódico independente, elas terminam com um NV, normalmente inaudível, antes de outra palavra iniciada por consoante, como  $[vmg]$  em **w mgnieniu** ‘em um piscar’ ou  $[zdrv]$  em **z drwalem** ‘com um cortador de lenha’. O clúster complexo não barra essas preposições, no entanto, se a sequência

inicial da palavra começa com uma consoante similar à da preposição, o núcleo final da preposição aparece, como um /e/ em **we wtorek** ([vevt...]), ‘na Terça’, ou **ze zlosci** ([zew...]) ‘apesar de’. O mecanismo dessa língua parece ser o mesmo que o do Inglês: o núcleo vazio trai sua presença quando forçado por uma sequência particular de sons.

Considerando a possibilidade de ramificação na rima, a tipologia das línguas apresentada no início, retomada abaixo, pode ser explicada em termos de combinação de dois parâmetros, conforme propõem HARRIS e GUSSMANN (1998:23).

(16)

	Núcleos vazios finais?		Rima ramificada?	
	Não	Sim	Não	Sim
Não	la	...V•CV	lla	...V(C)•CV
	Zulu		Italiano	
Sim	lb	...V•CV(C)	llb	...V(C)•CV(C)
	Luo		Inglês	

Um parâmetro controla se a gramática permite ou não rimas internas ramificadas: se estiver desativado, evita sílabas fechadas, (16) la e lb; outro controla a permissão de um núcleo silencioso no domínio final. Se esse parâmetro está ‘desligado’, então qualquer palavra deve terminar em uma vogal (16) la e lla; se está ativado, a língua permite consoante final, conforme (16)lb e llb ilustram. Dessa forma, o reconhecimento de que uma rima ramificada interna e uma sequência VC] final são entidades independentes permite capturar de forma mais simples as distinções tipológicas trazidas acima.

Em resumo, Harris e Gussmann (1998) comparam duas perspectivas sobre o *status* silábico da consoante final, leste e oeste, e trazem para a análise fatos diversos: da tipologia das línguas, do acento, da duração da vogal e do comportamento de clústeres. Todas as evidências trazidas apontam, segundo os autores, para a conclusão de que uma consoante final não é uma coda, mas o onset de uma sílaba contendo um núcleo que é autorizado para permanecer silencioso.

A seguir, sintetizamos as ideias do texto de Harris e Gussmann (1998), na ordem em que estão no artigo referido. Em primeiro lugar, os autores vão

desconstruindo pouco a pouco a tese de que uma C] seja coda. Para isso, contribui o argumento de que há línguas que somente admitem consoantes finais e não codas internas. Em segundo lugar, o fato de que, se consoantes finais fossem codas, deveriam assim se comportar na atribuição de acento, o que é contraevidenciado com dados do Inglês, em que a consoante final sistematicamente não contribui para o peso silábico. Em terceiro lugar, a observação de que sílabas com C] admitem vogal longa (tip/tape), em línguas como o Inglês; entretanto, em sílabas internas à palavra, a duração da vogal nunca é longa se a sílaba for fechada, isto é, se tiver uma consoante em coda. Se Cs finais fossem codas, deveriam provocar o encurtamento das vogais precedentes da mesma forma que ocorre internamente.

Na sequência, para mostrar que C<sub>s</sub>] são onsets, a argumentação baseia-se na tese de que a sequência de sonoridade é respeitada sempre, não somente nas sequências consonantais internas à palavra. Clústeres finais frequentemente violam essa sequência, mas, se considerarmos que esses clústeres formam um onset e não uma coda, como em *sabre*, do Francês, [sab<sub>R</sub>], a violação não ocorre. Também não ocorre se o clúster for dividido em coda.onset, a exemplo de *fifth* do Inglês [fif.θ]. A teoria, portanto, admite que não somente uma, mas duas (ou até mais consoantes) constituam o onset de sílaba de núcleo vazio. O que acontece em cada caso parece depender da Escala de Sonoridade exclusivamente.

Finalmente, os autores explicam por que os núcleos desses onsets podem ser vazios. A argumentação baseia-se na ideia de que sílabas com núcleo vazio não têm nada de excepcional do ponto de vista do seu caráter silábico; seu aspecto “extraordinário” reside apenas na falta de conteúdo segmental. Assim, do ponto de vista da estrutura, abstratamente, portanto, a sílaba com núcleo vazio não tem nada de incomum, é constituída de onset e núcleo; esse tipo de sílaba apenas é foneticamente incomum porque o seu núcleo não possui conteúdo segmental associado.

Um argumento que os dois autores trazem para defender a ideia de que as sílabas com núcleo vazio não têm nada de mais é o de que sílabas com núcleo vazio funcionam como outras sílabas na contagem métrica e regularizam a localização do acento: em línguas como o Espanhol, pode-se dizer que o acento é atribuído por um troqueu final, considerando-se sílabas finais com núcleo vazio em palavras como *Madrid* e *papel*. Os autores esclarecem o fato de que entidades

metrificáveis silenciosas unificam as rimas masculinas e femininas, também reconhecidas na catalexe, e que, por fim, o núcleo vazio é às vezes audível, como no caso da sufixação de –s ou –d no Inglês.

Mesmo não apresentando características comuns às línguas consideradas por Harris e Gussmann (1998), este trabalho junta-se a outros, como o de Pedrosa (2009), Cardoso, Hora e Pedrosa (2010) e Bisol (1999), analisando o PB, e o de Mira Matheus (2002) e Veloso (2006), os quais analisam a validade dessa teoria com base nos dados do PE.

## 1.5 ABORDAGENS ALTERNATIVAS

Neste ponto de nosso trabalho, ressaltamos que, se a consoante final é onset, isso resulta diretamente da concepção de que a sílaba é uma estrutura abstrata, à qual a estrutura segmental se ajusta, adaptando-se. Essa posição é, nesse sentido, muito parecida com a de Junko Ito (1986), embora, em outros aspectos, a teoria seja bastante distinta. A seguir, 1.5.1, detalhamos um pouco as características da proposta de Ito (1986), focalizando a ideia da extraprosodicidade, e suas diferenças em relação à proposta apresentada acima; na seção seguinte, 1.5.2, detalhamos a proposta de semissílabas, de Cho e King (2003).

### 1.5.1 A Extraprosodicidade (Ito, 1986)

A teoria de Ito (1986: 2-13) propõe-se a explicar o processo de silabação como um procedimento de mapeamento entre a estrutura segmental e um *template* silábico, o qual é uma estrutura abstrata (definida em termos de unidades C e V) e estabelecida para cada língua em particular. O mapeamento não é realizado por regras; constitui-se, na verdade, como um processo global, que se aplica sempre que um segmento não estiver associado a uma estrutura silábica, em obediência ao



Princípio de Licenciamento Prosódico, que diz que toda unidade fonológica deve estar prosodicamente licenciada, ou seja, deve fazer parte de uma estrutura prosódica superior.

As aparentes exceções a esse princípio são explicadas pela teoria da Extraprosodicidade. Segundo essa teoria, pode haver, nos sistemas acentuais, sílabas finais que não são contadas pelas regras métricas. Essa mesma ideia, no nível da estrutura silábica, permite segmentos não silabados nas bordas das palavras. Embora o Princípio de Licenciamento Prosódico esteja ativo, essas consoantes apresentam condições diferentes para limites de palavra e para limites internos. Podem aparecer segmentos, nos limites, que não respeitam a sonoridade silábica, bem como os diferentes tipos de codas finais complexas.

A diferença no que se refere ao tratamento de consoantes ou sequências de consoantes finais é que Ito (1986) não adota a ideia de sílabas com núcleos vazios. Em vez disso, ela prefere supor que as consoantes que não se adaptam à estrutura silábica (ao molde silábico, na sua terminologia) fiquem 'extraviadas' (stray). Esses segmentos, se não forem resgatados por algum procedimento de salvação, são apagados.

Essa abordagem de Ito (1986) poderia ser, de certa forma, abarcada pela abordagem de Harris e Gussmann (1998): em algumas línguas, sílabas de núcleo vazio têm de ser resgatadas ou então serão apagadas. A principal diferença é que, no caso de Ito (1986), o apagamento é universal, e, na abordagem de Harris e Gussmann (1998), parece ser paramétrico.

Cabe destacar que, na abordagem de Ito (1986), apenas um segmento poderia ficar extraprosódico nas bordas de uma palavra. Isso porque, nesta teoria, a extraprosodicidade é restrita a uma unidade na borda de domínio (apenas uma sílaba pode ser extraprosódica, apenas um pé pode ser extraprosódico, apenas um segmento pode ser extraprosódico na borda de um domínio). Assim, essa abordagem não explica sequências de consoantes, como, por exemplo, *arbre* [arbr] “árvore” no Francês. Entretanto, a principal diferença é que, na visão de Harris e Gussmann (1998), uma consoante final ou uma sequência de consoantes finais não ficam invisíveis em nenhum momento, pelo contrário, elas são tratadas como os demais segmentos. Essa abordagem, portanto, não depende crucialmente da distinção de níveis derivacionais, mas da representação fonológica.

### 1.5.2 As Semissílabas (Cho e King, 2003)

Outra proposta muito semelhante à de onsets com núcleos vazios é a teoria que admite semissílabas. Há várias propostas de entidades semelhantes na literatura, com diferentes formatos; sílabas menores (SIEVERS, 1881), sílabas consonantais (HOCKETT, 1955; e KURYLOWICZ, 1952), sílabas sem cabeça (NEPVEU, 1994) e sílabas degeneradas (SHAW, 1993). Tais sílabas não têm coda, não carregam acento, são invisíveis aos processos prosódicos, estão sujeitas a exigências mínimas quanto à sonoridade e são restritas às posições periféricas dos morfemas.

Para Cho e King (2003), segmentos complexos podem ser analisados sob a perspectiva das semissílabas, partindo do fato de que muitas línguas obedecem ao Princípio de Sonoridade e ao Princípio de Escansão Exaustiva, segundo o qual nenhum segmento pode ser parte de uma palavra prosódica bem formada se não fizer parte também de uma sílaba.

Os autores definem semissílaba como uma sílaba que não contém nenhuma mora ( $\mu$ ). Essa definição apresenta consequências sobre seu comportamento, como em (17). Como não têm mora, as semissílabas são prosodicamente invisíveis e não contribuem para a formação do pé ou para a atribuição de acento. Nesse sentido, não é possível haver semissílaba pesada, nem tampouco o tom ou acento podem recair em uma semissílaba.

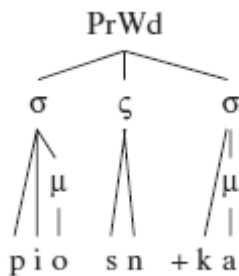
#### (17) Propriedades das semissílabas

- a) não há núcleo;
- b) não há coda;
- c) não há acento ou tom;
- d) é prosodicamente invisível;
- e) há clústeres de onset bem formados (seguindo o Princípio de Sonoridade);
- f) restringem-se à posição periférica do morfema.

A proposta de Cho e King (2003) considera que o Princípio de Sonoridade aplica-se também à semissílaba porque ela forma uma sílaba, ainda que apresente apenas o onset. Dessa forma, a semissílaba obedece aos princípios da estrutura silábica, por ser uma sílaba; no entanto, por não conter moras, ela é invisível aos processos prosódicos sensíveis a elas.

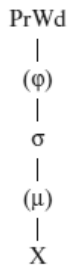
Em (18), Cho e King (2003) apresentam um dado do Polonês – ‘pions+ka’ (canção). Aqui a semissílaba é interna à palavra, mas periférica no morfema. Ela é constituída apenas por um onset, mas sem mora (na análise desses autores, a estrutura silábica é restrita ao onset e à mora). O onset está sujeito às condições de sonoridade do Polonês, que admite a sequência *sn*.

(18)



A semissílaba /sn/ está restrita a ocorrer na borda de morfemas. Além disso, a proposta desses autores baseia-se em três princípios universais que desempenham um papel na análise de clústeres consonantais complexos: Sequência de Sonoridade, Escansão Exaustiva e Hierarquia Prosódica. Como se pode ver, no exemplo acima, todas estas exigências são atendidas: a semissílaba é periférica no morfema, atende à exigência de sonoridade crescente em relação ao núcleo e também a de que todos os segmentos sejam escandidos em estrutura silábica. A adoção de semissílabas permite uma estrutura prosódica universal, mostrada em (19), segundo a qual todos os segmentos pertencem a uma sílaba e a uma palavra prosódica, mas não necessariamente a uma mora ou a um pé.

## (19) Hierarquia prosódica



Como se pode ver, a semissílaba de Cho e King (2003) possui semelhanças com a sílaba de núcleo vazio de Harris e Gussmann (1998). Nos dois casos, os Princípios de Licenciamento (Escansão Exaustiva) e de Sonoridade são seguidos à risca. Diferentemente de Ito (1986), a proposta permite dar conta de clústeres de três consoantes, como o caso do Francês [arbr] ‘árvore’. Entretanto, a proposta de Cho e King (2003) prevê que as semissílabas nunca tenham papel no acento e em outros fenômenos que tenham como referência a mora. Essa predição é distinta da que é feita pela abordagem de núcleos vazios, pois, como vimos anteriormente, sílabas de núcleo vazio podem ser computadas metricamente. Por esse motivo, ainda que tanto a abordagem das sílabas com núcleos vazios, de Harris e Gussmann (1998), quanto a proposição da semissílaba, de Cho e King (2003), possam servir como base para a análise das consoantes finais no PB, nosso trabalho tomará como base a primeira teoria.

## 2 EMBASAMENTO TEÓRICO

O capítulo 2 tem por objetivo reunir os fundamentos teóricos gerais com os quais trabalhamos e explicitar os pressupostos da análise que será apresentada nos próximos capítulos. Dessa forma, em 2.1, começamos com a discussão de como os conceitos de representações, de níveis representacionais e de derivação foram se modificando ao longo da evolução das teorias fonológicas e estreitamente relacionados a esses, as noções de princípios, parâmetros e regras. Em seguida, consideramos a sílaba como unidade fonológica e seus diversos aspectos, bem como sua relação com a estrutura do acento.

Com esses fundamentos apresentados, passamos, em 2.2, a tratar de questões relacionadas à sílaba na perspectiva da Fonologia de Governo (KAYE *et al* 1985, p. 90), procurando destacar como essa perspectiva se assemelha e se distingue de outras propostas; como nossa tese não adere integralmente a essa perspectiva, apenas adota determinadas concepções do modelo, vamos destacar o que é importante para nós deste modelo; por fim, em (2.5) exploramos algumas questões sobre a relação da estrutura silábica com a estrutura morfológica, especialmente acerca da noção de vogal temática.

### 2.1 OS MODELOS FONOLÓGICOS

Esta seção pretende especificar os pressupostos desta tese. Entendemos que representações fonológicas, de modo geral, são estruturas abstratas, as quais permitem a organização das entidades em jogo; o caso mais evidente, em nosso trabalho, diz respeito à representação da sílaba, mas tal pressuposto também diz respeito ao segmento, ao pé, ao morfema, etc. Em suma, as representações determinam como a faculdade da linguagem é concebida.

Com relação à representação da sílaba, em particular, consideramo-la, neste trabalho, uma unidade fonológica que articula as unidades segmentais entre si (em pequenas unidades sintagmáticas) e que, como estrutura imposta sobre as unidades segmentais, determina a aplicação/não-aplicação de processos. Entretanto, outras

unidades também têm função semelhante, a exemplo do pé e da palavra fonológica, pois também articulam unidades menores e impõem sobre essas restrições de realização.

Antes de detalharmos essas unidades e seu funcionamento, é importante retomarmos um pouco a evolução das teorias fonológicas a partir do modelo gerativo clássico de Chomsky e Halle (1968), no que se refere à inter-relação entre representações e derivações, a fim de contextualizar a discussão que se faz aqui.

Na teoria gerativa clássica, Chomsky e Halle (1968), as representações fonológicas organizam-se em dois níveis de representação: a representação subjacente e a representação de superfície. A primeira, por sua vez, é derivada, anteriormente, de informações morfológicas no léxico (tratamos aqui da análise da estrutura da palavra exclusivamente e não da estrutura da frase). Essa arquitetura da gramática prevê um léxico que armazena as informações fono-morfo-sintático-semânticas, bem como outras informações sobre propriedades gerais das representações de uma determinada língua. A relação entre os níveis representacionais é estabelecida por meio de regras sucessivas, que produzem uma grande quantidade de níveis intermediários, os quais têm papel secundário na teoria. As representações de superfície não são ainda a forma diretamente realizada, são, na verdade, formas pré-realização, prevendo-se que a realização concreta de uma palavra ou frase ainda esteja sujeita a processamento fonético.

O Estruturalismo, teoria representativa da primeira metade do século 20, reconhecia três níveis distintos, segundo McCarthy (2007, p. 99): o nível chamado de alofônico ou fonético, que era constituído por uma transcrição mais ou menos acurada do evento de fala, por exemplo [k<sup>h</sup>æ<sup>?</sup>ts] para *cats* ‘gatos’; no nível fonêmico, apenas os sons contrastantes eram representados: /kæts/; e no nível morfofonêmico, cada morfema tinha uma representação única: //kæt-P// (P é uma representação abstrata do morfema de plural, que reúne os alomorfes /-z/, /-s/, /-əz/, /-ən/ (*oxen* ‘bois’), /-r ən/ (*children* ‘crianças’), /-i:-/ (*geese* ‘gansos’), etc.

A representação de superfície da teoria gerativa corresponde ao nível alofônico do estruturalismo, mas a teoria gerativa não distingue o nível fonêmico e morfofonêmico. Na representação subjacente, cada morfema tem uma representação única (exceto nos casos de supletivismo, como em *children* e *oxen*, “criança+pl.” e “boi+pl.”, por exemplo). Essa representação única tem de ser

descoberta pelo analista da língua e também pelo aprendiz da linguagem. As formas alternantes de um morfema que emergem na superfície são, assim, resultado da aplicação de regras. Como as regras se aplicam em processos sucessivos, são geradas, na verdade, uma série de formas intermediárias, as quais, embora acessíveis às regras, não têm um papel fundamental na teoria, isto é, não são especificamente designadas; só a representação subjacente e a representação de superfície são designadas.<sup>4</sup>

Ao mesmo tempo em que se desenvolve a ideia de representações múltiplas, com diferentes graus de abstração, surge o conceito de traço distintivo como unidade mínima recorrente nos sons das línguas. Nos anos 50, ainda no contexto da fonêmica estruturalista, surge o “embrião” dessa teoria que estabelece traços, preliminarmente de base acústica (JAKOBSON, FANT & HALLE, 1952). Esse sistema serviu de base para o sistema de traços de base articulatória, apresentado em *Sound Pattern of English* (SPE), Chomsky & Halle (1968).

Na década subsequente à apresentação do SPE, a proposta teórica vai ser aplicada a diferentes línguas, e é nesse embate entre a teoria e a diversidade de dados linguísticos que surgem diversas propostas de aperfeiçoamento da teoria, referindo-se tanto aos traços e às novas unidades – maiores do que o segmento (sílabas, pés, moras, palavras prosódicas, *templates*, etc.) e menores do que o segmento (nódulos, *tiers* e outras unidades organizadoras de traços) – quanto à distinção entre os dois níveis. Algumas propostas restringem a fonologia a um nível apenas (são monoestratais, no dizer de MCCARTHY, 2007:100), já outras aumentam o número de níveis, como é o caso da Fonologia Lexical.

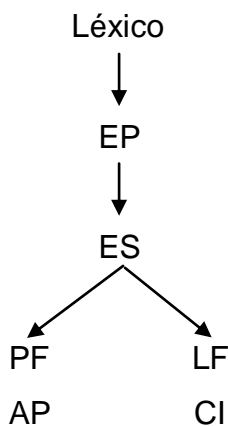
Para entender essa última proposta, é preciso considerar como a arquitetura da gramática era concebida no período da teoria gerativa, chamado Teoria dos Princípios e Parâmetros, desenvolvida por Chomsky e colaboradores, na década de 80. Nessa perspectiva, o léxico adquire uma importância muito grande, ainda que não faça parte da gramática propriamente dita. A faculdade da linguagem, a gramática, portanto, organiza-se em dois níveis de representação: a estrutura

---

<sup>4</sup> Conforme McCarthy (2007:101), os níveis designados são marcos em uma derivação fonológica com limitações especiais em seu conteúdo ou com um papel determinado a executar, particularmente o de realizar a interface com outros componentes gramaticais. Níveis não designados geralmente nem são considerados níveis de representação propriamente ditos; são pontos sem importância no espaço derivacional intermediário entre os níveis designados. (tradução nossa).

profunda, EP, e a estrutura de superfície, ES, que funciona da seguinte forma: um input é gerado no léxico e inicia o processo de derivação ou de flexão numa EP, dentro da qual percorre alguns níveis na derivação até a alcançar uma determinada forma na sua ES. Essa arquitetura da gramática prevê um léxico que armazena as informações fono-morfo-sintático-semânticas, bem como outras informações sobre propriedades gerais das representações de uma determinada língua, conforme (20) mostra.

(20)



Esse modelo da gramática propõe que um item, armazenado no léxico, inicia seu percurso para elaborar uma frase, passando, primeiramente, pela estrutura profunda (EP), na qual sofrerá alguns ajustes, até chegar à estrutura de superfície (ES). Após esse nível, a frase vai ser checada nos módulos PF (*phonological form*) e LF (*logical form*), os quais garantem a “roupagem” fonética de determinado idioma e a “significação”, respectivamente. Esses módulos têm uma interação com os sistemas de performance articulatório-perceptual (AP) e interpretativo-conceptual (CI).

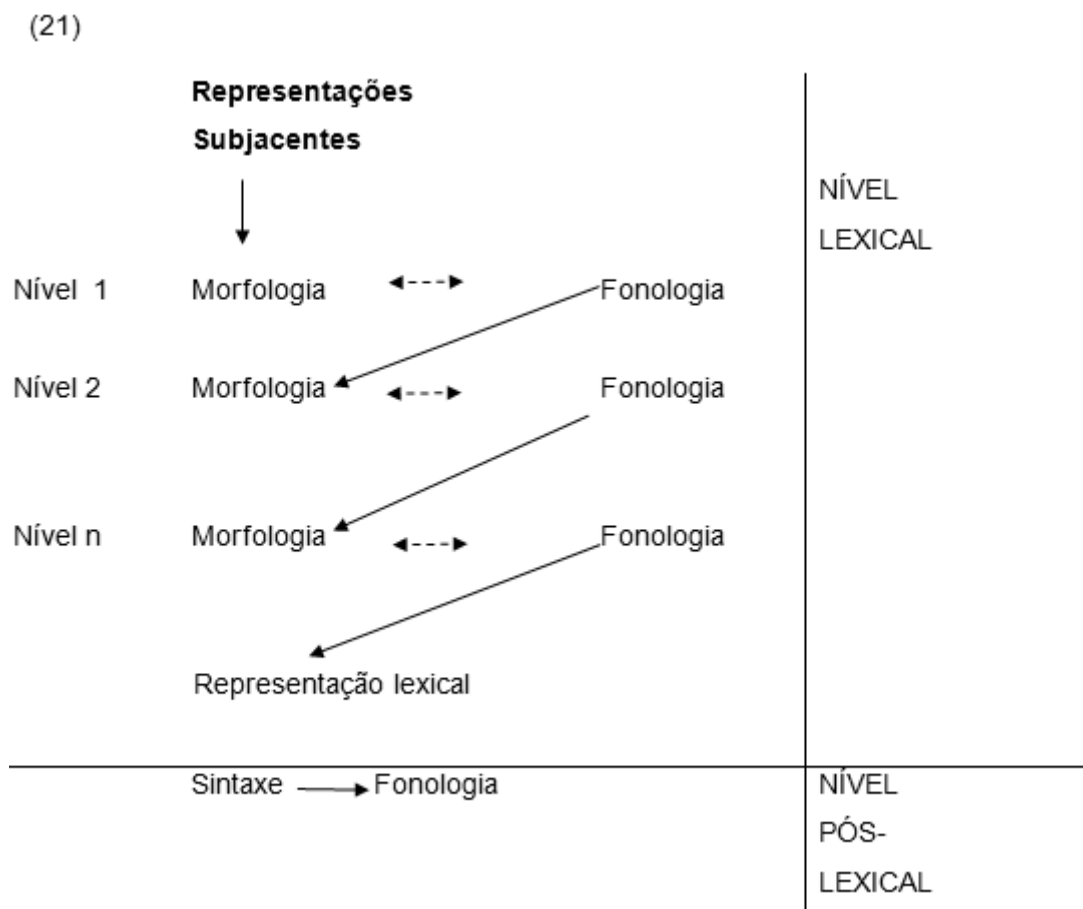
Partindo dessa concepção importante do funcionamento da linguagem, oriunda da sintaxe, chegamos à proposta da **Fonologia Lexical** (FL) teoria proposta por Kiparsky (1982), sob o título *Lexical Morphology and Phonology*.

Tal abordagem postula que a formação de uma palavra acontece graças à interação entre a Fonologia e a Morfologia, num léxico ordenado em níveis. É importante salientar que o léxico ocupa um papel ainda mais relevante para essa teoria, na medida em que ele engloba uma parte da gramática. O léxico está



organizado em níveis ou estratos, nos quais se encerram determinados processos morfo-fonológicos. Voltando ao exemplo dos plurais do Inglês, a flexão irregular de *children*, por exemplo, ocorre em um estrato, e a flexão regular de *cats* ocorre em outro estrato. Após a aplicação de regras lexicais, as palavras, já formadas, direcionam-se ao módulo da sintaxe, no qual sofrem a atuação de regras pós-lexicais. É importante notar que há regras diferentes para o nível lexical e para o nível pós-lexical, o que garante a identificação de processos distintos.

Vejamos o diagrama em (21).



No diagrama em (21), podemos observar que a representação subjacente encontra-se no léxico, onde vai haver a interação entre a morfologia e a fonologia: as regras fonológicas aplicam-se à saída de regras morfológicas, criando outra entrada potencial para o componente morfológico seguinte e assim sucessivamente. Dessa forma, é possível observar não somente que o léxico permite a aplicação cíclica de regras como também que a sequência de segmentos vai sendo construída

aos poucos, à medida que a concatenação de morfemas e a atuação das regras fonológicas vão acumulando seus resultados, como ilustramos em (22) com a derivação das formas *destruído* e *desestimulado*, respectivamente, com base em Schwindt (2001).

(22)

NÍVEL 1		
Sufixação	[[<S>trui]do]]	[[<S>timula]do]]
Silabificação	[<S>tru.i.do]	[<S>ti.mu.la.do]
Acento	[<S>tru.í.do]	[<S>ti.mu.lá.do]
Prefixação	[deS[<S>.tru.í.do]]	n.a.
Silabificação	[deS.s'tru.í.do]	n.a.
Simplificação	[deS.tru.í.do]	n.a. OCP
Epêntese	n.a.	[Vs.ti.mu.lá.do]
NÍVEL 2		
Prefixação	n.a.	[deS[Vs.ti.mu.lá.do]]
Silabificação	n.a.	[deS.Vs.ti.mu.lá.do]
PÓS-LÉXICO		
Ressilabificação	[des.tru.í.do] <i>destruído</i>	[de.zes.ti.mu.lá.do] <i>desestimulado</i>

A partir do modelo da Fonologia Lexical proposto por Kiparsky (1982), cada nível do léxico passa a ser analisado como domínio para determinadas regras morfológicas e fonológicas. Nesse sentido, existem as Regras Lexicais, as quais se aplicam apenas as palavras ou as partes de palavras, e as Regras Pós-Lexicais, que correspondem àquelas que se aplicam na saída da sintaxe, ou seja, às frases e, portanto, fora do léxico. Vale assinalar que a interação com a representação fonética acontece depois da ação das Regras Pós-Lexicais, no componente Articulatorio-Perceptual.

Segundo McCarthy (2007:101), a Fonologia Lexical herda da Fonologia Gerativa a ideia de uma aplicação sequencial de regras e da existência de uma série de níveis derivacionais intermediários. No entanto, ela se diferencia da teoria do SPE porque reconhece pelo menos três níveis designados: a representação subjacente, a representação pós-lexical (que corresponde à representação de superfície do SPE) e, entre as duas, a representação lexical (a representação de saída do componente lexical). O aumento no número de níveis permite, por outro lado, uma expressão mais simples de determinadas regras (por exemplo, uma

determinada regra não precisa mais de condições especiais de exclusão; o fato de a regra não se aplicar às formas de um determinado nível é simplesmente decorrente do fato de que a regra está adstrita a outro nível da gramática).

Diferentemente da Fonologia Lexical, a **Fonologia de Governo** (KAYE, 1985), tal como outras propostas teóricas do final dos anos 80, afasta-se da ideia de que há dois níveis fonológicos, um subjacente e outro de superfície. Em vez disso, um único nível é postulado, que é a entrada para o sistema fonético (articulatório). Nesta perspectiva *monoestratal* da fonologia (HARRIS, 2004), não há regras (extrinsecamente) ordenadas. As regras apenas ajustam as expressões fonológicas às condições de boa-formação ou aos princípios, mas a ordem em que se aplicam tem seu papel reduzido ao máximo.

A Fonologia de Governo separa a morfofonologia da fonologia. Diferentemente da Fonologia Lexical, alternâncias morfofonológicas (morfofonêmicas) pertencem a um componente diferente da gramática que o dos fenômenos fonológicos propriamente ditos, e em geral não são tratados por análises dentro dessa abordagem. Fenômenos como afrouxamento trissilábico (que, por exemplo, deriva ambas as formas *divinity* “divindade” e *div[aj]ne* “divino” da forma subjacente /dlvin/) e fricativização da Velar (que deriva *electri[s]ity* “eletricidade” de *electri/k/*) (HONEYBONE, 1999) são excluídos do componente fonológico. Tais alternâncias são listadas no léxico, mas não são relacionadas por processos tratados em nível fonológico. Assim, a diminuição do número de níveis na Fonologia de Governo ocorre às custas de uma parte do que se considera fonologia no modelo do SPE e da Fonologia Lexical. A diminuição do número de níveis também é compensada com um enriquecimento da representação, e esse é o aspecto com que a teoria mais contribuiu para a Fonologia como um todo.

Embora difiram no que se refere às derivações e ao número de níveis, abordagens oriundas da Fonologia de Governo, como as de sílabas de núcleos vazios, não são incompatíveis com a riqueza derivacional da Fonologia Lexical, e diversos autores aproveitaram elementos de uma e outra teoria para construir sua análise – Giegerich (1985), Piggott (1991, 1999), entre outros.

A arquitetura que a Fonologia Lexical apresenta é compatível com a proposta de núcleos vazios, os quais são previstos estruturalmente, mas nem sempre preenchidos foneticamente.

É notória a disposição, nos estudos em Fonologia da atualidade, para análises de fenômenos sob a perspectiva da Teoria da Otimidade (TO) proposta por Prince & Smolensky (1993), segundo a qual não há regras, mas restrições atuando em paralelo. Nesse modelo, o número de níveis fica reduzido a dois, o input e o output, que correspondem mais ou menos à representação subjacente e à de superfície do modelo gerativo *standard*. No entanto, as etapas intermediárias de derivação entre input e output são consideradas irrelevantes, pois não há papel para regras ordenadas. Na TO, o papel das representações ficou em segundo plano. Portanto, a principal diferença de abordagem, com relação à Fonologia de Governo, é a reduzida importância dada às representações.

Para Schwindt e Collischonn (2009), a TO não é definitiva com relação à representação silábica "correta", e não há uma preocupação para questões que ocupavam os fonólogos anteriormente, tais como, se ela se dá em termos de mora ou de constituintes como ataque, núcleo e coda. As questões de representação, o foco no período pré-TO, são preteridas, e a nova arquitetura da gramática, a derivação em paralelo com menor número de níveis, começa a ser o objeto das pesquisas. Assim, a escolha por um ou outro tipo de representação se dá pela relação com as restrições, uma vez que a organização interna da sílaba, por exemplo, é um detalhe. Por esse motivo, não há discussão acerca da estrutura desse componente nessa teoria.

Embora a TO possa ser considerada o modelo dominante no momento, acreditamos que uma investigação com perspectiva derivacional baseada em representações ainda esteja adequada, na medida em que ganham força, inclusive na perspectiva da TO, novas reflexões sobre as representações. O problema entre essa teoria e análises como a da Fonologia de Governo não são as representações, mas o fato de que as análises otimalistas focam na interação entre restrições para resolver um problema de análise, ao passo que as análises representacionais focam na estrutura das representações. Nossa perspectiva de trabalho, portanto, não nega a validade da TO como teoria da gramática, apenas consideramos buscar responder a uma determinada questão da estrutura silábica com base em determinados

pressupostos sobre representação, em vez de buscar a resposta na interação de restrições.<sup>5</sup>

Voltando nosso foco para as representações, no período pós-SPE, surgem várias abordagens que buscam simplificar as regras e torná-las mais próximas de algo universal, através do enriquecimento da estrutura representacional: os Modelos Não-Lineares, como a Fonologia Autossegmental, Goldsmith (1976) a Geometria de Traços, de Clements (1985, 1991), e a Fonologia Métrica e Prosódica, Liberman e Prince (1977), Selkirk (1986), Nespor e Vogel (1986). Assim, a Fonologia Não-Linear está baseada em regras mais simples e em representações com maior grau de abstração.

Um exemplo disso é o desvozeamento de /z/, representado pela regra  $\{/z/ \rightarrow [s)]\#\}$ . A inserção do constituinte ‘sílabas’ na estrutura representacional é outro exemplo do seu funcionamento. Ewenw e Hulst (2001) ilustram a incorporação desse constituinte nas regras derivacionais analisando o desvozeamento do Holandês. Primeiramente, a formalização  $/\_ \{\#,C\}$  explicitava que o fenômeno poderia acontecer tanto na borda de uma palavra - # - quanto diante de uma consoante - C -. Ao incorporar a sílaba como entidade a qual uma regra pode fazer referência, o desvozeamento é formulado por:  $\_\_\_\sigma$ . Dessa forma, há apenas um ambiente para que ele ocorra: o final de uma sílaba. Da mesma maneira, a aspiração das desvozeadas em Inglês oferece outro exemplo de regras que fazem referência à importância desse constituinte, pois só acontece no início da sílaba acentuada; assim, a regra  $\sigma[ \_\_$  apresenta o ambiente que aciona a aspiração de formas como *tile*, ‘azulejo’ e *retire* ‘retirar’, no início de sílabas acentuadas, e não em formas como *mutter*. ‘resmungar’.

A **Fonologia Autossegmental** reconhece as insuficiências da Fonologia Gerativa Clássica quanto aos aspectos suprasegmentais (sílabas, acento, tom, duração) presentes nas línguas. Dessa forma, o desenvolvimento das propostas de autossegmentalização (i.é, de “independização” de camadas na representação), ao longo do tempo, expandiu o poder descritivo para abarcar aspectos como os tons (em línguas onde existe esse contraste), o acento, as harmonias vocálicas ou a

---

<sup>5</sup> Cabe esclarecer que seguimos este ponto de vista de que a concepção de representação independe da arquitetura da teoria com que estamos trabalhando. Nesta tese, pressupomos um modelo que admite regras, mas entendemos que um modelo de restrições, como o da TO, também seria compatível com as representações consideradas conforme Pedrosa (2009).

nasalização – processos que envolvem mais do que um segmento. Ainda com relação à Fonologia Autossegmental, temos a visão de que esses aspectos – como o acento, a sílaba, o segmento e o traço – pertencem a camadas, ou linhas, independentes, mas interrelacionadas.

A **Geometria de Traços**, Clements (1985), está integrada na concepção autossegmental de níveis fonológicos autônomos, mas interdependentes. Os segmentos fonológicos são constituídos por uma estrutura interna organizada hierarquicamente. Assim sendo, há traços que funcionam em conjunto, como a assimilação da /N/ à consoante seguinte, por exemplo, *campo*, *canto*. Essa teoria fonológica está ligada ao conceito de especificação privativa: nem todos os traços são binários, isto é, há diversos traços que são considerados monovalentes; as estruturas hierárquicas internas a um segmento, os nódulos de classe, também não são binárias. Por exemplo, tanto os traços de ponto de consoante [labial], [dorsal] e [coronal] são monovalentes quanto o próprio nódulo ponto de consoante é monovalente (ou um segmento possui esse nódulo ou não o possui). A geometria de traços também se relaciona à Teoria da **Subespecificação**, segundo a qual, subjacentemente, alguns segmentos não têm toda a informação fonológica, ou seja, a especificação para todos os traços. Por exemplo, um segmento [+vozeado] na superfície pode não ser especificado como [+vozeado] na representação subjacente. Em geral, os segmentos não especificados para um determinado traço são os considerados ‘menos marcados’. A noção de ‘marca’ relaciona-se com a frequência de ocorrência de determinados segmentos nas línguas (ou numa língua) e com os processos fonológicos a que estão sujeitos.

A **Fonologia Métrica**, Liberman e Prince (1977), explica a distribuição do(s) acento(s) das línguas com base em propriedades da estrutura segmental e silábica das sequências. A **Fonologia Prosódica**, Selkirk (1986), Nespor e Vogel (1986), propõe a existência de constituintes prosódicos (palavra fonológica, grupo clítico, frase entonacional e enunciado) com propriedades independentes da estrutura morfossintática e regidos por princípios universais. É importante notar que ambas pretendem dar conta de aspectos suprasegmentais das línguas e, nesse contexto, desenvolveram a concepção sobre estruturas abstratas, como o pé, por exemplo.

Todas essas propostas aumentam o grau de abstração dos níveis designados, seja da representação subjacente seja da representação de superfície

(e do nível lexical, na Fonologia Lexical). A Fonologia de Governo está totalmente alinhada com essa prática; é também uma teoria essencialmente abstrata das representações. Autores como Harris (1994) defendem explicitamente que a teoria não reconhece um nível fonético de representação. Assim, a teoria da estrutura silábica, neste modelo, é talvez mais abstrata do que nas outras abordagens autossegmentais, ao fazer amplo uso da existência de elementos vazios. Mas é preciso dizer que, em se tratando da maior parte das unidades representacionais desenvolvidas pelos diversos modelos não-lineares, a Fonologia de Governo as incorpora plenamente.

Vimos até aqui que o desenvolvimento da Fonologia Gerativa implicou modificações no número de níveis representacionais designados e também na concepção das unidades representacionais e de seu funcionamento. Finalmente, um terceiro aspecto da evolução da Fonologia Gerativa refere-se à mudança gradativa das regras para processos mais gerais, cujo modo de atuação seria regulado por princípios/parâmetros ou restrições gerais. As regras em fonologia são comandos que determinam a ocorrência de modificações da representação e precisam ser postuladas para cada língua especificamente. Além disso, numa língua, há regras mais gerais e outras bastante específicas, muitas vezes restritas por condições especiais. Princípios, em teoria gerativa, são “instruções” que organizam as línguas de modo geral, são comandos abstratos, tais como Sequência de Sonoridade. Os Parâmetros são instruções que têm um aspecto geral, mas que permitem a variação de língua para língua, como, por exemplo, o parâmetro da Rima ramificada – Ewen e Hulst (2001:140) – o qual, por estar acionado no PB, permite sílabas com um elemento após o núcleo dentro da coda (por exemplo, por.ta).

Inicialmente, Princípios e Parâmetros foram propostos para balizar o funcionamento das regras, que, assim, podiam tornar-se mais gerais. Aos poucos, os Princípios e Parâmetros foram absorvendo mais e mais o papel das regras. Em modelos monoestratais, as funções das regras são totalmente absorvidas por eles, restando apenas o papel de reparo a elas.

No que se referem à sílaba, modelos como o de Selkirk (1982), Clements e Keyser (1983), e Ito (1986) incorporam as noções de Princípios e Parâmetros e procuram tirar o máximo proveito desses mecanismos; essas considerações serão retomadas no capítulo 4.

A Fonologia de Governo vê o conhecimento fonológico como resultante de Princípios e Parâmetros, concebidos como parte de uma gramática universal inata. A teoria minimiza o papel das regras. Não é por acaso que o modelo encontrou sua maior expressão no período em que a sintaxe chomskyana estava mudando de um modelo de regras para um modelo de princípios e parâmetros, em uma tentativa de fornecer mais explicações de caráter universal e de restringir o tipo de análises que poderiam ser feitas na teoria àquelas que correspondam a processos que realmente ocorrem nas línguas naturais.

Essa seção buscou discutir um pouco algumas modificações de importância propostas pela Fonologia Gerativa, com o objetivo de esclarecer os pressupostos desta tese. Assim sendo, entendemos que representações fonológicas, de modo geral, são estruturas abstratas, as quais permitem a organização das entidades em jogo; o caso mais evidente, em nosso trabalho, diz respeito à representação da sílaba, mas tal pressuposto também diz respeito ao segmento, ao pé, ao morfema, etc. Em suma, as representações determinam como a faculdade da linguagem é concebida. A estrutura silábica tem estatuto de unidade fonológica, que articula as unidades segmentais entre si em pequenas unidades sintagmáticas e que, como estrutura imposta sobre as unidades segmentais, determina a aplicação/não-aplicação de processos.

Com relação à representação da **sílaba**, em particular, consideramo-la, neste trabalho, como uma estrutura hierárquica formada por ataque e rima, a qual se subdivide em núcleo e coda, aspectos que serão aprofundados adiante, na seção 2.2.

No desenvolvimento da Fonologia Gerativa, no que se refere à concepção inicial das regras, como comandos específicos, passou-se a dar ênfase, a seguir, a Princípios e Parâmetros, os quais, neste trabalho, consideramos fundamentais. A nossa questão basilar de investigação, ou seja, a possibilidade de que as consoantes finais sejam onset, está fundamentada justamente na procura por entender se a proposta de Harris e Gussmann (1998) se sustenta como universal e como isso seria aplicado ao Português.

Tomamos como critério aqui uma abordagem híbrida, que envolve os níveis designados da Fonologia Lexical aliados às propriedades representacionais da Fonologia de Governo. A proposta dos núcleos vazios exemplifica a importância dos



níveis derivacionais. Tais núcleos são, na verdade, 'esperas' para determinados segmentos e poderão ser preenchidos ou não no decorrer da derivação. Diferentemente de outras abordagens, uma sílaba pode permanecer com seu núcleo não preenchido em qualquer momento da derivação; isto é, sílabas com núcleo vazio não têm sua ocorrência limitada aprioristicamente a um determinado nível.

## 2.2 CONCEPÇÃO E ORGANIZAÇÃO DA SÍLABA

Neste capítulo dedicado aos pressupostos teóricos, é fundamental desenvolvermos o entendimento da estrutura da sílaba. Essa unidade fonológica, que é amplamente estudada, pode ser dividida em três constituintes: onset, núcleo e coda. Embora essa divisão não seja unanimemente considerada (Kahn, 1976; Clements e Keyser, 1983; e Clements, 1990), é suficientemente consensual, tanto que a maior parte dos livros de introdução à fonologia dos últimos trinta anos se baseia nessa distinção para introduzir a explicação da sílaba (Ewen e Hulst, 2001); Gussenhoven e Jacobs (1998), Bisol (2005). Por sua vez, a questão de como a estrutura segmental se relaciona com essa estrutura silábica é objeto de muitas discussões e de proposições de diferentes análises. É dessa questão que nos ocuparemos mais detidamente nesta seção.

Ao longo dos estudos linguísticos, considerar a consoante em final de palavras como coda silábica sempre foi uma perspectiva largamente aceita. No entanto, outro ponto de vista, o de que essa consoante não precisa ser necessariamente coda, parece-nos interessante, na medida em que pode revelar aspectos comuns a diferentes línguas, com menor apelo às regras, evidenciando um maior poder explanatório. Uma defesa dessa posição é a proposta de Harris e Gussmann (1998), que apresentamos no primeiro capítulo. Assim, pensamos que a consoante em final de palavras, também no Português, pode, na verdade, ser o onset de uma sílaba com núcleo vazio, o que desenvolveremos nos capítulos seguintes. Para tanto, organizamos essa seção da seguinte forma: em 2.2.1, abordamos os constituintes silábicos; em 2.2.2, a importância da escala de sonoridade; em 2.2.3, tecemos considerações sobre a associação entre segmentos e sílabas e, em 2.2.4,

encerramos a seção fazendo referência aos domínios de silabificação e ajustes nas fronteiras.

### **2.2.1 Sobre a Constituição da Sílabas**

Em “Estrutura da Língua Portuguesa”, Camara Jr. (1970) apresenta, no capítulo VI, as estruturas da sílaba em Português. Para o autor, esse constituinte pode ser considerado sob diferentes pontos de vista, a saber: do efeito auditivo, da força expiratória, da articulação e do jogo da musculatura peitoral, sendo que todas essas possibilidades têm em comum o movimento inicial de ascensão, o ápice e, logo em seguida, um movimento decrescente. O autor explica-nos que a estrutura da sílaba está intimamente associada ao centro, ou ápice, e periféricamente associada aos movimentos de ascensão e declínio, tendo em vista que tais movimentos podem aparecer ou não nas “encostas” da sílaba.

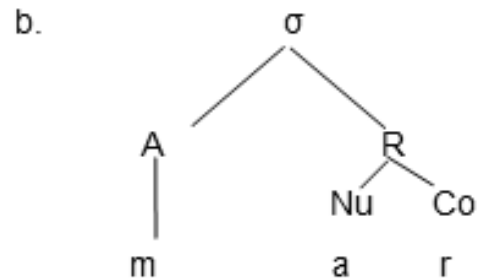
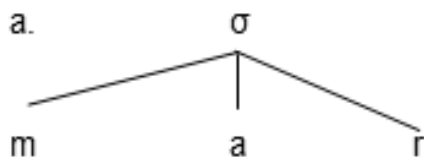
A perspectiva da sílaba de Camara Jr. (1970) está ainda baseada na visão tradicional da sílaba como uma espécie de onda, que cresce, chega ao ápice e depois decresce. Por esse motivo, Camara Jr. (1970) não fala em subconstituintes da sílaba. Entretanto, ainda dentro do estruturalismo, uma visão alternativa da sílaba tinha sido apresentada por Pike (PIKE e PIKE, 1947; e KURYLOWICZ, 1948), que via as sílabas como estruturas organizadas em constituintes de maneira similar à organização das palavras de uma oração em sintagmas (constituintes imediatos).

Não obstante, tal desenvolvimento no Estruturalismo, essa concepção da estrutura silábica ficou esquecida no período inicial da Fonologia Gerativa, que, inicialmente, considerou a sílaba uma unidade obsoleta.

Com o avanço dos estudos fonológicos, as concepções baseadas na Teoria Autossegmental defenderam, em primeiro lugar, a autonomia da representação silábica em relação à representação segmental (KAHN, 1976) e permitiram, a seguir, a reintrodução da concepção hierárquica da sílaba, na medida em que se observavam certos fenômenos, fazendo referência à existência de sub-constituintes. Assim, temos os seguintes modelos:

(27).

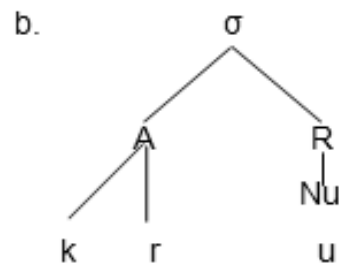
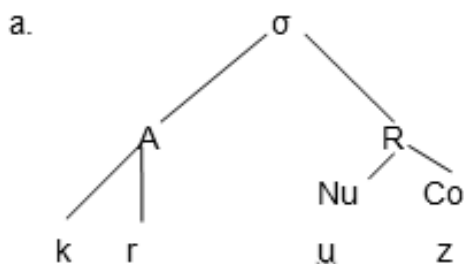
## Estruturas silábicas



Em 27a, modelo proposto em Kahn (1976), temos os elementos ascendentes e decrescentes ligados diretamente à sílaba, evidenciando que a relação entre os três elementos é igual; em 27b, modelo proposto em Selkirk (1982) e Harris (1983), observamos a existência de uma hierarquia interna, ideia que, tendo em vista a adequação à proposta de sílabas com núcleo vazio é basilar para nosso trabalho. Assim, nesse modelo silábico que prevê subconstituintes organizados entre si, os elementos ascendentes estão no que denominamos ATAQUE, ou onset, e os descendentes estão na CODA, que, juntamente com o NÚCLEO, formam a RIMA. Nesta segunda perspectiva (27b), há “esperas” abstratas que vão ser ocupadas (ou não) por determinados segmentos nas diferentes línguas.

Com o desenvolvimento da Fonologia Métrica, por Hayes (1995), a partir das ideias de Liberman (1975) e Liberman e Prince (1977), o peso silábico surge como um aspecto que ganha relevância. Dependendo da quantidade de material associado à rima, temos uma sílaba pesada, 28a, ou leve, 28b, conforme o esquema abaixo:

(28)



28a representa uma sílaba pesada pelo fato de ter a rima ramificada em núcleo e coda, e 28b, uma leve, pois a rima não se ramifica, apresentando apenas o núcleo.

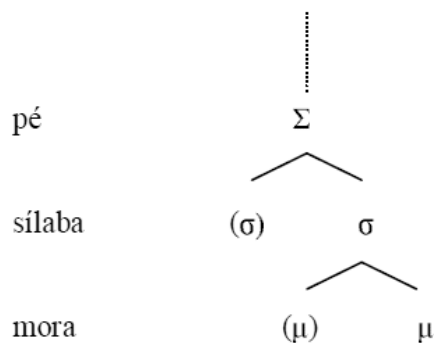
Em desenvolvimentos posteriores sobre o tema peso silábico, ainda com base na perspectiva de uma hierarquia silábica, Hyman (1985) e Hayes (1989) desenvolvem a perspectiva segundo a qual os constituintes internos da sílaba são as unidades de duração, ou *moras* ( $\mu$ ), conforme (29).

(29)



Para essa teoria, uma sílaba formada por uma mora é leve, e a constituída por duas moras, pesada, fato que confirma a existência, na hierarquia prosódica, de mais um estrato (30).

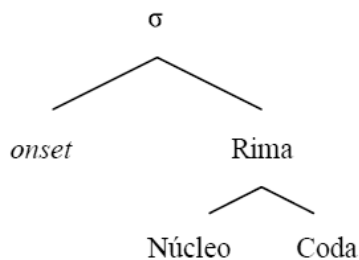
(30)



Para este trabalho, no entanto, acreditamos que a mora não seja um constituinte interno da sílaba, mas ocupa um outro nível da representação. Avaliamos, aqui, que a sílaba é formada por um ataque ou onset e uma rima, a qual

pode ser constituída por um núcleo e uma coda como em (31), conforme Selkirk (1982).

(31)



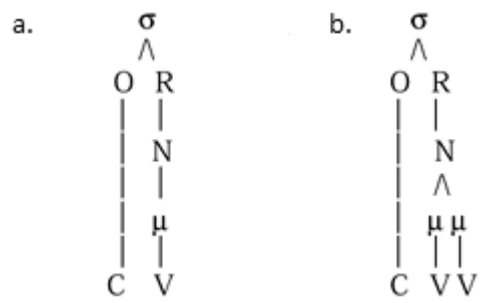
Para a perspectiva da Teoria das Moras, proposta em Hayes (1989), o material associado ao início da sílaba não constitui sozinho uma mora, mas partilha a mesma mora da vogal nuclear. Apenas o material que segue o núcleo constitui mora própria. A Teoria das Moras explica o surgimento de vogais longas e de ditongos, por exemplo, como resultado de reassociação de unidades de duração. Na estrutura de uma sílaba, temos: o ataque, o qual não apresenta nenhuma mora; o núcleo, que apresenta uma mora, se tiver uma vogal breve, ou duas se tiver uma vogal longa ou um ditongo; e, por fim, a coda, a qual pode ter ou não uma mora associada. Para algumas línguas (como o Japonês), a coda possui mora, mas em outras não (como no Irlandês).

Segundo Cagliari e Massini-Cagliari (1998), para Hayes (1995), universalmente, é a sílaba que recebe o acento. Em línguas em que o peso das sílabas não é relevante na atribuição do acento, basta, para a descrição do mesmo, a atuação de regras (ou escolhas paramétricas) que determinem qual das sílabas da palavra deve ser marcada como proeminente. Em relação às que consideram as diferenças de peso entre as sílabas, é preciso instituir os critérios que orientam as definições de sílabas leves e pesadas. Alguns pontos nessa definição são universais: uma sílaba CV é sempre leve (ou monomoraica), e uma CVV é sempre pesada (ou bimoraica). Como o peso de sílabas do tipo CVC varia entre as línguas do mundo (monomoraica ou bimoraica), Hayes (1995:299-301) propõe que há a necessidade de se postular uma escolha paramétrica, a qual se faz observando a

quantidade de elementos no **núcleo** ou na **rima**, a fim de estabelecer o peso silábico.

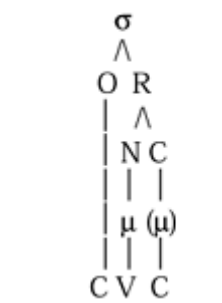
Em (31), uma sílaba CV apresenta um elemento no núcleo – (a) – e uma sílaba CVV, dois – (b) –; universalmente, elas são consideradas monomoraica e bimoraica, respectivamente. Isso se explica porque os elementos do onset nunca licenciam uma mora – e é por esse motivo que as regras de acento só levam em consideração os elementos da rima (cf. GOLDSMITH, 1990:170).

(31)



Na figura (32), representação de uma sílaba CVC, a quantidade de elementos dominados pela rima (dois) é diferente da dominada pelo núcleo (um).

(32)



Isso é o que explica porque o peso silábico das sílabas do tipo CVC pode variar: as línguas que optam por contar apenas os elementos no núcleo consideram-na monomoraica, e as que optam por contar os elementos da rima, bimoraica. No Português, como mostra Massini-Cagliari (1995:145), a fim de estabelecer a quantidade das sílabas, consideram-se os elementos da **rima**. Dessa forma, apenas a sílaba em (33a.), abaixo, é considerada leve no PB, por possuir apenas um elemento na rima. As demais são pesadas, visto que possuem mais de um elemento

na rima, todos concentrados no núcleo (no caso de ditongos) em (33b.), ou distribuídos entre o núcleo e a coda, no caso de sílabas travadas por consoante, em (33c.):

(33)



A teoria de Hayes (1989) possibilita a previsão da quantidade silábica através dos critérios apresentados acima. Dessa forma, percebemos que as codas finais têm realmente um *status* diferenciado, em termos de quantidade silábica, para a Teoria das Moras, a qual pode ser relacionada à Teoria dos Apêndices, de Cho e King (2003), apresentada no primeiro capítulo.

Nesse caso, ocorre pensar que um núcleo vazio está contido na estrutura esqueletal CV, a qual é anterior à atribuição de peso e à organização das sílabas em moras. Pensar em representações silábicas, considerando tanto o tier esqueletal CV quanto o tier moraico, parece-nos uma saída interessante na medida em que é possível ver a sílaba como uma entidade que perpassa vários níveis na derivação.

### 2.2.2 Sobre a Escala de Sonoridade

A importância da sonoridade nos estudos fonológicos partiu da observação, desde o século XIX, da estrutura da sílaba, a qual apresentava certos padrões quanto à sonoridade dos elementos que a compunham. Partindo da constatação empírica, a observação das sequências sonoras dos segmentos em uma sílaba passou a ser uma generalização e, por fim, ganhou o *status* de princípio, dentro da teoria de Princípios e Parâmetros. Segundo Blevins (2007, p. 4):

The relationship between syllables and sonority is one that has been recognized for a century or more. Jespersen (1904) points out that in each utterance, there are as many syllables as there are clear peaks of sonority, and Sievers (1881) observes that in general, between any member of a syllable and the syllable peak, only sounds of higher sonority are permitted. These and related observations are generally referred to as the Sonority Sequencing Generalization (or Sonority Sequencing Principle) a version of which is given in (2).

(2) Sonority Sequencing Generalization (SSG) Between any member of a syllable and the syllable peak, a sonority rise or plateau must occur.

Para algumas línguas, o Princípio de Sonoridade (PS) age de modo forte, permitindo apenas sequências ascendentes da borda do onset em direção ao núcleo e descendentes do núcleo em direção ao último elemento da coda. Nessas línguas, dentre as quais se encontra o PB, o Princípio de Sonoridade impede a realização de sequências que o firam. Entretanto, para muitas abordagens, a escala de sonoridade é um princípio frouxo, pois há línguas que permitem sequências com sonoridade invertida ou platôs.

Para a Fonologia de Governo, por exemplo, o PS tem um papel estrito, pois ele nunca é violado. Quando surgem sequências que aparentemente o violam, a teoria lança mão, por exemplo, da ideia de núcleos vazios, licenciando as consoantes que aparentemente violam esse princípio.

### **2.2.3 Sobre a Associação entre Segmentos e Sílabas**

Outro aspecto relevante a ser considerado é a questão de quantos e quais os segmentos podem integrar cada um dos constituintes. Na Fonologia Estruturalista, fala-se genericamente no padrão silábico de uma língua. Camara Jr. (1970) discute o padrão silábico do Português Brasileiro: V, sílaba simples; CV, sílaba complexa crescente; e VC, sílaba complexa decrescente. Selkirk (1982) sugere que o padrão silábico das línguas seja decorrente de um molde abstrato, que funciona como uma espécie de parâmetro. O molde define a sequência máxima de elementos permitidos para cada língua a partir da sequência máxima de segmentos permitida em cada sub-unidade silábica. Abaixo, apresentam-se as sequências possíveis em Português, conforme Collischonn (2005).



(34)	
V	É
VC	Ar
VCC	<u>I</u> nstante
CV	Cá
CVC	Lar
CVCC	<u>M</u> onstro
CCV	Tri
CCVC	três
CCVCC	<u>T</u> ransporte
VV	<u>A</u> ula
CVV	Lei
CCVV	Grau
CCVVC	<u>C</u> laustro

Como a sequência mínima é V e a máxima é CCVVC, observamos que conjuntos triconsonantais não constituem onset de sílaba (claus. tro) e que não há ditongos seguidos de grupos consonantais em coda (claus. tro).

Quanto ao mapeamento dos segmentos em uma sílaba, isto é, à distribuição dos segmentos de uma dada sequência em sílabas e à determinação de a qual elemento sub-silábico cada segmento pertence, há que se levar em consideração duas possibilidades: ou (a) esse mapeamento é produzido por meio de regras de formação de sílaba, ou (b) a silabificação acontece por um processo geral que mapeia segmentos em sílabas (*parsing* silábico), obedecendo a determinadas condições, não ordenadas entre si. Na primeira alternativa, há a regra de formação do núcleo, a de formação do ataque e a de formação da coda, nessa ordem, conforme Harris (1983:20-28); na segunda, que acreditamos ser a mais compatível com a noção de núcleos vazios, temos as condições universais que regem a boa formação silábica, comuns a todas as línguas, e as condições paramétricas, que são “escolhas” particulares que variam de acordo com cada idioma; juntas, as condições universais e as paramétricas determinam a segmentação silábica, mas as etapas de associação entre segmentos e estrutura silábica não têm papel (isto é, não há regras de associação).

Para Selkirk (1982), que defende a existência dos subconstituintes ‘Onset’, ‘Núcleo’ e ‘Coda’, estando os dois últimos contidos na Rima, a estrutura silábica não é atribuída por meio de regras; Ito (1986) desenvolve proposta no mesmo sentido. Segundo esta autora, a Teoria da Sílabas é associada a outra mais geral sobre a estrutura prosódica das línguas, a Fonologia Prosódica<sup>6</sup>, que trata de várias estruturas hierárquicas relacionadas. Essa teoria tem como princípios básicos o Licenciamento Prosódico, a Localidade e a Direcionalidade, os quais estruturam a silabação, de modo que ela seja regida por condições fonotáticas específicas da língua – o molde silábico (*syllable template*) e as Condições de Boa Formação (*Wellformedness Conditions*). Pelo Licenciamento Prosódico, Ito (1986) propõe que todas as unidades fonológicas devem ser licenciadas prosodicamente, ou seja, devem pertencer a estruturas prosódicas superiores (exceto as unidades extraprosódicas). A Localidade, por sua vez, garante que a boa-formação de uma estrutura prosódica seja determinada localmente (isto é, a boa formação de uma sílaba é determinada internamente à sílaba ou em relação ao segmento estritamente adjacente). Por fim, pelo princípio de Direcionalidade, o mapeamento fonológico procede sempre na mesma direção: da esquerda para a direita, ou da direita para a esquerda (ITO, 1986: 2).

Uma vez que as sílabas não são construídas de baixo para cima, do segmento para a estrutura abstrata, mas de cima para baixo, da estrutura abstrata para a sequência segmental, dois princípios universais atuam para a formação silábica: a Escala de Sonoridade (ES) e o Licenciamento Prosódico (LP). O primeiro, conforme (35), garante a organização dos segmentos em onset, núcleo e coda, observando o aumento da sonoridade em direção ao núcleo, que normalmente é vocálico.

(35) Escala de sonoridade

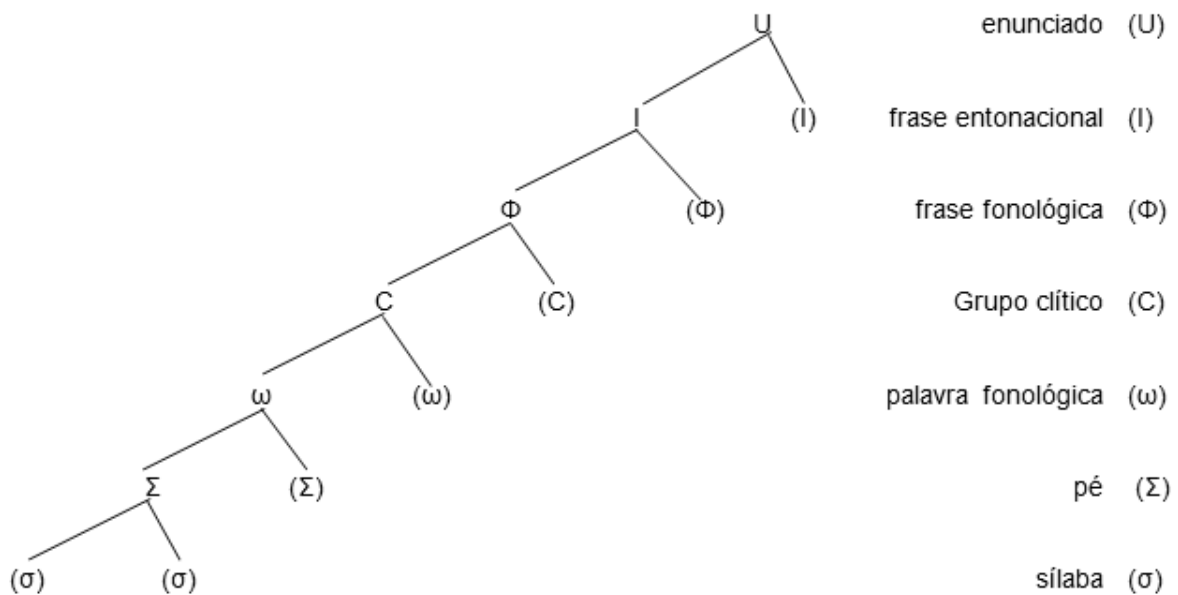
Vogal	>	Líquida	>	Nasal	>	Obstruintes
3		2		1		0

---

<sup>6</sup> É preciso lembrar que a Fonologia Prosódica, proposta por Itô (1986), tem como pressuposto a representação multilinear, na qual o nível dos elementos  $\sigma$  (silábicos) domina diretamente o nível do esqueleto CV.

O segundo princípio incorpora as unidades prosódicas – tais como a sílaba, o pé, a palavra fonológica, etc., desenvolvidas independentemente umas das outras na fonologia pós-SPE – todas numa só hierarquia e diz que toda unidade prosódica deve pertencer a uma única unidade hierarquicamente superior, conforme (36).

(36) Hierarquia Prosódica – Ito (1986)

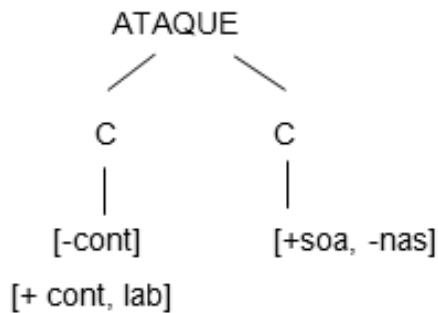


Desse princípio decorre que toda a sequência fonológica tenha de ser exaustivamente dividida em sílabas, isto é, qualquer segmento tem de ser associado a uma sílaba.

Ainda sobre os princípios que regem o mapeamento de segmentos em sílabas, em Bisol (1999), encontramos uma excelente síntese sobre alguns princípios universais: Princípio de Sonoridade Sequencial (PSS), Princípio de Maximização do Ataque (PMA), Princípio de Licenciamento Prosódico (PLP) e Princípio de Integridade Prosódica (PIP). O primeiro (PSS) refere-se à organização entre os sons que constituem uma sílaba, conforme a Escala de Sonoridade; o segundo (PMA) diz respeito à constituição do ataque logo após o núcleo; o princípio de licenciamento prosódico (PLP) situa os elementos analisados em categorias, escandindo-os da menor à maior unidade fonológica, e o último (PIP) trata de manter as categorias prosódicas, como o acento.

A autora, inspirada no trabalho de Clements e Keyser (1983), considera que tais Princípios têm de ser complementados com Condições particulares de cada língua particular, as quais garantem as escolhas de modo mais restrito. No Português, a Condição de Ataque e a Condição de Coda, por exemplo, mostram-nos a relevância dos elementos que figuram no ataque ou na rima, explicitando o movimento de aclave e declive silábicos dessa língua.

(37) Condição Positiva do Ataque Complexo



Segundo (37), estão previstos os casos de ataques bem formados e de ataques mal formados, ilustrados em (38):

(38)

a. Ataques bem formados

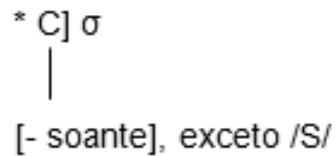
cre.do - pla.ta.nos - fra.co - a.tle.ta - a.dro

b. Ataques mal formados

i.sra.el - i.sla.mico - ste.la - a.lma

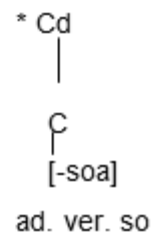
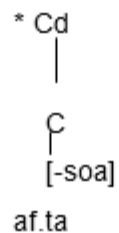
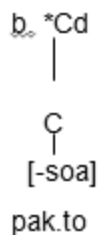
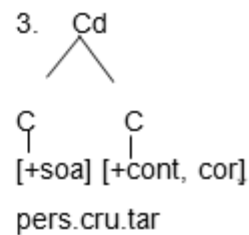
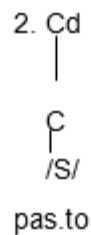
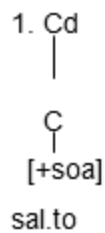
A condição de coda, formulada em (39), prevê um declive suave de sonoridade, pois garante que tal subconstituente só pode ser ocupado por um elemento soante ou, excepcionalmente, por /S/.

(39) Condição de coda.



Em (39), uma condição negativa, vemos que a posição de coda não pode ser preenchida por qualquer obstruente, à exceção de /S/, o que, conforme a autora salienta, é uma característica não só do Português, mas das línguas românicas em geral. Dessa forma, a silabação de certos grupos consonantais é resolvida seguindo certos princípios, como o da Sequência de Sonoridade ou o de Licenciamento Prosódico, e uma condição como a acima, conforme ilustra (40):

(40) a



Destacamos, desta seção, as ideias básicas da divisão da sílaba em onset e rima e em núcleo e coda; outros aspectos importantes são a escansão por parâmetros e não por regras, a obediência à escala de sonoridade e a noção de licenciamento de segmentos.

Também cabe destacar as informações relevantes para o Português, especialmente no que se refere à coda.

### 2.2.4 Sobre os Domínios de Silabificação e Ajustes nas Fronteiras

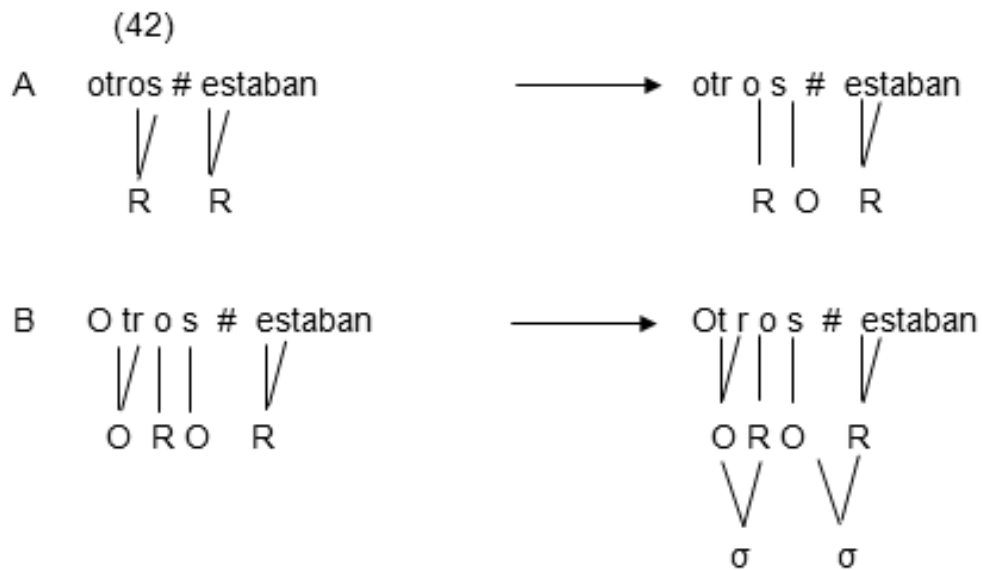
Ainda no que diz respeito à escansão silábica, há a questão do domínio da silabação, o qual, em geral, é a palavra, mas ela também acontece entre palavras, num processo conhecido como sândi.

Dentre alguns aspectos referentes a essa escansão, salientamos a ressilabação que afeta as consoantes. Considerando os sintagmas “amor antigo” e “luz amarela”, observamos que, em ambos os casos, a consoante final – C] – da primeira palavra é ressilabada como onset da sílaba seguinte.

(41) a. mo.raŋ.tʃi.gu

b. lu.za.ma.re.la

Conforme a literatura em fonologia ilustra, essa é uma tendência universal das línguas: qualquer sequência CV pertencente a sílabas diferentes deve resultar tautossilábica, isto é, pertencente à mesma sílaba. Como em toda tendência universal, o contrário, ou seja, a criação de uma sequência VC, como em \*ka.zar.o.sa.da, ‘casa rosada’, ou \*ka.mi.zas.u.a.da, ‘camisa suada’, não se verifica. Muito embora a silabação CV seja uma disposição natural das línguas, nem todos os idiomas a apresentam, como é o caso das línguas germânicas, evidenciando que tal fenômeno, ainda que bastante conhecido no Português, “ainda não foi estudado em todos os seus aspectos”, segundo Collischonn (2005). Para Harris (1983:44), processos independentes completam a nova estrutura silábica sem mais estipulações, conforme (42).



Harris (1983:44) defende que a consoante tem de ser coda, inicialmente, para fins de atribuição de acento primário. Além disso, a ressilabação, um processo prosódico, não altera a estrutura sintática nem as bordas de palavras. Como resultado, a borda de uma sílaba e de uma palavra não precisam coincidir e palavras (sintáticas) não necessitam ser constituídas por um número integral de palavras prosódicas.

Acreditamos que tal fato pode ser argumento de que uma C] seja onset de uma sílaba com núcleo vazio, assim como acontece no contexto inicial (pN.neu) ou medial (ri.tN.mo).<sup>7</sup>

Nesta seção, vimos a importância da hierarquia interna dos subconstituintes silábicos em onset, núcleo e coda, bem como a relevância do peso silábico, o qual determina atributos como acento e mora. Dentre os elementos que organizam a sílaba, encontra-se o Princípio de Sonoridade, que orienta os segmentos de modo que não o firam. A associação entre segmentos e sílabas se dá através dos Princípios Universais e dos Parâmetros Específicos. Como exemplo destes, que são condições fonotáticas específicas das línguas, podemos citar o molde silábico ou as condições de boa formação silábica; como exemplo daqueles, o Licenciamento Prosódico, a Localidade, a Direcionalidade e a Escala de Sonoridade. Por obedecer a esses Princípios, a sílaba é formada da estrutura abstrata para a segmental e, por

<sup>7</sup> Onde 'N' está para "núcleo vazio".

fim, a seção mostrou que o domínio da silabificação da consoante final pode ser a palavra e o enunciado, fato visível tanto no nível lexical (flexões e derivações) quanto no pós-lexical (sândi), o que ocorre após os ajustes nas fronteiras no nível da palavra fonológica e no enunciado.

### 2.3 SÍLABAS COM NÚCLEO VAZIO

Esta seção pretende discutir a ideia de núcleos vazios, trazendo informações sobre sua origem e sobre os desdobramentos aos quais sua adoção levou.

Em primeiro lugar, deve-se observar que diversas teorias da sílaba lidam com a existência de constituintes silábicos vazios em algum nível da análise. Conforme Goldsmith (2009):

The Pikean, arboreal view of syllables can be pushed to the point where the terminal nodes of the tree are viewed as playing a more important role in the theory than the segments do—if by “terminal nodes” we mean (as syntacticians often do) not the symbols referring to the phonological segments directly, but some sort of node that may be “empty” of any given segment; such a view leaves open the possibility of phonologically null elements that play a significant role in the model. (GOLDSMITH, 2009, p. 14)

A existência de onsets vazios, que são preenchidos por um segmento default, em geral, uma oclusiva glotal / ʔ /, são reconhecidos em várias análises. Outro caso é o da postulação de núcleos vazios preenchidos posteriormente com traços de vogal, como o PB, por exemplo, segundo a análise de Bisol (1999), que observa dados como pneu /pi.neu/ e advogado /a.di.vo.ga.do/.

A partir do início da década de 1980, vários estudiosos começaram a explorar as consequências da adoção de representações silábicas com núcleos vazios, ao lado de restrições rigorosas sobre os segmentos que podem ocupar as posições silábicas. Essas restrições têm, segundo Goldsmith (2009), o efeito de não somente permitirem a existência de núcleos vazios, mas também de requererem de modo contundente o uso de núcleos vazios nas análises: From this perspective, much of the work of the phonological account turns to accounting for where empty vowel



positions may occur, for the theory demands that there be many of them (GOLDSMITH, 2009, p. 16).

O autor também observa que há muitas semelhanças entre essa abordagem e as abordagens sintáticas que postulam elementos vazios:

There is a natural similarity between this kind of phonological analysis and government-binding syntax, in the sense that both require positing a surprising number of unfilled terminal nodes, and in both, a large part of the formal account of what is grammatical and what is not is largely an account of where null nodes may appear (GOLDSMITH, 2009, p. 16).

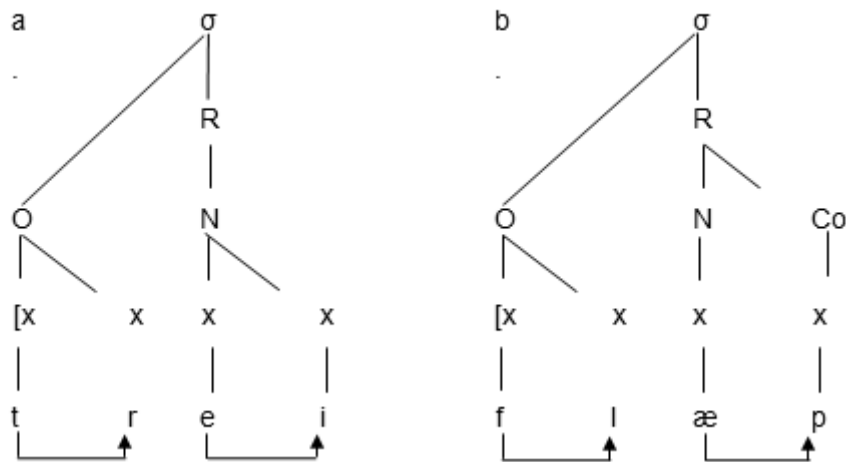
Para entendermos um pouco mais essa questão, faremos, a seguir, uma breve apresentação dos pressupostos e enunciados da Fonologia de Governo (FG), baseada em Hulst e Ewen (2001), Kaye (90), Scheer (2002), Gussmann (2002) e Botma *et al.* (2008).

### 2.3.1 Licenciamento e Núcleo Vazio

A Fonologia de Governo fornece, entre outros, um ponto de vista mais restrito da sílaba do que outras teorias sobre estrutura silábica. O centro para o modelo é o fato de que todos os constituintes silábicos são maximamente binários, e tal fato, então, abarca não somente o onset, mas também a rima. Entretanto, na Fonologia de Governo, esse princípio não é uma estipulação, pois se origina da uma noção de **licenciamento**, a qual nos leva a um meio formal de excluir estruturas que aparentemente violam ramificações binárias.

Nesse conceito de licenciamento, o elemento **dependente**, em qualquer domínio, deve ser **licenciado** pela presença de um elemento “**cabeça**”. Dentro de um constituinte silábico, como o onset ou o núcleo, a relação de licenciamento é da esquerda para a direita, isto é, os constituintes têm **cabeça-inicial**, então, em (43a), /t/ licencia /r/ dentro do onset, e /e/ licencia /i/ dentro da rima.

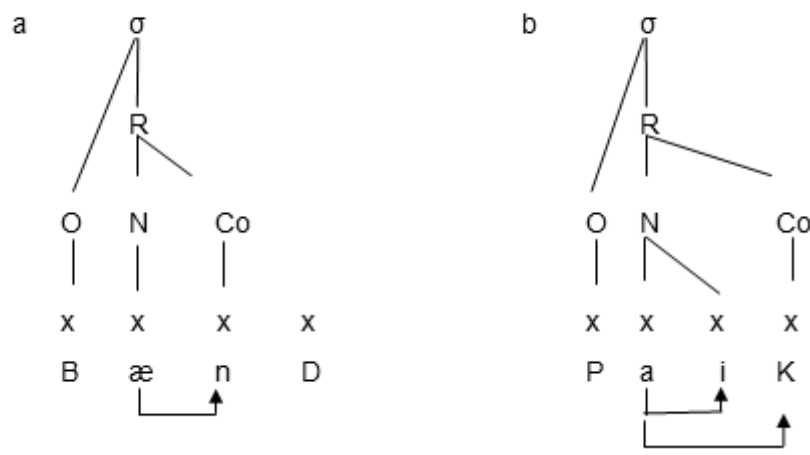
43.



Somando-se a essa noção, uma nova restrição sobre licenciamento é proposta: ela é válida somente entre posições adjacentes na estrutura silábica – a condição local, de Harris (1994, p. 156 apud EWEN e HULST, 2000). Então, em (43b), /f/ licencia a posição adjacente /l/, e /æ/ licencia /p/.

Consideremos, em (44), potenciais rimas superpesadas, tais como as que observamos em *band* ‘banda’ e *pike* ‘estrada’.

(44)



Em (44a), /d/ não pode ser silabificado na primeira sílaba, uma vez que /n/ ocupa a posição de coda. Em (44b), temos uma cabeça ramificada no núcleo, então, a primeira vogal licencia a segunda. Além disso, também temos uma cabeça inicial ramificada na rima. O elemento cabeça, a vogal /a/, deve licenciar, portanto, a outra posição esquelética na rima, /k/. Essas duas posições estruturais não são

estritamente adjacentes, pois a segunda vogal intervém, e então, a estrutura é mal formada.

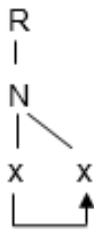
Essa versão da Fonologia de Governo permite, portanto, apenas as estruturas silábicas em 45.

(45)

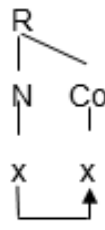
a



b.



c.



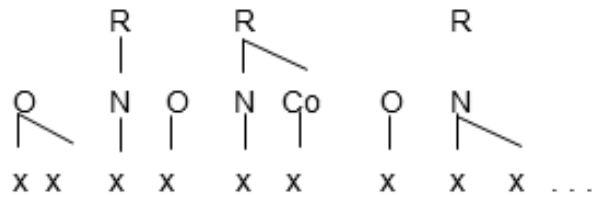
Os três constituintes em (45), onset, rima e núcleo, são os únicos considerados na Fonologia de Governo. Embora os autores tenham incluído a coda em (45c), isso não está de acordo com a prática *standard* dessa teoria. A coda pode não ser complexa, e isso é um argumento de que não há necessidade de ter um constituinte correspondente a ela. A posição de “coda” é geralmente referida, nesta teoria, como uma **adjunção da rima**.<sup>8</sup> A Fonologia de Governo também assume que não há constituinte correspondente à tradicional noção de sílaba, pois considera que processos fonológicos não têm necessidade de se referirem a esse nó. Contudo, onsets e rimas sempre ocorrem juntos: não se encontra um onset sem uma rima que o segue ou uma rima sem onset. Assim, o termo “sílabas” continua sendo usado, embora não tenha o mesmo *status* de unidade que em outras propostas teóricas. Para o presente trabalho, mantemos o emprego dos termos “sílabas” e “coda”, pois se trata de terminologia amplamente divulgada no âmbito dos estudos em fonologia.

Dessa forma, as seqüências fonológicas na Fonologia de Governo têm a seguinte estrutura:

---

<sup>8</sup> Veja-se, por exemplo, Ewen e Hulst (2000); no entanto, como se trata de um livro didático, esses autores mantêm o emprego do termo “coda”.

(46)

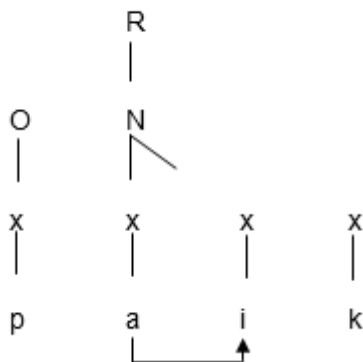


Em (46) vemos que qualquer dependente deve ser licenciado por uma cabeça; se ele não é licenciado, então, não pode ser realizado.

### 2.3.2 O Licenciamento de Núcleos Vazios

Se retomarmos a representação de uma palavra como *pike*, o segmento /k/ é aparentemente não licenciado por nenhuma cabeça.

(47)



A vogal não é o elemento que licencia o constituinte que contém /k/, pois isso viola a adjacência estrita. Como, então, /k/ pode ser licenciado? Tal situação é uma evidência para o fato de que núcleos vazios existem e são produtivos nas línguas. Sejam os dois princípios seguintes formulados por Harris (1994:60):

(48) a. *Licenciamento de Onset*

Uma posição de onset deve ser licenciada por uma posição nuclear.

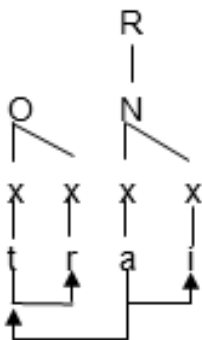
b. *Licenciamento de Coda*

Uma posição adjunta à rima deve ser licenciada por uma posição de onset.

Em outras palavras, para haver coda, (48b) é preciso, antes, haver onset, que, por sua vez, é licenciado por um elemento nuclear (44a). Esse tipo de licenciamento difere dos exemplos que vimos acima de (45) a (47). Aqui, a relação de licenciamento é *entre* dois constituintes, e não apenas dentro de constituintes, como no caso de onset, rima e núcleo. O **Licenciamento entre Constituintes** diferencia-se em um aspecto muito importante do **Licenciamento de Constituinte**: ele é orientado da direita para a esquerda e não da esquerda para a direita.

O Princípio de Licenciamento do onset (48a) é intuitivamente simples: um onset é somente um onset em virtude do fato de ser seguido por um núcleo – isso porque a teoria reconhece que o constituinte silábico tipicamente caracterizado tem o núcleo como a cabeça e o onset como dependente. Nesse contexto, uma palavra como *try* tem a relação de licenciamento mostrada em (49).

(49)



Pela orientação de Licenciamento de Constituinte esquerda–direita, o segmento /a/ licencia a posição não-cabeça no núcleo, preenchida por /i/; pelo Licenciamento entre Constituintes, direita–esquerda, o mesmo segmento licencia a posição cabeça do onset, preenchida por /t/, a qual, pelo licenciamento esquerda–direita, licencia a posição não-cabeça do onset, preenchida por /r/.

Embora o licenciamento de onset pareça corresponder à ideia tradicionalmente aceita de que onsets são “menos importantes” do que o núcleo, o licenciamento de coda parece expressar um conceito muito mais revolucionário. (44a) mostra que a consoante em “coda” é licenciada pelo onset seguinte, isto é, a cabeça do constituinte seguinte.

Os pesquisadores que se utilizam da Fonologia de Governo argumentam também que isso reflete o fato que há muitas restrições sobre o segmento que pode

ocupar a posição de coda. Harris (1994), por exemplo, mostra que a generalização sobre a sequência de sonoridade pode ser estendida, conforme (50).

(50) Em um clúster coda-onset ótimo, a primeira consoante não é menos sonora do que a segunda.

Isso é uma versão da generalização da sequência de sonoridade aplicada a onsets, em que a primeira consoante é geralmente menos sonora do que a segunda. Em outras palavras, uma sequência coda-onset tipicamente mostra sonoridade crescente; os dois elementos de um onset mostram sonoridade alinhada.

Ainda que não sigamos integralmente essa teoria, ela é importante na medida em que se torna uma ferramenta para analisar as consoantes finais não como codas, mas como onsets de sílabas com núcleos vazios. As noções representacionais de licenciamento, de dependência entre constituintes e de licenciamento entre constituintes são relevantes além de compatíveis com a base derivacional da FL, bem como com os demais pressupostos apresentados.

Por fim, Côté (2011) ajuda a ilustrar a perspectiva paramétrica da teoria, que será importante para determinados ajustes no capítulo 4. Para a autora, a liberdade de ocorrência de consoantes finais é motivada por parâmetros que permitem, ou até favorecem, consoantes finais em línguas específicas. Kaye (1990) propõe um Princípio de Licenciamento de Coda, segundo o qual toda coda deve ser licenciada por um onset que a segue; Harris & Gussmann (2003) fornecem mais argumentos para essa abordagem, assim como Scheer (2008), dos quais segue que uma consoante final não pode ser coda; ela é onset de uma sílaba com núcleo vazio. Uma consoante final não depende da ocorrência de coda interna, mas da permissão, por parte do sistema linguístico, de onsets finais licenciados por um núcleo vazio. Da combinação desses dois parâmetros binários, (sim/não), emergem quatro tipologias: Codas internas são permitidas? (sim/não). Núcleos finais vazios são licenciados? (sim/não). Isso resulta em quatro categorias de línguas, a saber:

- |                                   |            |
|-----------------------------------|------------|
| a. Sem coda interna, sem NV final | CV.CV]     |
| b. Sem coda interna, com NV final | CV.CV(CØ)] |
| c. Com coda interna, sem NV final | CV(C). CV] |

d. Com coda interna, com NV final [CV(C). CV(C)Ø]

Nessa seção, vimos que o conceito de NV não é novo e que ele, como constituinte fonológico, pode licenciar um onset, conforme a Fonologia de Governo propõe. Dessa forma, a ideia de Licenciamento entre Constituintes é essencial para o núcleo vazio, reforçada também por Côté. (2011)

## 2.4 ACENTO E PESO SILÁBICO

Outros aspectos importantes para este ponto do trabalho são o **acento** e o **peso** silábico, relacionado atribuição do primeiro. Com base nos fundamentos da Fonologia Métrica (LIBERMAN e PRINCE, 1977; HALLE e VERGNAUD, 1987; e HAYES, 1995, resumidos em KAGER, 1995), o acento é uma propriedade que pode ser, em muitas línguas, identificada a partir da posição de determinados elementos na estrutura segmental e se constitui a partir da proeminência desses elementos em relação a outros que o circundam.

A Fonologia Métrica trouxe consigo três conceitos fundamentais que modificaram a concepção de acento: a) o acento depende crucialmente das sílabas; (b) há unidades menores do que a palavra que organizam a estrutura acentual, os pés ou constituintes métricos; (c) a noção de peso silábico.

A tese de que o acento depende crucialmente de sílabas, em línguas de acento fixo (isto é, não contrastivo) parece ser consensual. Nas línguas de acento contrastivo, ele está associado desde a representação subjacente sobre uma determinada unidade, que pode ser um segmento vocálico ou uma unidade morfológica, como, por exemplo, um determinado afixo. Muitas línguas combinam um sistema de acento fixo com um sistema contrastivo, o que também ocorre em Português, conforme Collischonn (2010).

Para as línguas de acento fixo, a noção de pé é importante para determinar onde os acentos serão atribuídos. Além disso, também explica a preferência por padrões forte/fraco, que se repetem em intervalos regulares, e identifica onde “cairá” o acento principal numa determinada palavra. Numa língua como o Hixkaryana

(DERBYSHIRE, 1979 apud KAGER, 2007), há uma proeminência a cada segunda sílaba, da esquerda para a direita (com exceção da sílaba final, mais à direita, que nunca é acentuada):

(51)

- a. to.'ro:.no "passarinho"
- b. a.'tʃo:.wo.wo "vento"
- c. ne.'mo:.ko.'to:. no "caiu"

Esse padrão pode ser explicado, se considerarmos que a palavra é dividida em sub-unidades de duas sílabas, em que a segunda sílaba em cada unidade possui uma proeminência (pé iambo): (ne.'mo:)(.ko.'to:). no (a última sílaba fica fora da estrutura de pés).

Independentemente do acento, os pés podem ser domínios de processos fonológicos, de condições de minimalidade lexical e podem ser *templates* em processos morfológicamente sensíveis (KAGER, 2007).

Neste trabalho, os pés serão considerados de acordo com o inventário proposto em Hayes (1995). Entretanto, para considerar esse inventário, é preciso considerar primeiramente a noção de peso silábico. Observa-se que o acento prefere sílabas com determinado grau de proeminência intrínseca - em geral, sílabas com mais de um elemento na rima. Essas sílabas são chamadas de pesadas e considera-se que tenham duas moras (unidades de peso). Na representação abaixo, vemos os tipos de pés previstos no inventário de Hayes (1995), associados às respectivas unidades de peso.



(52)

	<i>licit forms</i>		<i>degenerate forms</i>	
(a) <i>Syllabic trochee</i>	(* .)			(*)
	σ σ			σ
(b) <i>Moraic trochee</i>	(* .)	(*)		(*)
	σ σ	σ		σ
		^		
	μ μ	μ μ		μ
(c) <i>Iamb</i>	(. *)	(*)	(. *)	(*)
	σ σ	σ	σ σ	σ
	^	^		
	μ μ μ	μ μ	μ μ	μ

Kager (2007)

Em (52a), o pé troqueu silábico é formado por uma sílaba pesada (\*) e uma leve (.) e o pé degenerado é formado apenas por uma sílaba pesada (\*); em (52b), um pé troqueu moraico é formado de duas formas: (1) por uma sequência de duas sílabas, uma pesada e outra leve, sendo que, em ambas, há uma mora, ou seja, uma unidade de duração, ou (2) apenas por uma sílaba pesada com duas moras; a forma degenerada é formada por uma sílaba com uma mora; em (52c), o pé iambo é formado por três maneiras diferentes: (1) uma sequência de sílabas leve e pesada, sendo que a primeira tem uma mora e a segunda, duas; (2) uma sílaba pesada com duas moras; (3) uma sequência de sílabas leve e pesada, sendo que cada uma delas apresenta apenas uma mora; a forma degenerada, nesse caso, constitui-se por uma sílaba pesada com uma mora.

A teoria de Hayes (1995) prevê a existência de línguas em que o peso silábico não tem papel, como as línguas com pés troqueus silábicos, nas quais a única unidade que conta para a constituição de pés é a sílaba. As línguas em que o peso silábico é relevante podem ter o pé troqueu (moraico) e o pé iambo. Embora a questão do peso silábico seja crucial para a teoria métrica, nem sempre está clara a função que ele possui nas línguas. No que se refere ao Português, há divergências quanto ao papel do peso silábico. Para Bisol (1992), Wetzels (2003) e Massini-Cagliari (1999), ele é importante, pois explica o acento final em formas como:

(53)

a(mor)      coro(nel)      pa(ís)

Já para autores como Mateus e d'Andrade (2000) e Pereira (2007), o suposto efeito do peso silábico é um mero efeito paralelo da estrutura morfológica das palavras. Segundo esses autores, o acento considera não a palavra, mas o radical como domínio, e não procura uma sílaba, mas a última vogal do radical para sua localização.

(54)

[amor] Radical                      [coronel] Radical

Nessa visão, o acento passa posteriormente a ser atribuído à sílaba que contém a vogal acentuada. Consideramos que a análise por peso é a mais adequada, embora seja necessário reconhecer que o acento no Português também é influenciado por aspectos morfológicos e mesmo por idiosincrasias lexicais (como é o caso das palavras proparoxítonas e das oxítonas terminadas em vogal, por exemplo).

A Teoria da Extrametricidade diz que consoantes extramétricas não contribuem para o peso. Essas consoantes podem estar contidas numa sílaba e não contribuir para o peso, ou, então, não estão em sílaba alguma (são apêndices, que não fazem parte da sílaba propriamente) e, por isso, não contribuem para o peso. Como vimos no capítulo 1, a proposta de Harris e Gussmann (1998) vai contra a ideia da extrametricidade, pois adota a tese de que uma consoante contribui com peso para a sílaba, se estiver na coda. Por isso, nas formas abaixo, em (55a.), a consoante contribui para o peso, ao passo que em (55b.) não contribui.

(55)

a.

torment                      'tormento'  
Lament                      'lamento'  
Collápsse                      'colapso'

b.

edit                      'editar'  
astonish                      "surpreender"  
cancel                      "cancelar"

As formas em (55b) compõem um argumento para a proposição de Harris e Gussmann (1998), segundo a **qual** uma C] não se comporta como coda, isto é, não dá peso à sílaba, pois, na verdade, está no onset de uma sílaba posterior, a qual

não está visível ao acento. Entretanto, essa não visibilidade ao acento da sílaba de núcleo vazio não é automática. Como vimos no capítulo 1, um argumento que os autores trazem para defender a ideia de que as sílabas com núcleo vazio não têm nada de mais é o de que funcionam como outras sílabas na contagem métrica e regularizam a localização do acento: em línguas como o Espanhol, pode-se dizer que o acento é atribuído por um troqueu final, considerando-se sílabas finais com núcleo vazio em palavras como *Madrid* e *papel*.

(56)

a.		b.	
patáta	'batata'	Madrid	
palóma	'pombo'	jamón	'presunto'
camisa	'camisa'	papel	'papel'

Dessa forma, a sílaba sem núcleo audível é incorporada metricamente, e o acento, em Espanhol, consiste em um pé troqueu final.

(57)

a. patáta ( -                    ~ )

O	N	O	N	O	N
X	X	X	x	X	X
p	a	t	a	t	a

b. papel ( -                    ~ )

O	N	O	N	O	N
X	X	x	x	x	X
p	a	p	e	l	

Há, portanto, línguas que consideram as sílabas de núcleo vazio na atribuição do acento e línguas que não as consideram, como o Inglês e o Polonês. Podemos crer, então, na existência de línguas que projetam o NV metricamente e de línguas que não o fazem, tornando a projeção do núcleo vazio uma variação paramétrica.

Nessa seção, vimos que o peso silábico e o acento exercem uma importante função em uma língua NV. A noção de pé como constituinte prosódico também é fundamental para a determinação do acento, uma vez que essa unidade estabelece os padrões forte-fraco de uma língua.

## 2.5 O PAPEL DA MORFOLOGIA NA FONOLOGIA

A relação entre Morfologia e Fonologia sempre foi observada, por diferentes Escolas, desde o Estruturalismo até o Gerativismo. A partir do modelo proposto por Kiparsky (1982, 1985) e Mohanan (1982), conhecido como Fonologia e Morfologia Lexical (LPM), as relações entre esses módulos da gramática e a independência de ambos ficaram mais evidentes, na medida em que, nas palavras de Schwindt (2007), essa teoria propõe novas ferramentas para lidar com problemas clássicos de Fonologia e Morfologia nas línguas do mundo.

Ao investigarmos as consoantes finais como onsets de núcleos vazios no PB, a relação Fonologia–Morfologia deve ser ressaltada, na medida em que há dados, como a flexão de plural ‘mar-mares’, que são explicados, no plano morfológico, em termos de ausência versus presença da vogal temática. Dessa forma, um dos aspectos relevantes para nosso trabalho diz respeito a esse morfema em especial, a vogal temática, e, por essa razão, a presente seção discute um pouco o papel dessa unidade morfológica, baseada em Camara Jr. (1971) e Villalva (2000). Antecipamos que, no presente trabalho, a relação entre Morfologia e Fonologia será entendida como correspondência entre níveis representacionais distintos. Dessa forma, uma unidade do nível morfológico pode corresponder ou não a uma unidade do nível fonológico.

Para Camara Jr. (1971), a flexão nominal do Português é bem simples, pois consiste em adicionar o morfema de feminino e/ou plural a um nome masculino

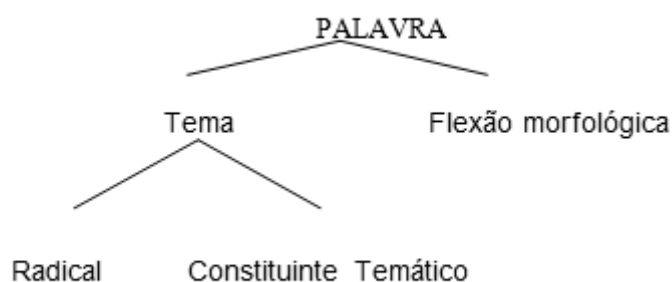
singular, sem marca própria; assim, para o plural, /z/; para o feminino, /a/. Conforme o autor, a única complexidade reside “nas mudanças morfofonêmicas que certas estruturas exigem”. Com relação aos nomes terminados em /r/, Camara Jr. (1971: 60) afirma que se trata de uma “reposição” da vogal temática, que não aparece no singular, mas no plural: mar(e) – mares, português(e) – portugueses. Já com relação aos nomes de radical terminados em /r/ e /z/ há uma divisão em dois grupos, conforme perdem, ou não, a vogal temática ‘-e’ no singular. Comparem-se ‘marmares’ com ‘are-ares’ (a medida agrária), ‘paz – pazes’ com ‘base-bases’.

Para os nomes terminados em //, no singular, a vogal temática ‘-e’ é acompanhada pela perda do //, produzindo-se, em consequência, um jogo de combinações entre a vogal temática e a vogal do radical. O resultado depende da natureza da vogal do radical: 1) ditongação se a vogal do radical for /a,e,o,u/, animal(e) – animais, papel(e) – papéis, anzol – anzóis; 2) permuta entre as vogais se for /i/ átono: fácil(e) – face(l)is – fáceis.; 3) supressão da vogal temática no singular e no plural se for /i/ tônico, anil – anis.

Segundo Camara Jr. (1971), para um nome terminado nas consoantes /r/, // ou /z/ flexionar-se em número – como ‘mar’, ‘mal’ ou ‘feliz’ – a adição da desinência de plural ‘-s’ vem acompanhada da realização da vogal temática – ‘marEs’, ‘malEs’ ou ‘felizEs’; nas formas do singular, essa vogal temática, via de regra, está suprimida. Um aspecto importante dessa análise é que ela localiza a alternância não no morfema de plural, mas sim no radical da palavra. Essa ideia é, portanto, distinta da forma como em geral é tratado o plural do Inglês, em que se considera o morfema de plural com alternantes /z/ ou /əz/. Conforme Schwindt (2007), essa concepção de Câmara Jr. (1971) é semelhante ao que postula Bloomfield (1939) na análise do fenômeno. Outro aspecto importante dessa análise é que ela inclui, no mesmo conjunto, a vogal temática /e/, de *pazes*, /a/, de *laranja*, e /o/, de *gatoo*, *fatoo* e *triboo*.

Villava (2000) tem uma concepção um pouco diferente da de Câmara Jr. Para a autora, a noção de constituinte morfológico é importante, pois radical, tema e palavra se organizam entre si de forma hierárquica, distinguindo-se pelos constituintes com os quais se combinam e pelas informações que portam.

(58)



Vilalva (2000: 120)

Os radicais portam, além de informações semânticas, duas informações específicas, a saber:

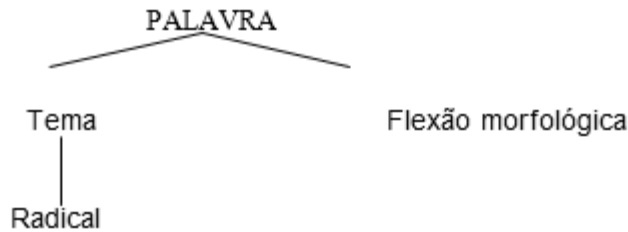
- a) informação relativa à categoria sintática, lexicalmente determinada;
- b) informação sobre a categoria morfológica a que pertencem.

Portanto, nos verbos, o radical contém informação que indica a conjugação a qual pertence; com relação aos radicais nominais (adjetivos e substantivos), adiciona-se um traço que indica a classe nominal a que pertence, a qual, em Português, é definida pela terminação e pelo valor de gênero. Por exemplo, o radical [pel] contém a informação de categoria sintática [substantivo] e a informação da categoria morfológica de “tema em ‘-o’, invariável”. Quanto à segunda informação, o constituinte que realiza a categoria morfológica do radical não pertence ao próprio radical, mas é um constituinte separado, que, com ele, constitui o tema: o constituinte temático (CT), ou seja, a vogal temática dos verbos e o índice temático nos nomes. Diferentemente de Câmara Jr. (1971), Villalva (2000) faz essa distinção entre índice temático e vogal temática, baseada na tradição gramatical que dá ao índice temático o nome de “desinência” ou “terminação”, ou, também, “morfema de gênero”.

O tema é o constituinte formado pela adjunção do constituinte temático – vogal temática e índice temático – ao radical, da qual herda a categoria sintática e a informação morfo-sintática. A palavra, para a autora, é uma estrutura morfológica formada pela adjunção da flexão morfológica (FM) ao tema e cujas propriedades morfo-sintáticas estão plenamente especificadas e realizadas.

Conforme Vilalva (2000), há radicais nominais atemáticos (bom, ruim, pé), para os quais a estrutura proposta é a seguinte:

(59)



Vilalva (2000:121)

Em línguas como o Português, a opção em (58) é a mais comum, ao passo que em outras, como o Inglês, a estrutura em (59) é mais frequente.

Para Villalva (2000, 2008), radical, tema e palavra podem funcionar como bases dos processos de afixação no Português. Os exemplos de sufixação abaixo são casos em que a base é o radical.

(60)

(a)

gente	gentalha
saliente	salientar
valente	valentão

(b)

crystal	crystalino
favor	favorecer
lugar	lugarejo

(c)

café	cafeteira
homem	homenzarrão
pó	poeira

Os exemplos em (60a) mostram radicais que se combinam com índice temático ‘-e’, ausente na forma derivada, porque a sufixação não operou sobre o tema, mas sobre o radical; os radicais em (60b) possuem um índice temático  $\emptyset$  e não têm realização fonética no singular. Já (60c) mostra palavras atemáticas, as quais são menos numerosas no léxico do Português.

Segundo Villalva (2008), a informação sobre a classe morfológica, aliada à especificação de gênero, está sempre presente nos radicais nominais, o que, em Português, define-se pela natureza do índice temático selecionado (-a, -o, -e, -Ø) ou pela ausência, (+). No singular, as palavras com tema -e terminam graficamente com a letra 'e' (mestre), e as palavras de tema -Ø terminam em 'l', 'r', 's'/'z' (lençol, amor, gás/paz). As de índice temático -Ø caracterizam-se pelo fato do índice temático não ter realização fonética no singular (flor) e ser realizado como [i] no plural (flores), o que aproxima as palavras com tema Ø, no plural, àquelas com tema -e, (tratores vs. dentes).

A autora distingue a existência de um índice temático morfológicamente Ø de sua realização fonética na flexão de plural dos nomes e dos adjetivos, valorØ – valor[e]s, o que nos sugere que a flexão de número das palavras com esse índice temático é um processo morfo-fonológico a revelar a existência de uma estrutura silábica com núcleo vazio.

Em suma, Villalva (2000, 2008) distingue o constituinte morfológico índice temático de sua realização. Por exemplo, o índice temático Ø pode não ter realização fonética nas formas do singular (mar – mares), mas está presente na estrutura abstrata do tema; em oposição a isso, há a inexistência de índice temático (café), o que está previsto na estrutura abstrata dessas palavras. Essa análise guarda muita semelhança com a análise de Câmara Jr. (1971), com a diferença de que Villalva (2000, 2008) admite a existência de um constituinte temático mesmo que ele não se realize foneticamente. Nesse sentido, a alternância que se observa nas formas de plural de 'favor – favores', por exemplo, não recai sobre o radical, mas sobre a forma do constituinte temático.

Para analisar uma consoante final de categorias nominais como onset de um núcleo vazio, é importante destacarmos nossa perspectiva de análise da vogal temática nesse contexto. Assim sendo, observamos que ela é, nas categorias nominais, a realização do núcleo da última sílaba (mesa, piano, gente). Quando a palavra termina nas consoantes /l/ e /r/, é possível considerar que o núcleo vazio que segue essas consoantes está associado, no nível morfológico, ao índice temático Ø, conforme (61):

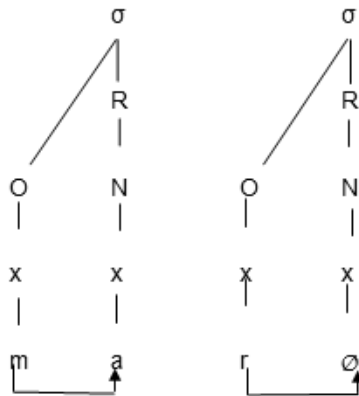


(61)

Estrutura morfológica

[mar]<sub>RN</sub> + [∅]<sub>IT</sub>

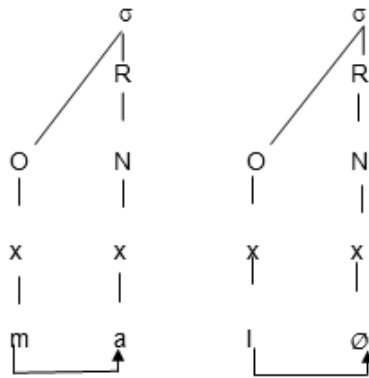
Estrutura silábica



Estrutura morfológica

[mal]<sub>RN</sub> + [∅]<sub>IT</sub>

Estrutura silábica



Nas formas em que o índice temático  $\emptyset$  tem realização vocálica, como mares e males, ele não corresponde ao núcleo vazio. Essas formas têm núcleo vazio, mas esse não está associado ao índice temático (ma.le.z $\emptyset$ ). O que na forma singular era um núcleo vazio está preenchido por uma vogal. Por outro lado, há palavras terminadas em consoante, que não possuem índice temático, as quais não adquirem forma diferente no plural, como 'lápiz – os lápis', ou 'pires – os pires'. Nesses casos, tanto a forma singular quanto a forma plural têm a estrutura pi.re.z $\emptyset$ , la.pi.z $\emptyset$ , com núcleo vazio no final. A diferença morfológica explica o comportamento diferente dessas formas, o que será explorado no capítulo 4. Para Harris e Gussman (1998), no Inglês, o núcleo vazio é, às vezes, audível, como no caso da sufixação de -s ou -d, assim como acontece no Português, 'mar – mares'; no entanto, neste último, o argumento não é tão direto como no primeiro, por causa da estrutura morfológica que estamos considerando.

Neste capítulo, vimos diversas propostas teóricas desenvolvidas no que concerne à análise da estrutura fonológica das línguas; discutimos também a sua compatibilidade com a proposta de núcleos vazios. Em termos de processamento, partindo dos conceitos fundamentais para a Fonologia Gerativa, chegamos à Fonologia Lexical e percebemos que a posição do núcleo silábico é criada em determinado nível da derivação, mas não necessariamente é preenchida no pós-lexico, o que gera variações como /pneu/ ~ /pineu/.

Em termos de representação, a sílaba é a categoria prosódica, formada pelo ataque (onset) e pela rima, que é constituída por núcleo e coda. Os componentes silábicos são organizados internamente, conforme propõe a Fonologia de Governo, seguindo os princípios de licenciamento intra e inter-elementos.

Por fim, salientamos as visões de Camara Jr. (1971) e de Villalva (2000, 2008) a respeito da vogal temática, uma vez que esse morfema, nos nomes terminados com consoante, é, para o presente trabalho, a realização do núcleo vazio, a qual ocorre tanto no nível lexical (mar – mares, lápis) quanto no pós-lexical (lápis + amarelo). Ainda que interpretada primeiramente como morfema, a vogal temática é um elemento essencial para a estrutura silábica do Português. Vemos, portanto, que a análise das consoantes finais como onsets é um fenômeno que pode ser observado em diferentes níveis da hierarquia prosódica, bem como em diferentes componentes da gramática.

### **3 LÍNGUAS QUE APRESENTAM SÍLABAS COM NÚCLEO VAZIO**

Neste capítulo, deter-nos-emos na observação de algumas línguas que, conforme foi defendido na literatura exposta nos capítulos precedentes, apresentam evidências para uma análise da consoante final como onset de um núcleo vazio, as quais denominamos línguas NV. Para fins de organização do capítulo, primeiramente, retomamos a discussão acerca da tipologia silábica, 3.1, e, em cada seção posterior a essa explanação inicial, apresentamos brevemente os dados de algumas línguas NV, a saber: (3.2) Línguas sem coda interna, mas com C-final – Kamaiurá, segundo Salzer (1974) e Cotê (2010); Diola-Fogny e Yapeseb, conforme Goad e Brannen (2003) – , e 3.3) línguas com coda interna e com C-final – Islandês, Inglês, Polonês e Irlandês, com base em Gussmann (2002); Inglês, Polonês, Amárico/Fidal, Francês e Islandês, com base em Harris e Gussmann (1998); Francês, conforme Féry (2001) e Charette (2006); e Turco, segundo Charette (2006). Dessa forma, partindo da observação de autores que encontraram evidências para os núcleos vazios em distintos idiomas, buscamos informações para sustentar a análise de núcleos vazios para o Português Brasileiro.

#### **3.1 TIPOLOGIA DAS LÍNGUAS NV**

Para introduzir a discussão, retomamos a distinção tipológica apresentada em Harris e Gussmann (1998) a respeito da possibilidade de ocorrência de consoante em coda medial e final.

(62)<sup>9</sup>

	VC interna	VC Final
Zulu	Não	Não
Italiano	Sim	Não
Luo	Não	Sim
Inglês	Sim	Sim

Para Harris e Gussmann (1998), a ideia de que uma consoante final é coda faz parte da tradição *west* (oeste/esquerda) ou greco-romana, segundo a qual um segmento associa-se a um núcleo que está a sua esquerda, o que é sustentado por vários estudos sobre versificação e Fonologia. No entanto, essa concepção contrasta com a tradição *east* (leste/direita), mais antiga, segundo a qual a consoante final está associada a um núcleo a sua direita, ou seja, é o onset de uma sílaba cujo núcleo é inaudível.

Os autores argumentam que essa concepção consegue explicar as distribuições tipológicas observadas acima, ao passo que a tradição oeste, de coda final, somente consegue explicar a existência de línguas como o Zulu e o Inglês. Casos em que uma consoante pós-vocálica apenas ocorre internamente, como no Italiano, ou no final, como no Luo, somente conseguem ser explicados com o acréscimo de estipulações especiais. Harris (2009) aponta algumas dessas estipulações especiais, como: (i) extrassilabidade, restrita à borda direita das palavras, e (ii) tratamento especial da coda final.

Ao final do primeiro capítulo, detalhamos um pouco essas abordagens, destacando suas fragilidades. Ao longo deste capítulo, também iremos apontar como as abordagens alternativas têm dificuldade de tratar os dados apresentados.

Na concepção defendida pelos autores e por esta tese, sequências finais VC constituem, na verdade, sequências de duas sílabas, das quais a segunda, mais à

---

<sup>9</sup> Apesar de Harris sempre citar Zulu e Luo como exemplo de coda final, não há confirmação dessa afirmação, e as referências mencionam codas internas para ambas as línguas. Por esse motivo, traremos outras línguas para ilustrar o que pretendemos.

direita, não possui núcleo. Conforme essa concepção, as línguas dividem-se em: (a) línguas que admitem coda (interna) vs. línguas que não admitem coda (interna) e (b) línguas que admitem sílabas de núcleo vazio vs. línguas que não admitem núcleo vazio.

Desta forma, a combinação desses dois parâmetros permite gerar a tipologia abaixo:

(63)

Admitem núcleo vazio?	Não		Sim	
Admitem coda interna?	Não	Sim	Não	Sim
Zulu	✓			
Italiano		✓		
Luo			✓	
Inglês				✓

Vemos, assim, que as quatro possibilidades combinatórias previstas pelos parâmetros postulados são atestadas. Neste capítulo, vamos tratar de diversas línguas que admitem núcleo vazio, trazendo, sempre que possível, evidências positivas para a análise. Evidentemente, nosso trabalho não dará conta de todas as línguas existentes. Devido a limitações de tempo de nossa pesquisa, a nossa exposição circunscreve-se, principalmente, às línguas tratadas nos textos de Goad e Brannen (2003), Gussmann (2002), Harris e Gussmann (1998), Féry (2001) e Charette (2006).

## 3.2 LÍNGUAS SEM CODA INTERNA E COM ONSET FINAL

### 3.2.1 Kamaiurá

O Kamaiurá, língua de uma única tribo que habita a aldeia situada no Parque Nacional do Xingu, no Estado de Mato Grosso, pertence à família Tupi e é falada por aproximadamente 150 pessoas. Dessas, entre 5% a 10% - normalmente o elemento

masculino na tribo-, falam um pouco de Português. Segundo a pesquisa realizada por Meinke Salzer (1974), o Kamaiurá é um exemplo de língua que não apresenta coda interna, apenas externa.

(64)

a.	<u>V</u>	<u>apa</u>	'pai'
		<u>nere</u> <u>i</u> <u>map</u>	'seu animalzinho de estimação'
		<u>ki</u> <u>e</u>	'faca'
b.	<u>VC</u>	' <u>iat</u>	'canoa'
		' <u>aputere</u> <u>ap</u>	'aparelho usado para carregar objetos na cabeça'
c.	<u>CV</u>	<u>tata</u>	'fogo'
		' <u>imar</u> <u>aka</u>	'canção'
d.	<u>CVC</u>	' <u>i</u> ' <u>aka</u> <u>ŋ</u>	'cabeça dele'
		' <u>ap</u> <u>i</u> <u>ka</u> <u>p</u>	'banco'

A distribuição das consoantes no Kamaiurá é a seguinte, em (65):

(65)

$V_2C_1$	As consoantes que ocorrem em $C_1$ são: p, t, m, ŋ, w, y.
$C_2V_3$	Toda consoante menos ŋ ocorre na classe $C_2$ .
$C_3V_4C_4$	As consoantes que ocorrem em $C_3$ são: k, kw, c, m, w, y, h, r, n, p, t. As consoantes que ocorrem em $C_4$ são: p, t, n, ŋ, w, y.

É possível perceber que o tipo de consoante que ocupa a posição final difere daquele que ocupa tal posição no PB, mas, ainda assim, as consoantes finais,  $C_1$  e  $C_4$ , são compatíveis com a posição  $C_2$ , de onset, exceto /ŋ/, em uma sílaba simples CV. Independentemente do tipo de segmento que ocupa a posição no esqueleto, o que está em jogo, nesse ponto do presente trabalho, é a tipologia dessa língua e o fato de o Kamaiurá ser uma evidência para a existência de línguas NV. A seguir, alguns dados da língua mostram que não há codas internas.

(66)

a.	Duas sílabas		
	V.CV	/a.ma/	'mãe'
	V.CVC	/a.man/	'chuva'
	CV.CV	/ta.ta/	'fogo'
	CV.CVC	/mo.kap/	'espingarda'
b.	Três sílabas		
	V.CV.CV	/i.pi.ra/	'peixe'
	CV.CV.CV	/ka.pi.ma/	'veadinho'
	CV.CV.CVC	/ya.we.wit/	'arraia'
	CV.V.CV	/tu.a.wi/	'esteira'
c.	Quatro sílabas		
	V.CV.CV.CV	/a.ra.wi.ri/	'braçadeiras'
	CV.CV.CV.CV	/ka.ra.me.ma/	'presente'
	CV.CV.CV.CVC	/he.ti.ma.kan/	'perna dele'

Everett e Seki (1985 apud CÔTÉ, 2011) oferecem dados que também sustentam a ideia de que o Kamaiurá é uma língua NV.

(67)

Kamaiurá (EVERETT e SEKI, 1985)

- |                 |                                 |
|-----------------|---------------------------------|
| a. [o-mo-tumu_] | 3p.s. agitar 'ele agitou algo'  |
| b. [o-mo-kon]   | 3p.s engolir 'ele engoliu algo' |
| c. [je-umirik]  | 1p.s amarrar 'eu amarrei'       |
| d. [o-huka]     | 3p.s rir 'ele riu'              |

Nesses exemplos, há apenas consoante pós-vocálica na posição final, como já mencionado acima. Mas, nessa língua, há o processo de reduplicação, que copia à direita as duas últimas sílabas da base. Quando a base termina em uma consoante, essa consoante é 'perdida' internamente e realiza-se apenas a do reduplicante. No exemplo /o-mo-kon/, as duas últimas sílabas da base são /mo-kon/,

sendo que a última posição é ocupada pela consoante /n/. Na reduplicação, teremos a realização [omokomokon] ‘ele engoliu frequentemente’, que não apresenta coda interna pelo apagamento da consoante da base, mas mantém a consoante /n/ na posição final do reduplicante. O mesmo acontece com o exemplo /je-umirik-mirik/, que se realiza como [jeumirimirik] ‘eu amarro várias vezes’.

O Kamaiurá, então, é uma língua que acolhe uma consoante pós-vocálica apenas na posição final; quando, em virtude do processo de reduplicação, essa consoante fica seguida por outra consoante dentro da palavra, ela não se realiza (o que pode ser explicado como um caso de *stray erasure* ou de restrição de cópia). Essa constatação pode ser explicada se entendermos que a consoante final, nessa língua, não é coda, mas onset de uma sílaba com NV. Na reduplicação, então, ocorreria o apagamento não apenas da vogal, mas da sílaba toda (por razões de licenciamento, conforme visto no capítulo 2).

### 3.2.2 Diola-Fogny e Yapese

Ainda com relação às línguas que não apresentam coda interna, mas onset final, Goad e Brannen (2003) apresentam dados do Diola-Fogny, uma das principais línguas regionais do Senegal, na África: as codas internas são limitadas a nasais geminadas ou nasais e líquidas homorgânicas, (68a.). A segunda coluna de (68a.) – ‘takun-mbr’ – revela que o apagamento da consoante /n/, devido à concatenação do morfema, produz formas consistentes desse fato. Qualquer consoante do inventário do Diola pode ocorrer na posição final, conforme Sapir (1965, p. 6 apud GOAD e BRANNEN, 2003).

(68)

#### *Diola-Fogny (West Atlantic) (Sapir 1965):*

a.	<b>nijaŋŋan</b>	‘chorei’	<b>takun – mbr</b>	→	<b>takumbɪ</b>	‘não se deve...’
	<b>jensu</b>	‘camisa’	<b>let – ku – jaw</b>	→	<b>lekujaw</b>	‘eles não vão...’
	<b>salte</b>	‘sujo’	<b>na – laŋ – laŋ</b>	→	<b>nalalaŋ</b>	‘ele devolveu’
b.	<b>fumo:məf</b>	‘tronco’	<b>ufe:giɾ</b>	‘árvore’	<b>famb</b>	‘irritar’
	<b>wopu:s</b>	‘lagarta verde’	<b>irok</b>	‘sou gordo’	<b>jawac</b>	‘nadar’

Goad e Brannen (2003: 10)



De acordo com Ito (1986 apud GOAD e BRANNEN, 2003), consoantes finais em Diola-Fogny não são codas, mas são licenciadas extraprosodicamente. Piggot (1991) defende a existência de um paralelo entre o perfil do segmento das consoantes finais e o que são indiscutivelmente onsets em uma língua e, desse modo, conclui que consoantes finais são onsets de sílabas com uma cabeça vazia (*empty-headed-onset*), análise com a qual Goad e Brannen (2003) concordam. Outras evidências vêm do perfil coda–onset de clústeres finais ([famb] ‘irritar’) e da ausência do encurtamento de sílaba fechada ([wopu:s] ‘lagarta verde’).

Diola-Fogny (assim como o Selayarese) é uma língua consistente com a hipótese de que a coda é marcada com relação ao onset; codas tipicamente licenciam um limitado tipo de traços com severas restrições sobre quais podem aparecer nessa posição. Em contraste, onsets são (virtualmente) não restritos entre as línguas, como o Kamaiurá e o Diola-Fogny. O tipo de opções de consoantes permitidas na borda direita em Diola é consistente com a falta de coda.

O *status* não marcado do onset é mais fortemente demonstrado pelo fato de que nenhuma língua proíbe sílabas CV, e algumas línguas apenas permitem sílabas desse tipo (Cayuvava, Senufo). O Yapese proíbe coda interna e, assim como Diola-Fogny, consoantes finais (exceto [h]) podem ocorrer livremente (JENSEN, 1977:29).

Exemplos representativos do onset final do Yapese podem ser vistos em (69a). As formas ilícitas em (69b) revelam a ausência de codas internas. Além disso, a epêntese serve para impedir clústeres que surgiriam pela concatenação do morfema /bug-y/ → /buguy/ ‘dobrar algo’, /meel-y/ → /meeliy/ ‘puxar a corda’.

(69)

*Yapese (Austronesian) (Jensen 1977):*

a. <b>laaʈ</b>	‘tipo de árvore’	<b>magad</b>	‘saco de cal’	<b>taan</b>	‘canção’
<b>garik</b>	‘medusas’	<b>pilig</b>	‘derrubar’	<b>lik</b>	‘sua raiz’
<b>lukur</b>	‘stick to pick up food’	<b>danoop</b>	‘mundo’	<b>faraf</b>	‘pisso’
b. *lukkur *piltig *dandoop *fardaf					

Goad e Brannen (2003:10)

A falta de coda interna, a presença de vogais longas antes da consoante final e o tipo de segmento exibido como consoante final indicam fortemente que essas

consoantes não são silabificadas como coda. Thornburn (1993) sugere que elas seriam extraprosódicas, mas Goad e Brannen (2003) concordam com Piggott (1993), que as consoantes finais em Yapese são onsets.

Em resumo, há três tipologias para a silabificação da consoante pós-nuclear, como ilustramos em (70). Línguas com codas internas têm duas opções para consoantes finais: podem ser silabificadas com onset (Diola-Fogny), ou podem ser codas (Selayarese).

Já que o molde da coda interna tem um importante papel para determinar o *status* da consoante final, Goad e Brannen (2003) predizem que, em línguas com consoantes finais, mas não com coda interna, a consoante final deve ser sempre analisada como onset (Yapese). De outra forma, pode não haver uma língua em que CVC é limitada à borda direita e onde a consoante final tem um perfil de coda. Sob essa perspectiva, se consoantes finais estão silabificadas como coda em tais línguas, nada haveria para impedir a presença de codas internas.

(70)

Tipologia da silabificação da consoante pós-nuclear

Coda interna	Consoante final	Exemplos
Sim	Onset	Diola-Fogny, Francês
Sim	Coda	Selayarese, Japonês
Não	Onset	Yapese, Kamaiurá
Não	Coda	-

Goad e Brannen (2003:11)

### 3.3 LÍNGUAS COM CODA INTERNA E ONSET FINAL

Segundo a tipologia silábica em 3.1, há línguas que permitem coda interna e externa. Dentre essas línguas, apresentamos, a seguir, dados do Inglês, do Islandês, do Irlandês, do Amárico, do Polonês, do Francês e, por fim, do Turco.

### 3.3.1 Inglês

No Inglês, conforme os dados de Harris (2009), abaixo, os segmentos consonantais que ocupam a posição de coda interna são os mesmos que ocupam a posição de onset final.

(71)

- a. coda interna: *winter, clamber, guilty, dolphin, after, sister, chapter, factor,...*
- b. coda final: *fit, pan, tip, gull*

Em posição final, podem ocorrer sequências de duas ou mais consoantes. Quando houver duas consoantes, os segmentos que ocupam a primeira posição são [l] e [n] e são seguidos por uma obstruente, a qual constitui, na análise considerada aqui, o *onset* de sílaba posterior.

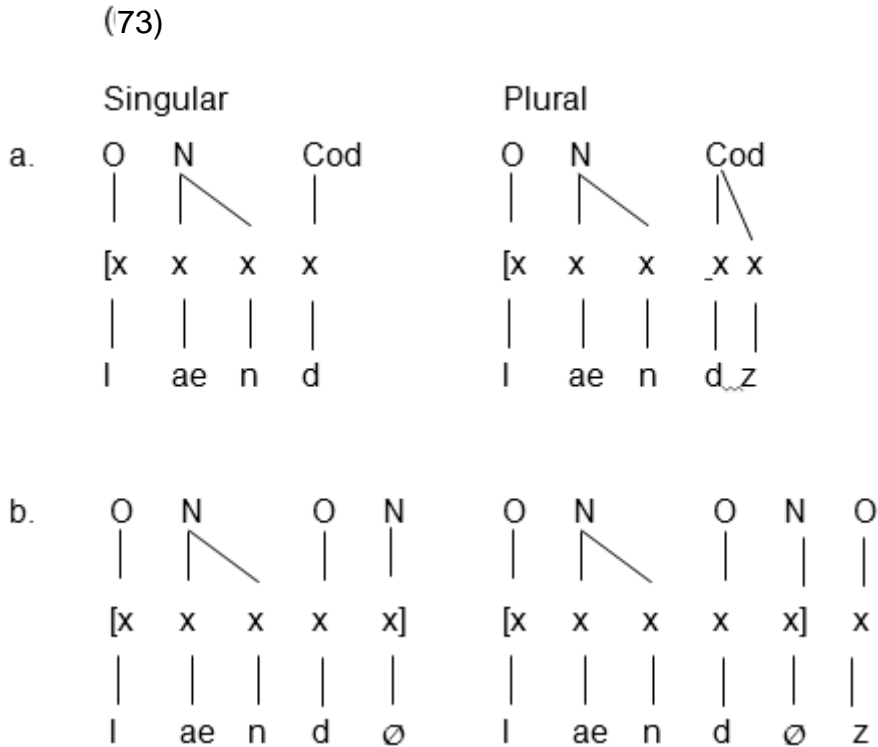
(72)

- a. *fist, fact, desk, gulp, land*
- b. *paste, paint, rind, child*

Segundo Gussmann (2002), a silabificação tradicional não tem problemas com a consoante final /d/ em *lad* [læd] “menino”, ou *land* [lænd] “terra”: esse segmento deve ser coda, pois não há nenhuma outra posição para ser ocupada. No entanto, esse autor ressalta que, se aceitamos isso, também teremos de aceitar três consoantes na coda, como *landz* [lændz] “terras”, *next* [nekst] “próximo”; quatro consoantes, como em *sixths* [sɪksθs] “sexto”, e, ocasionalmente, até mesmo cinco consoantes na posição de coda, como em *triumphst* [traɪɒmpfst] “triunfo”.

O importante a destacar aqui é que essas sequências só ocorrem em final de palavra, muitas vezes, como resultado da concatenação morfológica. Tendo em vista esse fato, se a análise desses segmentos permitir a existência de núcleos vazios, a explicação da ocorrência dessas sequências em final de palavra fica bastante simplificada. Na representação abaixo, mostramos comparativamente a

análise por coda e a análise por onset final para as palavras *land* “terra” e *lands* “terras”.



A primeira representação, em (73a), considera a consoante ‘d’ como coda silábica, numa sílaba fechada, ao passo que, em (73b), a mesma consoante, /d/, pode pertencer ao onset de uma sílaba com núcleo vazio, o que se estende a vários outros dados desse tipo. Vale ressaltar que a observação deve levar em conta o fato de haver ou não adição da desinência de plural em (73).

Trataremos aqui ainda dos casos em que uma vogal longa é seguida por uma consoante em final de palavra. Vejam-se os exemplos a seguir:

Os exemplos em (74a) mostram que uma vogal pode ser longa ou curta antes de um onset no interior de uma palavra. O mesmo vale quando a consoante se encontra em final de palavra (74b); mas, se a C] é coda, isso não se explica, uma vez que não é possível vogal longa em uma sílaba fechada. Se a C] é onset, a falha do encurtamento em *lead* é algo previsível, pois a sílaba não está de fato fechada.

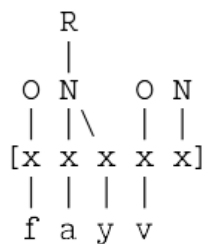
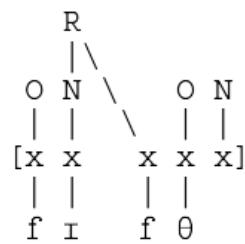
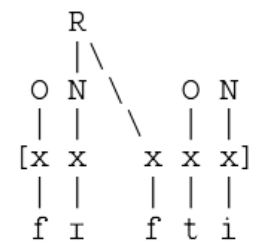
Dados com clústeres finais também se comportam da mesma maneira, visto que, como ficou demonstrado anteriormente, numa sequência CC, o primeiro elemento pode ser silabado como coda ou como onset complexo.

(74)

a.		b.	
VV.C]		VC.C]	
kept	'manter'	kept	'mantido'
deep	'profundo'	depth	'profundidade'
five	'cinco'	fifth	'quinto'

Para ilustrar a influência de uma sequência CC] no encurtamento vocálico, observemos as representações a seguir:

(75)

(a) **five**(b) **fifth**(c) **fifty**

Na forma *five*, 'cinco', a consoante final é o onset de núcleo vazio. Na forma *fifth*, 'quinto', a primeira das consoantes finais é coda, e a segunda é onset de uma sílaba com NV, o que explica porque a vogal é curta neste caso. Na forma *fifty*, 'cinquenta', igualmente, a primeira consoante é coda e a segunda onset, só que, desta vez, de uma sílaba com núcleo preenchido.

### 3.1.2 Islandês

O Islandês, segundo Harris e Gussmann (1998), é uma língua que permite cinco estruturas de rima, a saber: VV.C], /*ta:l*/, 'número', VV.], /*svo:l*/, 'então', VV.CV], /*fɛ:la*/, 'esconder', VV•CC], /*snY:pr*/, 'reprovar', e VV•CCV, /*bɛ:trl*/, 'melhor'.

A análise do fenômeno do alongamento do Islandês, em que uma vogal acentuada é alongada, revela um comportamento semelhante ao do encurtamento do Inglês, só que no sentido inverso. Como vemos abaixo, quando a consoante (76a.) ou o grupo consonantal (76b.) pertencer ao onset da sílaba seguinte, a vogal é alongada.

(76)

(a)	<b>fela</b>	<i>fɛ:la</i>	'esconder'	<b>tala</b>	<i>t<sup>h</sup>a:la</i>	'falar'
	<b>ráða</b>	<i>rau:ða</i>	'aconselhar'	<b>éta</b>	<i>je:t<sup>h</sup>a</i>	'devorar'
	<b>þola</b>	<i>θɔ:la</i>	'falar'	<b>yfir</b>	<i>i:vɪr</i>	'fim'
	<b>sími</b>	<i>si:mi</i>	'telefone'			
(b)	<b>betri</b>	<i>be:t<sup>h</sup>ri</i>	'melhor'	<b>nepja</b>	<i>ne:p<sup>h</sup>ja</i>	'geada'
	<b>vökva</b>	<i>vø:k<sup>h</sup>va</i>	'flor d'água'			

Nos casos acima, a sílaba em que ocorre a vogal alongada é aberta, pois uma sílaba fechada impede o alongamento, conforme (77).

(77)

<b>panta</b>	<i>panta</i>	'ordenar-verbo'	<b>senda</b>	'enviar'
<b>mælti</b>	<i>ma<sup>ʔ</sup>lti</i>	'falar-pret.'		

No domínio interno, como vimos em (76), tanto uma consoante sozinha (76a) quanto um clúster com duas consoantes (76b) formam onsets de sílaba, e, assim, a vogal da sílaba precedente (que não possui coda) é alongada. Entretanto, antes de uma coda (77), a vogal deve permanecer curta.

O modelo do Islandês é bastante simples: vogais longas devem estar em sílabas abertas, não em sílabas fechadas. Há, no entanto, um obstáculo bem significativo à proposição que considera C] como coda: as palavras monossilábicas com C], que somente deveriam permitir uma vogal curta, apresentam invariavelmente uma vogal longa.

(78)

<b>tal</b>	<i>tʰa:l</i>	'número'	<b>von</b>	<i>vɔ:n</i>	'esperança'
<b>hæð</b>	<i>hai:ð</i>	'estatura'	<b>þjóð</b>	<i>θjou:ð</i>	'nação'
<b>rök</b>	<i>rø:kʰ</i>	'causa'	<b>bil</b>	<i>bi:l</i>	'momento'
<b>fet</b>	<i>fɛ:tʰ</i>	'passo'			

A proposta de Harris e Gussman (1998), que não considera uma C] parte da sílaba precedente, permite explicar esse comportamento aparentemente contraditório da língua. Dessa forma, dados como '*tala*' (76) e '*tal*' (78) são submetidos à mesma generalização: a vogal é alongada quando acentuada em sílaba aberta.

(79)

- a. VV.C]
 

fet	<i>fɛ:tʰ</i>	'passo'
-----	--------------	---------
- b. VV.]
 

svo	<i>svo:</i>	'assim'
-----	-------------	---------
- c. VV.CV]
 

fela	<i>fé:la</i>	'escondido'
------	--------------	-------------
- d. VV.CCV]
 

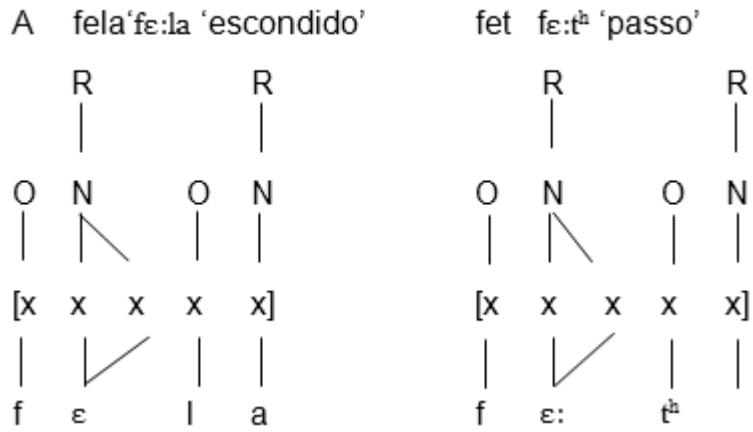
betri	<i>bé:tʰri</i>	'melhor'
-------	----------------	----------
- e. VV.CC]
 

sötr	<i>sö:tr</i>	'sorver'
------	--------------	----------

(79a) mostra que, se ocorre uma vogal longa nessa posição, é porque a consoante final desse monossílabo é onset; em (79b), a sílaba aberta licencia o alongamento; em (79c), fica evidente que a consoante seguinte à vogal acentuada é onset da sílaba seguinte; em (79d) e (79e), há evidências de que há onsets complexos no Islandês tanto em sílabas preenchidas quanto em sílabas com núcleos vazios. Assim, em todos os casos analisados, a vogal acentuada longa

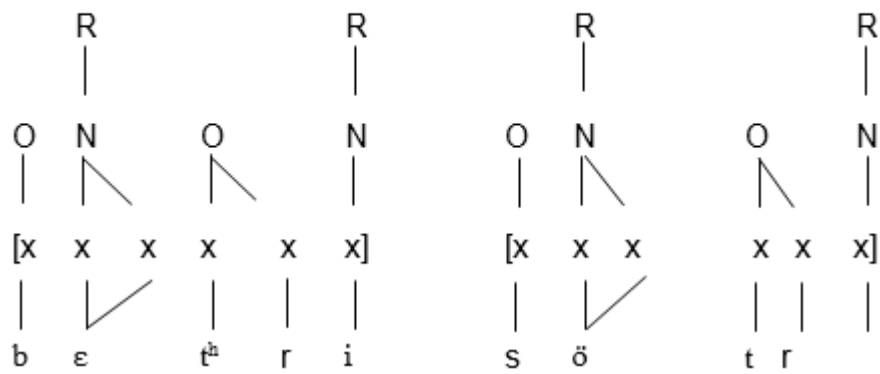
ocorre em uma sílaba aberta se a C seguinte for um onset. As representações abaixo explicam a configuração silábica do Islandês.

(80)



betri bɛ:tʰri 'melhor'

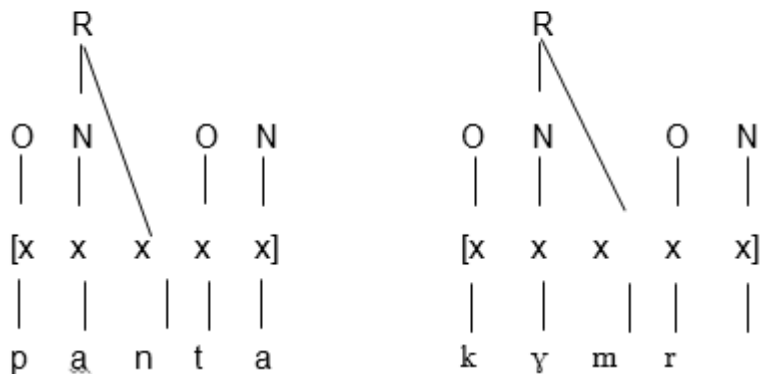
sötr sö:tr 'manchar'



B

Panta panta 'ordem'

kumf kymr 'berro'



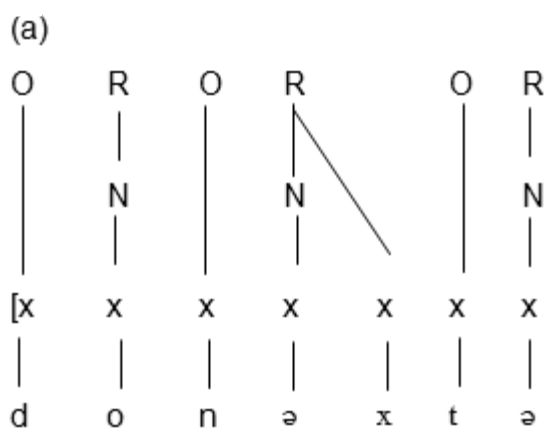


As representações métricas em (80) indicam que a consoante final comporta-se mais consistentemente como um onset do que como coda. Além disso, essa análise também explica porque o alongamento ocorre em *snupr* /sny:pr/ 'repreender' mas não em *kumr* /kymr/<sup>10</sup> 'berro'. No segundo caso, a sequência de sonoridade prevê que a consoante /m/ fica na coda da sílaba anterior, e não há a formação de onset final complexo. Já no primeiro caso, a sequência de sonoridade permite que /p/ e /r/ formem um onset final complexo.

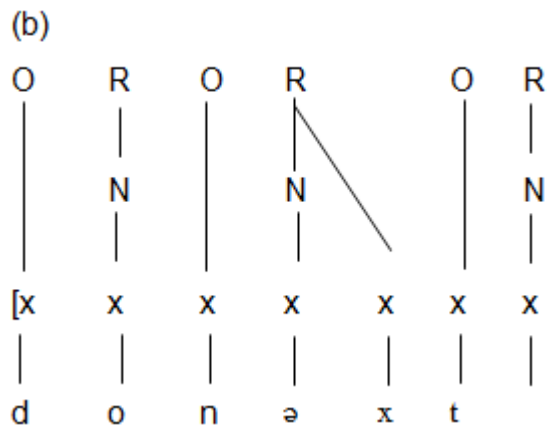
### 3.1.3 Irlandês

Harris e Gussmann (1998) apontam que o Irlandês tem um conjunto mais restrito de sequências consonantais, em comparação com o Inglês, tanto no que se refere ao interior da palavra quanto na fronteira. Nessa língua, quaisquer consoantes finais ocorrem também no interior, como sequências de coda onset, conforme exemplificam os dados *donachta* 'maldade, gen.' e *donacht* 'maldade', em (81), abaixo:

(81)



<sup>10</sup> Aqui os monossílabos *snupr* /sny:pr/ 'repreender' e *kumr* /kymr/ 'berro' ilustram a situação de que ora a vogal é longa, ora não é.



Embora o Irlandês não exemplifique uma situação de excepcionalidade final, como nos outros casos de línguas aqui analisados, vemos que, se considerarmos que o núcleo subsequente à última consoante é vazio, ou seja, se admitirmos uma posição na estrutura que não está recoberta por material fonético, o comportamento de consoantes em posição de coda interna é igual ao de consoantes no final.

### 3.1.4 Amárico

O Amárico, idioma oficial da Etiópia, apresenta um sistema de escrita silábica cuja estrutura admite sequências do tipo V, (e), CV, (li), e CVV, com vogal longa (laa) ou com ditongo (nye), como podemos observar em (82):

(82)

አንክኳን ደስ አለዎት ('e-ne-ke-kwaa-ne da-se 'a-la-wo-te) 'parabéns'

ሊነግሩኝ ይችላሉ? (li-na-ge-ru-nye ye-ce-laa-lu?) 'pode me dizer...?'

Um fato interessante de observar nesse idioma é a preferência por desfazer encontros consonantais, como mostram os dados abaixo:

(83)

ፈረንሳይ	(fa-ra-ne-saa-ye)	‘França’
እስራኤል	(‘e-se-raa-’ee-le)	‘Israel’
እንግሊዝ አገር	(‘e-ne-ge-li-ze ‘a-ga-re)	‘Inglaterra’
አየርላንድ	(‘a-ya-re-laa-ne-de)	‘Irlanda’

A evidência do Amário para nosso trabalho acerca de consoantes finais serem núcleos de uma sílaba com núcleo vazio vem do seu sistema de escrita silábica, o Fidäl. Nesse sistema, a representação gráfica é das sílabas e não dos fonemas, ou seja, o número de símbolos corresponde ao número de sílabas. Entretanto, uma consoante final recebe um símbolo separado.

(84)	Fidäl	Escrita alfabética	
(a)	ፍ	<i>nā</i>	‘vir’
(b)	ቀፍ	<i>k’əna</i>	‘honesto’
(c)	ቀን	<i>k’an</i>	‘dia’

As formas ortográficas em Fidäl, na primeira coluna, mostram cada símbolo representando uma sílaba inteira: **ፍ** representa ‘na’ em (84a) e (84b); **ቀ** representa *k’ə* em (84b) e (84c). O que salta aos olhos é o símbolo **ን** em (84c) que representa a consoante final ‘n’. Para Harris e Gussmann (1998), essa representação sugere que a consoante final seja intuída como constando em uma sílaba separada da precedente *k’ə*.

Segundo esses autores, grande parte dos sistemas ortográficos silábicos são exemplos de que a consoante final pertence a uma sílaba separada da que a precede, ou seja, são onsets de uma sílaba cujo núcleo é inaudível. Estão nesse grupo o Devanágari (do Sânscrito e do Hindu), o Katakana e Hiragana (do Japonês) e o Hangul (do Coreano).

É importante notar que esse tipo de argumento usado pelos autores, embora se baseie em dados da escrita, justifica-se pelo fato de que esses sistemas de escrita refletem a concepção que os falantes têm da sua língua. Conforme os autores argumentam, essa tradição de escrita contém um *insight* fundamental para a Teoria Fonológica Moderna.

### 3.1.5 Polonês

O Polonês é uma língua em que não é raro encontrar três, quatro ou até mesmo cinco consoantes no final de uma palavra.

(85)<sup>11</sup>

Lapsk	[wapsk]	'pata, gen, pl.'
Ostrz	[ɔstʃ]	'afiar, imper.'
Lgarstw	[wgarstf]	'falsidade, gen., pl.'
nastepstw	[nastempstf]	'consequência gen., pl.'

Nesse caso, os clústeres como os de (85) na posição de coda trazem como consequência sílabas superpesadas, para cuja análise outras abordagens precisariam adotar algumas estipulações, como a de extrametricidade.

Antes de observar formas mais longas, vejamos o que acontece com formas terminadas em duas consoantes:

(86)

a. Polonês

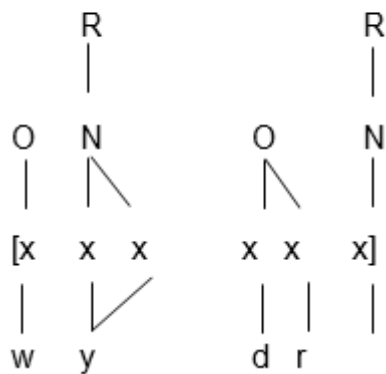
ba[rk]	'ombro'
ka[nt]	'borda'
ska[rp]	'tesouro'

---

<sup>11</sup> Até o presente momento, não encontrei a representação silábica dessas formas do Polonês.

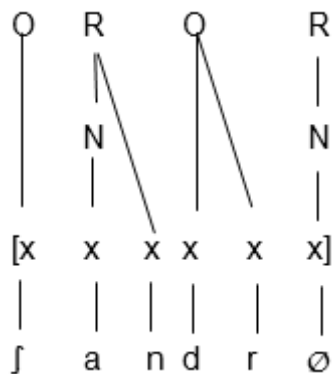


(89)



Como o Polonês aceita tanto um clúster coda-onset quanto um clúster ramificado na posição de onset, esses modelos podem ocorrer em combinação, resultando um clúster C.CC]. Isso é exatamente o que se encontra, por exemplo, em dados do Polonês, como *cha[ndr]* ‘azul, gen.’, *fi[ltr]* ‘filtro’, *ma[rt/]* ‘preocupar’ (imp), conforme (90) .

(90)



### 3.1.6 Francês

O Francês é outra língua que ilustra a organização silábica, permitindo uma categoria vazia. Tal como o Polonês, o Francês admite onsets finais simples ou complexos. Além disso, conforme Féry (2001) e Charette (2006), o Francês

apresenta encurtamento vocálico com características similares às do Inglês: ele afeta apenas a última vogal da frase fonológica, como ilustramos em (91):

(91)

a.

*c'est lourd* [u:] 'isso é pesado'  
*pauvre* [o:] 'pobre'  
*il est à la cave* [a:] 'ele está na adega'

b.

*le lourd [u] camion* 'o caminhão pesado'  
*pauvrement* [o] 'mal'  
*la cave [a] à vin* 'a adega de vinho'

Para Féry, o Francês apresenta semissílabas apenas na posição final, que funciona como onset de uma sílaba sem núcleo. Isso explica por que vogais longas podem estar em sílabas aparentemente fechadas no nível fonético.

Abaixo, vemos a representação de palavras monossilábicas do Francês segundo a abordagem de uma C] como semissílaba de Féry (2001:11).

(92)

Core syllable			+	Semisyllable	
σ				σ	
/	\				
Onset	Rime			Onset	
	/	\			
	Nucleus	Coda			
f	ç	χ	t		(forte 'feminino')
k	a	l	k		(calque 'rastrear')
p	i		tχ		(pitre 'palhaço')
	a	ʁ	bʁ		(arbre 'árvore')
sj	ε		kl		(siècle 'século')
d	u		bl		(double 'duplo')

No âmbito de nosso trabalho, o estudo de Féry (2001) interessa-nos especialmente pelos dados com que trabalha, em (86), não pela abordagem de uma C] como semissílaba. Segundo a concepção de que as C] são onsets, essas palavras também são interpretadas como bissilábicas, e os onsets das sílabas podem ter até três segmentos, mas sempre respeitando a sequência de Sonoridade, conforme (93):

(93)

- a. pʁ (près), bʁ (bras ‘arm’), gl (glace ‘ice’), pw (pois ‘pea’), ky (cuire ‘to cook’), by (buisson ‘bush’), dj (diable ‘devil’), gʁw (groin ‘snout’), bʁy (bruit ‘noise’)
- b. fʁ (frère ‘brother’), vʁ (vrai ‘true’), fl (fleur ‘flower’), sw (soie ‘silk’), zw (zouave ‘Zouave’), ʒw (joie ‘joy’), fy (fuite ‘flight’), lj (chien ‘dog’)
- c. lw (loi ‘law’), ny (nuit ‘night’), ry (ruine ‘ruin’), mj (miel ‘honey’), rj (rien ‘nothing’)

É importante notar que boa parte desses onsets iniciais também ocorre na posição final, como onsets de sílabas com núcleo vazio.

Retomando os dados apresentados por Harris e Gussmann (1998), vemos que duas consoantes finais podem silabificar como sequências coda-onset ou como onsets complexos, dependendo da sonoridade dos segmentos que as constituem.

(94)

a. Onset final simples

po[rt]e ‘porta’

Prou[st]

lou[rd]e ‘pesada’

b. Onset final complexo

sabre ‘sabre’

vitre ‘pane’

poudre ‘pó’

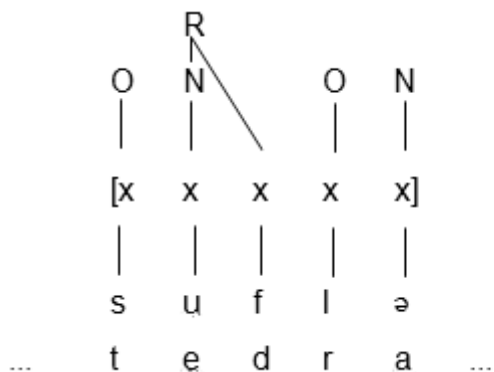
Qualquer teoria que trate clústeres finais como coda apresenta dificuldade para lidar com dados como os acima. A Sequência de Sonoridade deveria ser decrescente com relação ao núcleo; no entanto, em (91b) vai na direção oposta: tais clústeres consistem em uma obstruinte seguida por uma líquida, o que não é permitido pela escala de sonoridade.

Conforme mostramos abaixo, os mesmos onsets complexos encontrados em final de palavra encontram-se também no meio.

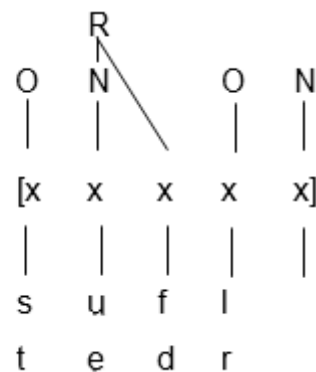


(95)

a. Onset complexo interno

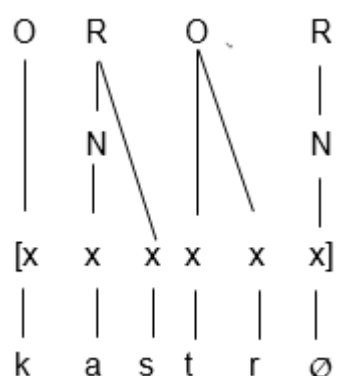
*souffler* 'ventar'*katedra* 'catedral'

b. Onset complexo final

*souffle* 'sopro'*katedr* 'catedral, gen.pl.'

Além desses casos, há também seqüências de três consoantes finais, que, como no Polonês, se explicam pela silabificação coda + onset complexo.

(96)

*arbre* "árvore" [arbr]*castre* "castrar" [kastr]

A análise dessas seqüências como constituídas de coda + onset complexo explica por que essas seqüências têm uma estrutura de sonoridade decrescente no início e crescente no final. Caso as consoantes finais fossem meros apêndices, esse padrão de comportamento em termos de sonoridade não ficaria explicado. Ainda, uma abordagem por extrametricidade também tem dificuldade em explicar formas

como as acima, pois admite apenas um segmento extramétrico nas bordas de um domínio.

Os dados do Francês mostram-se importantes na medida em que apresentam o mesmo comportamento daqueles já expostos quanto ao comportamento das consoantes e de clústeres em final de palavra.

### 3.1.7 Turco

Segundo Charette (2006, 2008) e Harris (1997), o Turco também é uma língua que admite núcleos vazios em final de palavra. Sejam os dados abaixo:

(97)

	<i>kara</i> 'terra'					<i>kapak</i> 'tampa'					
a)	O	N	O	N		O	N	O	N	O	N
	x	x	x	x		x	x	x	x	x	x
	k	a	r	a		k	a	p	a	k	

A diferença entre (97a) e (97b) é que vemos, respectivamente, um núcleo preenchido e um núcleo vazio licenciado. Segundo Harris (1997: 38), as consoantes de coda interna são restritas a [l, r, s] e nasais cujo ponto de articulação coincide com o ponto de articulação do segmento seguinte. Os mesmos elementos podem aparecer em final de palavra, mas, além desses, ocorrem também os oclusivos e africados, o que constitui um dos argumentos para a análise de que esses segmentos finais são onsets e não codas.

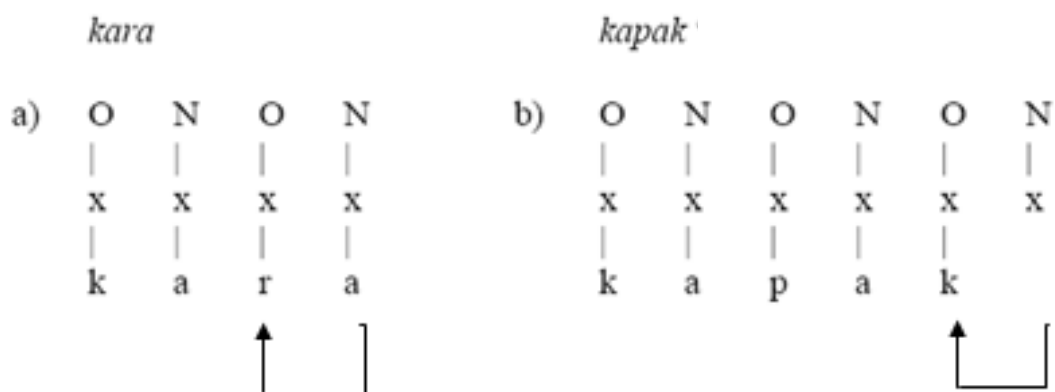
No Turco, também ocorrem sequências CC finais, das quais o segundo elemento pode ser considerado o onset de uma sílaba com núcleo vazio, conforme os dados de Harris (1997: 332-333).

(98)

	i. nominativo	ii. Acusativo	
a.			
	[alt]	[altɪ]	‘fundo’
	[kulp]	[kulpu]	‘punho’
	[mülk]	[mülkü]	‘propriedade’
	[tort]	[tortu]	‘sedimento’
	[sarp]	[sarpɪ]	‘terreno irregular’
	[terk]	[terki]	‘abandonar’
b.			
	[kent]	[kenti]	‘cidade’
	[genĉ]	[genĉji]	‘jovem’
	[kamp]	[kampɪ]	‘campo’
	[deŋk]	[deŋgi]	‘igual’
c.			
	[dost]	[dostu]	‘camarada’
	[gasp]	[gaspɪ]	‘conagrar’
	[kösk]	[köskü]	‘quiosque’

Um aparente problema para a análise com núcleo vazio é o fato de o acento de palavras como *kara* e *kapak* ser regular: ambas as palavras têm acento primário na vogal (plena) à direita. Observando a representação da estrutura silábica, entretanto, não podemos dizer que o acento está no núcleo final. Embora ambas sejam acentuadas na última vogal visível, no nível fonológico, ‘*kara*’ tem acento na posição final, e ‘*kapak*’ tem a penúltima sílaba acentuada. No sentido de dar conta do acento no Turco, Charette (2006, 2008) apela para a noção de licenciamento, que foi apresentada no capítulo 2.

(99)



Retomando as relações da Fonologia de Governo, expostas no capítulo 2, o elemento **dependente**, em qualquer domínio, deve ser **licenciado** pela presença de um elemento “**cabeça**”. A vogal plena /a/, em (99a) é o elemento cabeça (h) e, portanto, não precisa ser licenciada. Já o núcleo vazio após /k/, em (99b), precisa ser licenciado pelo domínio prosódico por estar na borda.

Dessa forma, Charette (2006, 2008) propõe a seguinte regra de acento:

(100) Acentue o núcleo não-licenciado à direita.

Essa regra de acento regular fixa o acento no núcleo final de ‘kará’, que é um núcleo não-licenciado preenchido e também fixa o acento no penúltimo núcleo de ‘kapák’, porque, nessa palavra, o núcleo final é lexicalmente vazio e licenciado, o que, portanto, o impede de ser a cabeça métrica.

Charette (2006, 2008), porém, vai além e explica que a localização do acento deve ser entendida em termos de pé. Segundo essa proposta, as palavras do Turco contêm um pé cuja posição fraca é preenchida por um núcleo vazio. As justificativas para essa análise são apresentadas brevemente a seguir.

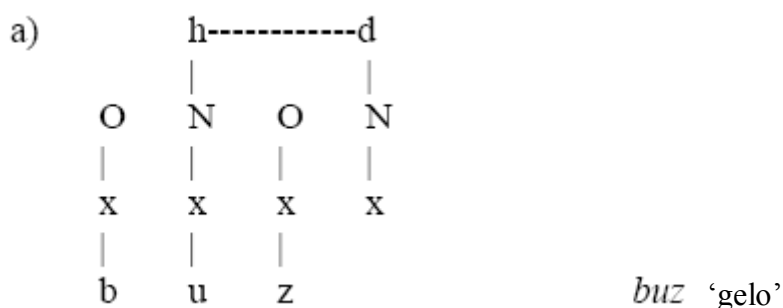
Palavras com a estrutura mínima CV são raras no Turco, restringindo-se a alguns pronomes. As demais ocorrências têm a estrutura CVC e VC, como nos exemplos em (101).

(101)

buz                    'gelo'  
 el                     'mão'

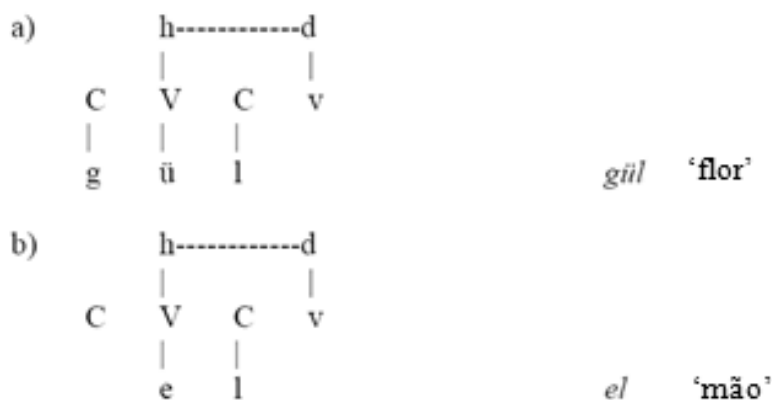
Portanto, uma palavra mínima típica do Turco tem estrutura (C)VCØ, ou seja, um pé binário, de cabeça (h) à esquerda, com a posição dependente (d) associada a um núcleo vazio, como ilustra (102).

(102)



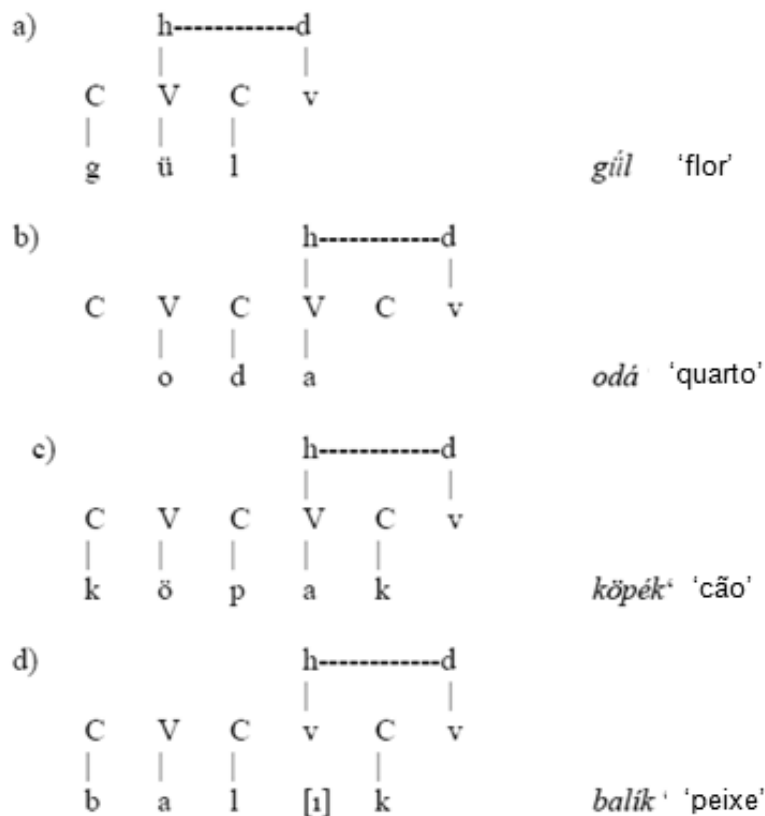
A partir a observação dessas palavras, Charette (2006, 2008) defende que as demais palavras também se explicam por um pé troqueu silábico. Uma palavra é bem formada se ela termina em um pé troqueu silábico, independentemente de que este tenha uma vogal preenchida ou vazia como seu dependente. Isso explica, segundo Charette (2006, 2008), tanto a estrutura da palavra mínima quanto a do acento regular. Como ilustrado em (99), as palavras aparentemente monossilábicas são compostas de um pé troqueu com um dependente de núcleo vazio.

(103)



A autora propõe que o acento regular em palavras de mais de uma sílaba é atribuído graças à presença de posições vazias, conforme ilustrado em (100), onde ‘h’ significa cabeça e ‘d’ significa dependente.

(104)



Em (104a), existe uma palavra mínima com o penúltimo núcleo encabeçado pelo pé final. Em (104b), para a palavra *oda* ser bem formada, Charette (2006) propõe a existência de uma sílaba – CV – final vazia com a cabeça no penúltimo núcleo, o que explica o surgimento de uma consoante quando o sufixo de terceira pessoa do singular é adicionado após a vogal, como em *gül-ü* ‘sua flor’ vs *oda-sı* ‘seu quarto’. A forma em (104c) é semelhante à de (104a) exceto pelo fato de que a palavra não é mínima, já que tem três sílabas. (104d) é similar a (104c), exceto pelo penúltimo núcleo que é lexicalmente preenchido em (104c) e lexicalmente vazio em (104d).

Voltando ao último exemplo dos dados anteriores, *balık*, observamos o clúster /lk/ lexical, no final da palavra, formando uma sequência que não é permitida no Turco. A vogal epentética, que não está presente no nível lexical, conforme Charette

(2006), surge porque é a cabeça do pé e por isso precisa ser interpretada foneticamente.

Esse penúltimo núcleo, preenchido no nível pós-lexical, epentético, portanto, é a cabeça do pé, explicando porque a vogal deve ser interpretada: ela é a cabeça do pé métrico.

O Turco, somado às demais línguas apresentadas nas seções precedentes, fornece outras evidências que nos fazem perceber a categoria vazia como uma realidade fonológica.

Neste capítulo, observamos os dados de algumas línguas que se apresentam como provas para postular um onset final licenciado por um núcleo vazio. As evidências incluíram a ocorrência de consoantes e de clústeres finais não permitidos em codas internas, os efeitos de duração da vogal e o papel desse constituinte final na configuração métrica. A apresentação desses dados objetivou, por um lado, detalhar o que apontamos no capítulo 1 para a interpretação de consoantes finais como onsets. Além disso, permitiu que as propostas teóricas apresentadas no capítulo 2 pudessem ser ilustradas com dados linguísticos e que aparentes contraevidências fossem consideradas a fim de que a abordagem sobre C] ser onset de uma sílaba com núcleo vazio pudesse ser analisada.

A importância de considerar outros idiomas está no fato de que a teoria aqui empregada expressa que todas as línguas com uma consoante final fonética têm fonologicamente uma estrutura /onset + núcleo vazio/. Procuramos mostrar um pouco como a teoria pode lidar com aparentes objeções à proposta, como a atribuição do acento, por exemplo.

O Português Brasileiro apresenta o mesmo conjunto de consoantes na coda e no final de palavra e, nas palavras de Côté (2011), é uma língua simétrica por esse motivo. Como não apresenta alternância de duração da vogal fonologicamente distintiva, como o Islandês e o Inglês, nem clústeres finais, como o Polonês, o Inglês, o Irlandês e o Francês, aparentemente desafia a universalidade da tese dos onsets finais. A análise do PB, uma língua que difere das demais, inclusive pelo tipo de encontro consonantal que apresenta, é importante, pois pode reforçar a proposta de que uma C] é onset de uma sílaba com núcleo vazio. Já o acento, tema explorado na análise do Turco, por outro lado, parece ser uma categoria relevante também no PB no que se refere à presença de núcleo vazio.

No capítulo seguinte, vamos mostrar que núcleos vazios, embora não em final de palavra, foram propostos para o Português Europeu por Mateus e d'Andrade (2000).



## 4 ANÁLISE DO PORTUGUÊS DO BRASIL

Este capítulo pretende analisar alguns dados do Português, a fim de comprovar a tese de que essa é uma língua cujas consoantes /r/, /s/ e /l/ em final de palavra ocupam a posição de onset de uma sílaba com núcleo vazio.

Para que nossa proposta seja válida, ela tem de funcionar para a Fonologia do Português em geral e não apenas para uma das variedades. Nesse sentido, partimos da análise dos dados do Português Europeu (PE) e seguimos com dados de estudos voltados para o Português Brasileiro (PB), com o intuito de verificar pontos comuns e diferentes entre esses dois dialetos mais amplos, sem perder de vista que o objetivo de nossa explanação se restringe ao Português do Brasil. Acreditamos que os dados de diferentes variedades não nos levem ao argumento de que um dialeto tem a consoante na coda e outro tem a consoante no onset de um núcleo vazio; ao contrário, esperamos que a análise proposta dê conta de situar o fenômeno dos núcleos vazios no PB, lançando luzes sobre o que acontece nos diferentes dialetos. Dessa forma, acreditamos que eventuais diferenças entre eles podem ser atribuídas a fenômenos de implementação fonética e não distinguem estrutura fonológica.

Para verificarmos a proposta de que uma C] pode ser onset de uma sílaba com núcleo vazio no PB, organizamos o capítulo da seguinte maneira: em 4.1, apresentamos as considerações de Mateus e d'Andrade (2000) sobre o Português Europeu para comparação com o PB. Em seguida, analisamos, um a um, os tipos de consoantes que ocorrem em final de palavra, buscando verificar se a interpretação como onset final é possível e quais as suas consequências. Na seção 4.2, apresentamos a análise dos dados referentes ao segmento rótico, baseados em Hora e Monaretto (2003) e Mateus e Rodrigues (2003). Na seção 4.3, a análise dos dados acerca da fricativa /z/, conforme Barbosa (2005) e Pedrosa (2009). Na seção 4.4, apresentamos dados com a lateral /l/, tendo em vista sua vocalização, segundo Collischonn e Quednau (2009); em 4.5, tendo como base Battisti (1997), analisamos a nasal /n/, consoante que tem um *status* especial nos estudos linguísticos. Por fim, em 4.6, deter-nos-emos na representação fonológica da C] no PB, lançando mão da hierarquia prosódica e da derivação, segundo a arquitetura da gramática proposta

pela Fonologia Lexical. Dessa forma, pretendemos, neste capítulo, apresentar dados que julgamos relevantes bem como as análises a eles referentes.

#### 4.1 NÚCLEOS VAZIOS NO PORTUGUÊS EUROPEU: MATEUS E D'ANDRADE 2000

Nesta seção, apresentamos sucintamente as ideias de Mateus e d'Andrade (2000), os quais analisam a proposta de que, no Português Europeu, consoantes iniciais e interiores em determinados ambientes, como *pneu*, [pn] ou *pequeno* [pk] são, na verdade, onsets de sílabas com núcleos vazios. Dentre os aspectos que julgamos relevantes, encontram-se a representação silábica adotada (divisão onset-rima com esqueleto CV), a possibilidade de núcleos vazios, a silabificação em etapas e os princípios que regem a estrutura silábica em Português.

Inicialmente, observamos alguns dados e passamos, então, a expor a análise dos autores, que não tratam das consoantes finais, foco de nosso trabalho.

Considerando os ataques com apenas uma consoante, todos os segmentos podem ocorrer no início e no meio da palavra, como ilustra (105).

##### (105) Distribuição das consoantes no onset.

Onset único no início da palavra	Onset único no meio da palavra
Pala	Mapa
Bom	Vaga
Fala	Rato
Som	Caça
Zelo	Cola
Chá	Malha
Lá	Sumo
Lhano	Carro
Nata	Vinho
Mãe	Dúvida

Por outro lado, nem todos os grupos consonantais são aceitos na posição de ataque, assim como ocorre em outras línguas. Dessa forma, sílabas com onsets complexos em Português incluem um seletivo grupo de segmentos formado por plosiva+líquida, embora o grupo consonantal terminado com uma lateral [l] seja muito menos frequente do que aquele terminando com um tap [r].

(106) Grupos consonantais permitidos no PE.

**Grupo consonantal inicial      Grupo consonantal medial**

Plosiva+tap

[pr]ato	Comprar
[br]anco	abraço
[tr]apo	retrato
[dr]oga	síndrome
[cr]avo	Acre
[gr]aça	Regra

Plosiva+lateral

Plano	Repleto
bloco	ablução
*[tʎ]	atleta
*[dʎ]	*[dʎ]
[kʎ]aro	re[kʎ]uso
[gʎ]ória	a[gʎ]omerar

Esses grupos consonantais estão de acordo com o **Princípio de Sonoridade**, ou a Generalização de Sequência de Sonoridade, o qual prediz que a sonoridade do segmento que constitui uma sílaba cresce do início até o núcleo e decresce em direção ao fim. As propostas para a hierarquia dos segmentos que constituem a escala de sonoridade são consensuais em estabelecer a sequência de sonoridade decrescente:

(107)

vogais > glides > líquidas > nasais > fricativas > plosivas.

Esse pressuposto do Princípio de Sonoridade e sua inter-relação com a escala em (107) não são o bastante para estabelecer quais são as sequências possíveis em onsets do Português. Normalmente, uma sequência de

fricativa+líquida (sr, sl,...) é um onset impossível, embora previsto de acordo com o Princípio de Sonoridade. As exceções são sequências de uma fricativa não coronal ([f] ou [v]) e uma líquida, mas mesmo essas são menos frequentes.

(108)

#### Grupos consonantais iniciais

#### Grupos consonantais mediais

##### Fricativa+ tap

[fr]jo

[fr] - refrescar

\*[vr]

[vr] – palavra

\*[sr] \*[zr] \*[ʃr], \*[ʒr]

##### Fricativa+lateral

[fl]or

\*[vl], \*[sl], \*[zl], \*[ʃl], \*[ʒl]

[fl] – aflorar

À exceção desse tipo de grupo consonantal – plosiva e fricativa+líquida –, qualquer outra sequência é impossível em ambas as variedades do Português. Esses grupos devem ser aceitáveis se apenas nos detivermos no Princípio de Sonoridade. Tais restrições para o surgimento de alguns grupos consonantais em onset ocorrem em todas as línguas, pois são especificidades de cada sistema linguístico e dependem da distância entre os membros da escala de sonoridade. Esse pressuposto é a base para a **Condição de Dissimilaridade**, a qual propõe que é necessário estipular, para cada língua, o valor da diferença de sonoridade permitida entre dois segmentos numa sequência pertencente à mesma sílaba.

Em Português, grupos consonantais de onsets não incluem consoantes com o mesmo grau de sonoridade, como sequências de duas plosivas ou duas fricativas (\*[tb],\*[pt],\*[sf],\*[vʃ]). Também é impossível um onset com grupo consonantal de plosiva+fricativa (\*[tf], \*[bʃ], \*[pʒ], \*[ts]) e fricativa+nasal (\*[fn],\*[sn],\*[ʃm],\*[vɲ]), o que aponta para a não aceitabilidade de sequências com dois membros adjacentes na escala de sonoridade. O mesmo acontece com outros componentes adjacentes,

como, por exemplo, nasal+líquida (\*[nl], \*[mʌ], \*[mr], \*[nr]). Segundo Harris (1983), o princípio de não-adjacência de dois segmentos representa o caso universal não marcado para constituintes silábicos, logo, a gramática do Português não tem custo nesse caso específico.

Lembrando que plosiva + líquida é o grupo consonantal mais comum de onset em Português, é muito provável que haja uma distância entre esses elementos; mesmo com um pequeno intervalo, uma sequência de fricativa e líquida pode também ser aceitável. No último caso, apenas fricativas não-coronais são licenciadas como o primeiro elemento do onset regular. Além disso, o segundo elemento em todos os grupos consonantais regulares é sempre coronal e [+anterior]

É preciso ter em mente que o Princípio de Sonoridade e a Condição de Dissimilaridade são entendidos primeiramente como aplicação da base de silabificação, como mostram as muitas violações desses princípios no nível fonético em diferentes linguagens, incluindo o Português, como os autores mostram a seguir:

Partindo das sequências em (108), outros grupos consonantais podem iniciar uma palavra no nível fonético do Português Europeu, os quais parecem ser onsets de suas respectivas sílabas. Alguns exemplos são dados em (109):

(109)

**Início da palavra**

**Meio da palavra**

---

a. plosiva+plosivas

[pt]-ptério	Captar
[bt]	Obter
[bd]-bdélio	Abdômen
[dk]	Adquirir
[kt]-ctenóforo	Pacto

---

b. plosiva+fricativa

[ps]-psicologia	
[bs]	Absurdo
[bv]	Óbvio
[bʒ]	Abjurar
[tz]	Quartzo
[dv]	Advertir
[ks]	Axioma

c. plosiva+nasal	
[pn]-pneu	Apneia
[bn]	Obnócio
[tm]	Ritmo
[tn]	Étnico
[dm]	Admirar
[dn]	Adnominal
[gm]	Estigma
[gn]-gnomo	Diagnose
d. fricativa+plosivas	
[ft]	Afta
e. nasal+nasal	
[mn]-mnemônico	Amnésia

Esses grupos consonantais violam claramente o Princípio de Sonoridade e as condições de boa formação silábica, pois, em (109a) e (109e), ambas as consoantes têm o mesmo grau de sonoridade. Em (109b) e (109c), as duas consoantes em sequência mostram que, de fato, alguns dos grupos consonantais são iniciais ([pn]eu ou [ps]icologia) e que, portanto, devemos postular que essas sequências (e não apenas sequência de plosiva+líquida) são onsets possíveis no Português.

Partindo dessas observações, os autores passam a analisar onsets em outro grupo consonantal no Português Europeu coloquial, os quais violam o Princípio de Sonoridade e a Condição Dissimilatória.

#### (110) Grupos Consonantais fonéticos no Português Europeu.

a. espaço [pásu]	b. pequeno [pkénu]
esbirro [ʒbíRu]	depende [dpedér]
estar [tár]	decifrar [dsifrár]
esdrúxula [ʒdrúʒule]	terreno [tRénu]
escuta [kúte]	separar [sperár]
esgana [ʒgene]	seguro [sgúru]
esfinge [fiʒ]	meter [mtér]
esvair [ʒveír]	
escindir [sidír]	c. Soterrar [sutRár]
eslavo [ʒlávú]	sossegar [susgár]
esmagar [ʒmeʒer]	cometer [kumtér]

Para Mateus e d'Andrade (2000), é possível hipotetizar que, nesses casos, todas as séries de consoantes são também onsets no nível fonético, no início da palavra (110a-b) e no meio da palavra (110c). Por outro lado, é muito mais difícil aceitar essa solução em vista de exemplos em (111), que apresentam um maior número de consoantes.

(111)

a.

telefone [tɨfɔn]

merecer [mɨsɛr]

devedor [dvdɔr]

c.

despregar [dʃpɾgár]

desperdiçar [dʃpɾdisár]

b.

despegar [dʃpgár]

empedernir [epdmír]

d.

desprevenir [dʃprvnír]

desprestigiar [dʃprftizíár]

Exemplos como os de (111a) a (111d) mostram sequências de três consoantes (devedor [dvdɔr]: plosiva+fricativa+plosiva), quatro consoantes (despegar [dʃpgár]: plosiva+fricativa+plosiva+plosiva), cinco consoantes (despregar [dʃpɾgár]: plosiva+fricativa+plosiva+tap+plosiva) e ainda seis consoantes (desprestigiar [dʃprftizíár]: plosiva+fricativa+plosiva+tap+fricativa+plosiva). Dessa forma, levando em conta o PE coloquial, o número de sequências violando o Princípio de Sonoridade e a Condição de Dissimilaridade cresce.

Realmente, as palavras evidenciam dois tipos de dados: em (109) e (110a) não há vogal subjacente; em (110b), (110c) e (111), grupos consonantais resultam do apagamento de uma vogal subjacente e, nesse caso, a vogal é apagada porque há uma alternância em palavras morfológicamente relacionadas: devo[dévu]-dever[dvér] e devedor [dvdór]. Em (109) e (110a) não há evidência para uma vogal subjacente.

A conclusão que os autores chegam é a postulação de núcleos vazios no Português para palavras como as de (109) e (110a). De fato, para explicar esses grupos consonantais, é necessário assumir que eles não são onsets de uma única

sílaba, mas de sílabas diferentes, cujos núcleos são vazios. Esse postulado é justificado por quatro argumentos empíricos:

(i) os falantes têm algumas dificuldades em fixar uma ou ambas consoantes em (109) para a coda da primeira sílaba ou para o onset da segunda. Isso se verifica na pronúncia de uma palavra, quando eles hesitam entre *ad-mirar* e *a-dmirar*.

(ii) a produção das crianças durante a aquisição da linguagem mostra uma vogal inserida entre as consoantes (*pneu* [pinéw] ao invés de [pnéw] ou *afta* [áfite] em vez de [áfte]). Na linguagem das crianças, encontra-se também o apagamento da segunda consoante em um grupo consonantal em onset (*prato* [pátu] ou *branco* [bẽku]). Nunca se verifica o apagamento do segundo elemento em sequências não permitidas como aquelas incluídas em (109); ao contrário, em outras línguas, como o Espanhol, temos a perda do primeiro segmento, como *neumático* (*pneu*) ou a pronúncia de *psicologia* como [sajkolədzi] em Inglês. Esses fatos podem confirmar que uma sequência de plosiva+líquida forma realmente um grupo consonantal permitido em onset no Português, enquanto as outras sequências não.

(iii) As palavras incluídas em (109), como *obter* [obtér], *adquirir* [ədquirir], *absurdo* [əbsúrdu], *quartzo* [kwártzu] e as sequências [bt],[dk], [bs] e [tz] não mostram uma assimilação de vozeamento da primeira consoante, como acontece nos exemplos de (110a), como em *espaço* [jpasu] e *esbirro* [zbiRu]. Isso acontece precisamente pelo fato de que há um núcleo vazio entre as duas consoantes, impedindo o desencadeamento da regra de assimilação. Em (110a), /s/ na posição de coda assimila o vozeamento da consoante seguinte, formando um onset complexo.

(iv) os grupos consonantais em (109) e (110a) não pertencem à mesma sílaba, na maioria dos dialetos do PB, e o núcleo vazio é preenchido com uma vogal, comumente [i], como exemplificado em (112).

(112)

pi-neu	is-pasu
gi-nomo	is-birro
pi-sicologia	is-tar
abi-surdo	is-drúxula
kapi-tar	
páki-to	
áfi-ta	

É importante notar que os grupos consonantais em (106), permitidos na posição de onsets no Português, nunca mostram essa vogal inserida no PB. Então,



pronúncias como [pirato], prato, [biranco], branco, ou [palavira], palavra, são inaceitáveis, mas verificáveis no estágio de aquisição.

Todos os grupos consonantais fonéticos incluídos de (109) a (111) são específicos do PE e alguns ocorrem graças aos processos fonológicos que não se aplicam no PB (como o apagamento de [i]). As diferenças observadas no nível fonético entre PE e PB são causadas pela existência desses grupos consonantais que são responsáveis pela distinção de ritmo entre cada um dos dialetos.

Ao explicar essa aparente violação do Princípio de Sonoridade e da Condição de Dissimilaridade, os autores propõem a existência de um núcleo vazio não preenchido no nível fonético do PE. Parece que, na base da silabificação, apenas os grupos consonantais incluídos em (106) e (108) são licenciados como onset silábicos.

No Português, não há consoantes silábicas, as rimas (R) sempre têm uma vogal nuclear e todas as vogais podem ser núcleos (N). Dessa forma, elas são os únicos elementos indispensáveis na escansão silábica. Para Mateus e d'Andrade (2000), apenas as consoantes subespecificadas /l/, /r/ e /s/, com diferentes realizações, são codas possíveis no Português, conforme alguns dados abaixo:

(113) Representações de consoantes em coda

a. PE	PB
par	paR, pax, pah
mal	maw
más	maf
b. parte	paR-te, pax-te, pah-te
falta	faw-ta
peste	péf-ti
mesmo	meʒ-mu

Partindo dos dados em (113), também vale a pena notar três aspectos, a saber:

- (i) Elas são as únicas consoantes que podem ocorrer na posição final em Português.
- (ii) [r] não é permitido no início da palavra e [l] nunca inicia uma palavra se seguida por outra consoante, assim como a lateral velarizada, [ɫ], nunca ocorre no início da palavra. Quando sequências de consoantes como [rt] (*parta*) ou [ɫm] (*calma*) acontecem, temos de separá-las, pois elas nunca ocorrem em na posição inicial.
- (iii) a realização fonética da fricativa representada por /s/, incluída em (107), mostra que essa consoante desencadeia uma regra de palatalização e de assimilação de vozeamento da consoante seguinte (*peste*, *mesmo*). Essa assimilação de vozeamento também ocorre quando a fricativa está no início da palavra no nível fonético (114).

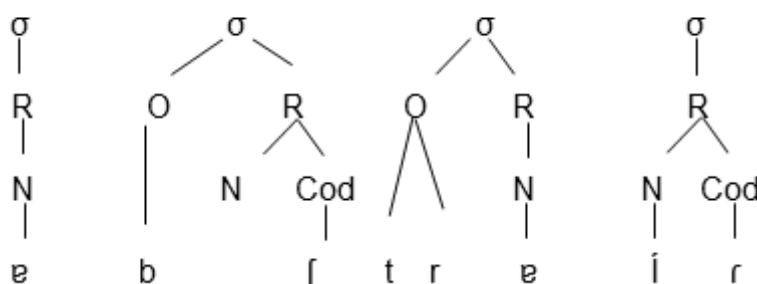
(114)

- a. esvaído [ʒvaído]  
 esbelto [ʒbeltu]  
 esperado [ʃperadu]  
 estar [ʃtar]
- b. esperado/ inesperado,  
 Feliz/infeliz

Aparentemente, nos casos exemplificados em (114a), a fricativa deve estar na posição do onset, não na coda. [ʃ] e [ʒ] são codas de uma sílaba, precedidas, no nível subjacente, por um núcleo vazio. A existência desse núcleo vazio é atestada pelos exemplos em (114b), como ‘inesperado’, resultando da silabificação da palavra ‘esperado’, com o prefixo /in/. O núcleo vazio é preenchido por [i], o autossegmento nasal do prefixo que precede essa vogal preenche o onset dessa sílaba que é foneticamente manifestada como uma consoante (in+esperado /in+esperado/ → [iniʃpirádu]) e a consoante [ʃ] (ou [ʒ]) é silabificada como coda. Essa análise mostra que um núcleo vazio pode ocorrer no lado direito de uma consoante não silabificada, ou no lado esquerdo da consoante, conforme as palavras exemplificadas em (110a), como ‘estar’ [ʃtar].

Sob outro ponto de vista, se a palavra inicia com uma consoante, como ‘feliz’, o autossegmento nasal do prefixo será associado com o núcleo, e a nasalidade será espalhada sobre a vogal. (in+feliz/in+felis → [ifilí]). Em palavras cuja sequência de três consoantes ocorre nas sílabas pré-acentuadas, no nível fonético (como ‘perspectiva’ ou ‘abstrair’), a consoante pertence a duas sílabas diferentes. Nesses exemplos, a primeira sílaba parece ter uma coda com duas consoantes (abs-trair, pers-pectiva), na qual o /s/ é o segundo elemento; de fato, isso não é apenas porque, sob essa análise, há um núcleo vazio entre as duas consoantes, como no grupo consonantal incluído em (110a). Além disso, a única consoante subjacente em coda na primeira sílaba dessas palavras é /s/. Vejamos a representação de abstrair.

(115) abstrair



Na fala coloquial do PB, a introdução de um [i] para ocupar a posição do núcleo vazio cria uma nova sílaba, e a primeira das duas consoantes é movida para dentro do onset dessa sílaba (a-bis-tra-ir).

Em resumo, os três segmentos subjacentes, /r/, /l/ e /s/, são as únicas consoantes licenciadas para a posição de coda no Português. Como em muitas línguas, consoantes licenciadas para coda estão em menor número do que aquelas licenciadas para ser onset; em Português, seu número é restrito a três.

Seguindo a análise de Mateus e d’Andrade (2000), a rima do Português pode ter somente uma consoante na coda e, se essa consoante é /s/<sup>12</sup>, o núcleo pode incluir também um ditongo (pois, auscultar). Nas sílabas que foram analisadas antes, a rima pode ter mais do que três segmentos, sendo, normalmente, três posições<sup>13</sup>,

<sup>12</sup> Essa consoante tem um status especial em muitas línguas.

<sup>13</sup> Há alguns casos em que o ditongo fonético incluído no núcleo é criado durante a derivação da palavra.

independentemente de quantos segmentos estão no onset. Esse fato mostra que a relação entre os segmentos internos da rima é mais fechada do que entre a rima e o onset.

Os autores ressaltam a importância da relação estabelecida entre onset e rima, a qual vai explicitar um conceito importante para a abordagem que considera categorias silábicas vazias: o esqueleto.

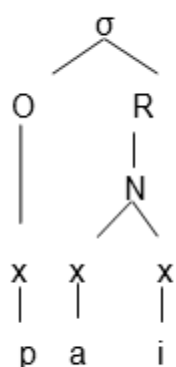
Os constituintes silábicos estão associados a um tier esqueletal, ou seja, cada elemento que ocupa onset, núcleo e coda está conectado a uma posição (ou mais, se ramificada) do esqueleto.

Nos processos de silabificação exemplificados em (116), é possível observar que, se a primeira vogal está associada ao núcleo e a segunda também, esta última não é uma vogal plena nem uma consoante.

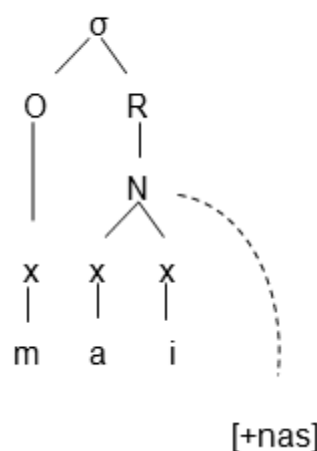
Essa mudança segmental, bem como outras alternâncias devidas a processos silábicos que são percebidos em muitas línguas, incluindo o Português, permite a representação das posições ocupadas no esqueleto por um X, normalmente usado na representação CV. As raízes dos segmentos subjacentes são associadas a esses nós X, conforme as representações de palavras monossilábicas como 'pai' e 'mãe', em que os núcleos estão associados (ramificados) a duas vogais.

(116)

a. pai



b. mãe



Como a segunda vogal não é lexicalmente marcada para a atribuição de acento, ela não pode ser o núcleo *per se*, mas é integrada à direita do núcleo. No nível fonético, esse segmento é realizado como um glide e é incluído no núcleo

silábico. Em (116b), o autossegmento nasal projeta o traço [+nasal] e não pode ser considerado como as consoantes // ou /s/, porque a realização desse segmento pode consistir na nasalização da vogal no nível fonético. Essa representação com um traço parece mais apropriada, mesmo que, sob certas circunstâncias, sua realização possa ser uma consoante coronal.

Esse modelo leva os autores a manter o número de posições no esqueleto mesmo que permaneçam vazias. Existem “nós” que não são associados a nenhum segmento, permitindo a observação da existência de sílabas com núcleos vazios. Se a posição correspondente a um constituinte não é preenchida, esse fato pode ter uma consequência significativa no nível fonético. Além disso, alguns segmentos podem ter um *status* ambissilábico, sendo associados a duas sílabas, como a vogal /i/, em ‘saia’, representada em (127), adiante.

Outra análise importante trazida pelos autores diz respeito aos segmentos nasais sem posição no esqueleto. A realização fonética desses segmentos, para eles, evidencia que, da mesma forma que existem segmentos como os nasais, que se realizam mesmo sem haver a posição no esqueleto, há posições previstas que se matém vazias no esqueleto, como “esperas” para a realização fonética,

Nesse sentido, é possível observar a concepção de Posições Vazias com mais clareza. Partindo do pressuposto de que é possível um nó esquelético sem segmento associado, é plausível conceber a existência de sílabas com núcleos vazios. Em Português, uma sílaba obrigatoriamente consiste em um onset e uma rima e, se a posição correspondente ao constituinte não é preenchida, esse fato pode ter consequências no nível fonético (pós-lexical).

O fato de que sílabas sempre possuem uma rima com seu respectivo núcleo é amplamente aceito. No que toca ao onset, sua presença no Português também é obrigatória, isto é, qualquer sílaba elementar desse idioma consiste em um onset e em uma rima, mesmo se um deles (mas não ambos) estiver vazio.

A existência dessa posição vazia tem consequências no nível pós-lexical, e a realização fonética de algumas consoantes que ocupam o onset vazio em certas circunstâncias apontam situações relevantes:

(a) A realização do autossegmento nasal [+nas] como [n] em palavras derivadas como *irmanar* /Irma[+nas]+a+r/ [irmenár] versus sua realização apenas como a nasalização do núcleo como em *irmão* /irma[nas]+o/ [irmew].

(b) A especificação da fricativa subespecificada /s/ como /z/ antes da vogal desiludir /des+iludir/ [dizilludír] assim como sua especificação como palatal descrever /descrever/ [dijkrver].

Baseados nesses argumentos, Mateus e d'Andrade (2000) propõem que, no Português, qualquer sílaba é constituída obrigatoriamente por um onset e uma rima.

Com relação às convenções sobre a base da silabificação, os autores salientam o fato de que as sílabas não são escandidas na representação lexical. Escansão e estrutura interna são o resultado da aplicação de certas convenções que dão base à silabificação. Pelo emprego dessa convenção, cada sílaba está adjunta ao esqueleto através das linhas de associação, e ela preenche seu tier com um certo número de unidades de tempo ou posições.

Após ter considerado a sílaba sob um ponto de vista fonotático e ter discutido algumas questões relacionadas a sua estrutura interna, os autores partem para algumas considerações sobre o Português. A ordem, então, para a estrutura da sílaba nesse idioma é “Todos os núcleos primeiro”, iniciando-se, a partir daí, a construção de rimas de acordo com as restrições da língua. Dessa forma, é necessário formular o algoritmo para a silabificação, o qual funciona seguindo as cinco convenções presentes a seguir:

#### (117) Convenção da associação do núcleo

(a) Associe a um Núcleo todo X [-cons] não marcado lexicalmente e precedido por um segmento consonantal;

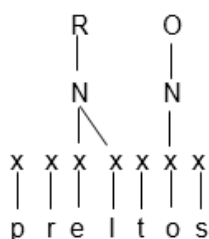
(b) Associe o segmento consonantal X remanescente à esquerda do Núcleo.

A primeira parte da convenção de associação do Núcleo associa a ele todo segmento X [-cons] (vocálico) se não é lexicalmente marcado e se ele não for precedido por uma vogal. Isso significa que vogais subjacentes lexicalmente marcadas como não acentuadas e não precedidas por outra vogal são núcleos *per se*, ou seja, todas as vogais são núcleos. A segunda parte dessa convenção integra a consoante remanescente ao núcleo criado, o qual automaticamente constrói a rima.

A aplicação da convenção da associação do núcleo é exemplificada em (118) com as palavras ‘preitos’, ‘pneu’, ‘afta’ e ‘país’<sup>14</sup>.

(118)

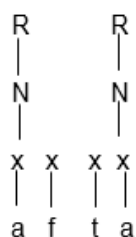
a. preitos



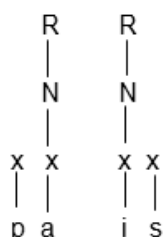
b. pneu



c. afta



d. país



As vogais altas incluídas no núcleo à esquerda (i, u), (118 a-b) estão sujeitas à regra de glide e ambas formam ditongos decrescentes.

A próxima convenção, Associação de Onset, silabifica a consoante seguida por uma vogal (um núcleo) como onset.

(119) Convenção da Associação do Onset.

- (a) Associe todo C [+cons] que precede imediatamente um núcleo a um onset.
- (b) Associe ao mesmo onset um X[+cons] precedente se ele está de acordo com o Princípio de Sonoridade e a condição de dissimilaridade.

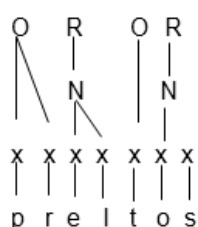
Cada X[+cons] que precede uma vogal é associado a um onset. Uma sequência de dois segmentos [+cons] é associada ao mesmo onset se as

<sup>14</sup> A respeito da palavra “país”, é preciso dizer que “i”, mesmo precedida de outra vogal, forma um núcleo por ser “lexicalmente marcado” com relação ao acento.

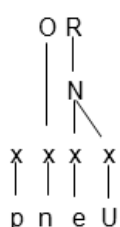
consoantes estão de acordo com o PS e com a CD. A aplicação de (119) está ilustrada em (120 a-e):

(120)

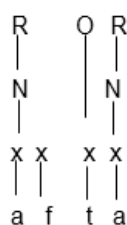
a. preitos



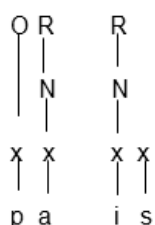
b. pneu



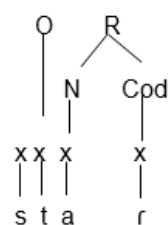
c. affa



d. país



e. estar



Após a aplicação de (117) e (119), o X[+cons] remanescente precedendo um onset que não é associado a nenhum constituinte da sílaba, nem no início da palavra (como /p/ em *pneu*) ou no interior da palavra (como /f/ em *affa*), não está integrado na estrutura da sílaba. A existência de uma consoante “não associada” dá espaço à introdução de um núcleo vazio através da aplicação da Convenção de Criação de Núcleo Vazio.

(121) Convenção de Criação de Núcleo Vazio.

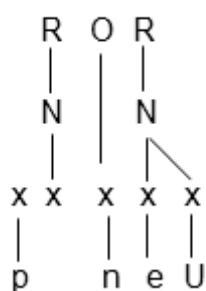
Crie um Núcleo à esquerda do onset, com a respectiva posição no esqueleto, se no tier do esqueleto esse onset é precedido por uma posição “não associada” especificada para vozeamento. Em outras palavras, crie um núcleo à esquerda da posição não associada.

Em (122), a Convenção da Criação do Núcleo Vazio é aplicada em *pneu* e *affa*, palavras que mantêm um X[+cons] não associado, após a aplicação de (119).

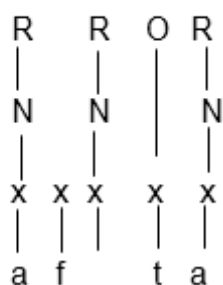


(122)

a. pneu



b. afta



As consoantes não associadas agora podem associar-se a um onset pela reaplicação de (119), visto que são seguidas por um núcleo (vazio).

De acordo com a hipótese de que, em Português, qualquer sílaba obrigatoriamente consiste em um onset e uma rima, a base para a silabificação inclui a convenção que cria uma posição de onset quando há uma rima que não está precedida por um onset (123). Como consequência disso, o que é tradicionalmente conhecido como hiato (duas vogais adjacentes, como em *boa* ou *país*) é de fato uma sequência de duas vogais separadas por um onset vazio no nível básico (da derivação).

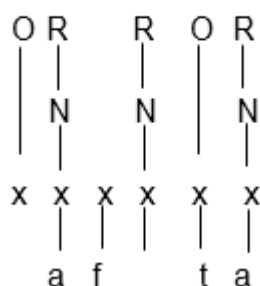
(123) Convenção da Criação do Onset Vazio.

Crie um onset à esquerda da Rima, com a correspondente posição no esqueleto, se no tier do esqueleto essa Rima não é precedida por um onset.

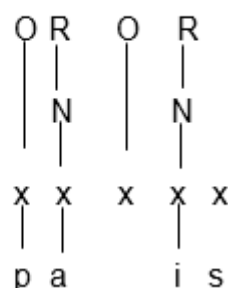
Em (124), a aplicação da Convenção da Criação do Onset Vazio na base da silabificação de *afta* e *país*<sup>15</sup> é demonstrada.

(124)

*afta*



*país*



Nesse ponto da base da silabificação, as únicas consoantes não associadas são as que seguem os núcleos, ou seja, são codas. Elas permanecem não associadas e, no nível pós-lexical, são designadas como coda da rima precedente pela Convenção de Associação de Coda. Essa observação refere-se às codas internas, pois os autores não analisam as consoantes finais, mas acreditamos que esse raciocínio sirva também para a final. Nesse caso, a consoante fica na posição de coda se o próximo elemento já tiver um onset, como em 'lápiz preto' [la.pis.pre.to].

(125) Convenção da associação de Coda.

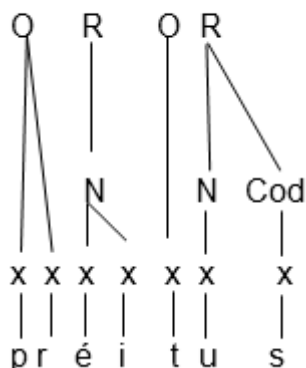
Designa, à coda da rima precedente, o segmento X [+ cons] não associado.

A aplicação de (125) é representada em (126), para as palavras 'preitos' e 'país'. Essa aplicação é precedida por todos os processos e regras que se aplicam no nível lexical. Dessa forma, o acento está incluído, conforme (126b).

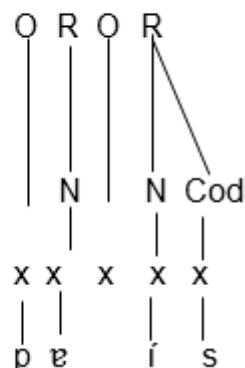
<sup>15</sup> A representação de 'país' revela que, para os autores, a consoante final está sendo considerada extramétrica, muito embora isso não seja afirmado no texto.

(126)

a. preitos



b. país

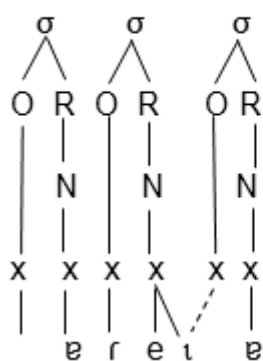


A aplicação de (126) finaliza a silabificação das palavras acima. As regras pós-lexicais e as regras *default* são aplicadas aos constituintes silábicos.

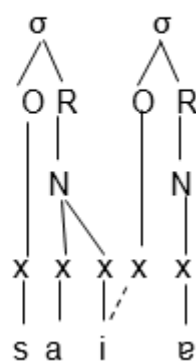
Vale notar que, quando há um ditongo seguido por uma vogal no nível fonético (areia, saia), após a aplicação da Convenção de criação do Onset vazio, o glide pode se associar como onset da sílaba seguinte (um onset vazio) e ele se torna, então, ambissilábico, como em (127).

(127)

a. areia



b. saia



Então, a base da silabificação no Português são as sílabas CV, apesar de, no nível fonético, ser possível o surgimento de outras estruturas. Como consequência, observam-se as sílabas subjacentes categoricamente diferentes daquelas do nível fonético no PE.

Mateus e d'Andrade (2000) defendem que sua proposta, envolvendo regras de silabificação que se aplicam dentro de uma ordem, seja superior a outras apresentadas anteriormente para o Português, pois, dá conta satisfatoriamente dos ditongos decrescentes (nasais e orais) e dos grupos consonantais no PE.

Nessa seção, apresentamos as ideias de Mateus e d'Andrade (2000) sobre a existência de núcleos vazios. Apesar de o PB não apresentar os mesmos grupos consonantais do PE, a proposta é adequada na medida em que abrange, por exemplo, os casos de epêntese medial, os quais são idênticos aos do PB. Além disso, os autores exploram as noções de Condição de Coda, de Onset e de Núcleo Vazio, pontos essenciais para a análise do PB – a ser desenvolvida nas próximas seções–, assim como o aspecto métrico que observamos em Charette (2006). Para a autora, o acento regular pode ser atribuído, em monossílabos ou não, pela presença de categorias vazias, como (104) explicita, e existe um pé troqueu silábico em todas as palavras. Dessa forma, um vocábulo é bem formado se termina em um pé troqueu silábico, independentemente de que esse tenha uma vogal preenchida ou vazia como seu dependente. Isso explica, conforme Charette (2006, 2008), a estrutura da palavra mínima e a do acento regular, o que pode ser observado em (99).

A análise das consoantes finais /l/, /r/, /s/ e /n/ mostrará como ou se isso acontece no PB. Seguindo a ideia de que há codas licenciadas pelo onset de sílabas seguintes, para fins da nossa análise, /r/, /l/ e /s/ serão consideradas codas no **interior** da palavra, ao passo que, no **fim**, elas são onset de sílabas com núcleos vazios. Isso fortalece a ideia de que há um comportamento diferenciado das sílabas finais, o que pode fazer com que estipulações teóricas, como a extrametricidade das consoantes finais, sejam revistas.

Antes de passarmos à análise das consoantes /r/, /z/, /l/ e /n/ em dados do Português do Brasil, vale apontar o que se mostrou relevante na análise de Mateus e d'Andrade (2000). A silabificação, por exemplo, é um aspecto positivo a ser considerado na medida em que eles propõem as etapas com as respectivas condições para a criação da sílaba. Uma questão que fica em aberto, porém diz respeito justamente à consoante final, pois ora é representada como coda, especialmente /r/, ora é representada como extrassilábica, como /s/.

## 4.2 O SEGMENTO RÓTICO EM FINAL DE PALAVRAS

Essa seção pretende observar o comportamento do rótico pós-vocálico no final da palavra. Em primeiro lugar, é preciso esclarecer que consideramos, com base em Lopez (1970), Monaretto (1992, 1997) e Mateus e d'Andrade (2000), que há apenas um fonema rótico em Português, com duas manifestações: r 'forte' e r 'fraco'. Consideramos que o rótico subjacente seja o fraco e que a manifestação do forte ocorra em um dos contextos a seguir: (a) quando em início de sílaba, precedido por consoante, ou quando em início de palavra (honra, rato); (b) quando houver geminação de dois r fracos (carro). Quando interno, pode ocupar a posição de coda, como em 'carta' e 'carga', e a de onset, como em 'carro' e 'tenro'. Quando na posição final, como na raiz 'mar', segundo a análise que desenvolvemos, aqui o rótico não ocupa a posição de coda, mas a de onset de uma sílaba com núcleo vazio.

O rótico em coda – objeto de muitos estudos – tem, assim como as demais consoantes consideradas nesse capítulo, um comportamento silábico peculiar. Podemos considerar naturais, conforme a literatura em Fonologia nos aponta, as diferentes realizações desse fonema, a aspiração [amar]~[amah], a realização como tepe [amar] e o apagamento em muitas palavras, especialmente em verbos no infinitivo, [a'mar]~[a'ma], um processo variável que ocorre em todos os níveis de linguagem em maior ou menor grau (HORA e MONARETTO, 2003). A questão que nos colocamos, nesse sentido, é a seguinte: essa consoante, amplamente considerada como coda silábica, pode ser observada sob a perspectiva de Harris e Gussmann (1998), segundo a qual a consoante final de uma palavra é, na verdade, o onset de uma sílaba com núcleo vazio? Acreditamos que esse segmento na posição final pode ser visto como onset de uma sílaba com núcleo fonológico inaudível, somando-se aos dados de outras línguas arrolados pelos autores, bem como aos expostos no capítulo 3.

Para analisar esse segmento, trazemos os contextos de sufixação e de flexão de número, no nível lexical, e o de ressilabação, no nível pós-lexical ou fonético. Assim, a análise dos dados em (128) lança luz sobre o que pretendemos provar:

uma consoante na posição final é, na verdade, onset de uma sílaba com núcleo vazio.

(128)

- a. martelo
- b. amar# , mar#
- c. ma[r]azul
- d. marinho

Aqui, a primeira oposição que se estabelece é aquela em que o /r/ está dentro de raiz, ‘mar.te.lo’, e aquela em que o /r/ está no final de raiz, ‘amar’, ‘mar’. No primeiro caso, o rótico é licenciado pelo onset da sílaba seguinte, ou seja, /t/ licencia /r/, mecanismo que expusemos como um dos princípios da Fonologia de Governo. Ainda nesse exemplo, após a criação do núcleo da primeira sílaba, /a/, o falante procede à formação do onset /m/, seguindo o Licenciamento de Onset – Harris (1994) –, para, somente depois desse passo, proceder à formação da coda, /r/, que ocorre através de um licenciamento entre constituintes, partindo de /t/, como foi explicitado no capítulo de embasamento teórico, na seção que se refere à Fonologia de Governo. Dessa forma, é possível pensar em etapas nas quais a silabificação é realizada.

Em (128b), a C] é onset de uma sílaba com núcleo vazio, que pode permanecer não preenchido, mas também poderá sê-lo. No léxico, através da flexional, ele poderá ser preenchido por uma desinência, como em ‘amaremos’ ou por uma vogal quando a desinência não puder preenchê-lo, caso de ‘mares’. Ele também poderá ser preenchido no nível pós-lexical, por uma vogal ou junção na cadeia da fala ‘amar é bom’ /a.ma.re.bo<sup>w</sup>ɪ/, ou ‘mar azul’ /ma.ra.zul/. Para ilustrar, No caso de ‘amares’, a estrutura am+a+r +s mostra que a vogal /e/ surge para preencher o núcleo vazio cujo onset é /r/, o que permite a realização de /s/, por sua vez, como onset de núcleo vazio, já que não pode haver dois núcleos vazios em sequência. Nesse dado do futuro do subjuntivo, /e/ é uma vogal epentética, ao contrário de ‘amaremos’, quando a vogal pertence à desinência e não é considerada epentética, pois possui acento. A discussão mais importante é a de uma silabificação cíclica, que alcança primeiro o radical das palavras e depois as

desinências. Aqui vale retomar que ideia de ciclo está presente nos níveis lexical, interno às palavras, e pós-lexical, no nível da frase. No caso de *mares*, o núcleo não pode ficar vazio pela Sequência de Sonoridade /rs/, desencadeando a epêntese para desfazê-la no pós-léxico.

O dado ‘marinho’, por sua vez, poderia também ser analisado como ‘amaremos’, com a diferença de que a vogal a preencher o núcleo vazio seria a de um sufixo derivacional. Entretanto, a questão de se as palavras derivadas sofrem uma silabificação cíclica não é muito clara em Português, pois não há evidências para essa ciclicidade.<sup>16</sup> Por essa razão, não iremos considerar a possibilidade de silabificação em etapas aqui, e ‘marinho’, bem como outras formas derivadas, tais como *florista* ou *amoroso*, serão consideradas silabificadas somente quando já estiverem prontas, mostrando que a silabificação cíclica é intercalada na afixação. Em derivações como ‘marzinho’, o rótico é licenciado para ocupar a posição de coda, tendo em vista que a sílaba subsequente contém um onset.

Começaremos nossa análise pelos casos em que o rótico fica em final de palavra. Nos dados em (128b), podemos observar que a consoante final da palavra não é seguida por outro segmento, mas pelo final de palavra. Nesse caso, em alguns dialetos do PB, pode haver tanto o apagamento /ma0/, especialmente em algumas regiões, como a Nordeste, quanto a redução /mar/ ou aspiração /maX/, tendo em vista o fato de que núcleo não está preenchido. Se, nesse caso, o /r/ parece coda por causa do seu enfraquecimento ou apagamento, como propõem as análises anteriores (COLLISCHONN, 1997; BISOL, 1999, entre outras), por outro, não há evidências de que não seja onset de uma sílaba com núcleo vazio posterior, como argumentaremos a seguir.

Uma das razões que nos levam a pensar assim é que o processo de ressilabação em fronteira de palavra ocorre porque o Português, assim como outras línguas, tende a buscar o preenchimento dos núcleos vazios. Assim, objetivando a estrutura CV, o sistema tende a preenchê-los ou a utilizar-se de mecanismos como apagamento ou enfraquecimento para que uma sequência mal formada VCØC] seja evitada. Como vimos, Mateus e d’Andrade (2000) propõem que as palavras iniciadas em vogal têm, na verdade, um onset vazio.

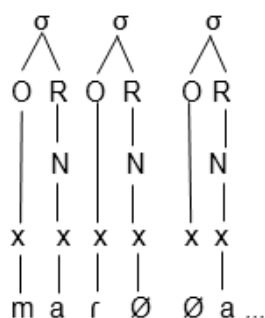
---

<sup>16</sup> Para a flexão, há evidências, como a atribuição do acento, anterior à própria flexão (pelo menos nos nomes).

Uma sequência como *mar alto*, por essa análise, teria a estrutura [r]+NV+OV+[a], representada abaixo:

(129)

mar alto



É possível dizer que essa sequência de dois constituintes vazios seja proibida em Português, sendo responsável por isso um parâmetro.<sup>17</sup> Línguas que não ressilabificam a consoante teriam um posicionamento distinto desse parâmetro. No entanto, entendemos que, para o Português Brasileiro, a análise de Mateus e d'Andrade (2000) de onsets vazios iniciais não se aplica, pois não se observam as distinções de comportamento das vogais constatadas pelos autores. No Português Brasileiro, as vogais em início de palavra são mais frágeis e muitas vezes tendem a ser apagadas. Além disso, como observa Keller (2004), vogais em posição inicial de palavra dificilmente recebem proeminência de acento secundário, o que, no nosso entender, aponta para a interpretação de que a estrutura silábica deficitária sem onset é o motivo. No entanto, não nos aprofundaremos, aqui, na proposta de onsets vazios.

Em dados que apresentam juntura, como 'mar azul', não é propriamente uma ressilabificação do rótico que ocorre, mas basicamente uma fusão entre um núcleo vazio e um núcleo vocálico pleno, que se encontram adjacentes. Um dos argumentos para sustentar a ideia de que não se trata de ressilabificação é o fato de o rótico, em contexto de juntura, se apresentar sempre como o tepe, independentemente de como é realizado o rótico final em diferentes dialetos. É o

---

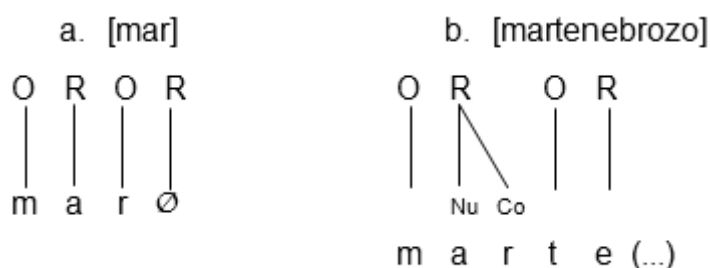
<sup>17</sup> Talvez se trate aqui de uma instância do princípio de licenciamento, desde que se possa entender que o licenciamento pode atravessar fronteiras de palavras. Em geral, o licenciamento é entendido como restrito ao domínio da palavra quando se trata de segmentos.



que acontece também com afixação ou flexão, com a pronúncia de /mar/, por exemplo: é muito comum a variação na pronúncia do rótico, em contexto de flexão: [mar], [mar], [max], [maɾ] [ma], mas nunca \*[mares], \*[maxes] ou \*[maes], sempre [mares]. Na região Sul, embora também haja variação, as realizações basicamente são o tepe (ɾ). Esses fatos sustentam que o rótico não é primeiramente silabificado como coda e depois ressilabificado como onset. A consoante em final de palavra é licenciada pelo NV, formado uma sequência CVC[Ø]. A sílaba final, CØ, nesse caso, é licenciada por estar na fronteira de palavra, local que permite esse tipo de estrutura. Quando a consoante final é seguida por um núcleo vocálico pleno, ocorre a fusão entre essas duas posições, restando apenas uma sílaba cuja sequência original é /CØ+V/.

Quando a consoante final for seguida por uma palavra iniciada em consoante, poderemos observar que um novo licenciador, a consoante da sílaba posterior, se apresenta. Entretanto, não está claro na Teoria do Licenciamento que um segmento pertencente à palavra seguinte possa ser o licenciador. Por esse motivo, consideramos que o rótico fique como onset de um núcleo vazio até o pós-léxico, quando pode ser licenciado pelo elemento da palavra seguinte.

(130)



Nos casos acima, o núcleo vazio, /Ø/, licencia o onset /r/. Podemos considerar em (130b), que, em níveis pós-lexicais mais tardios, o antigo licenciador, Ø, sai de cena, e o novo, a consoante seguinte, /t/, ocupa esse lugar.

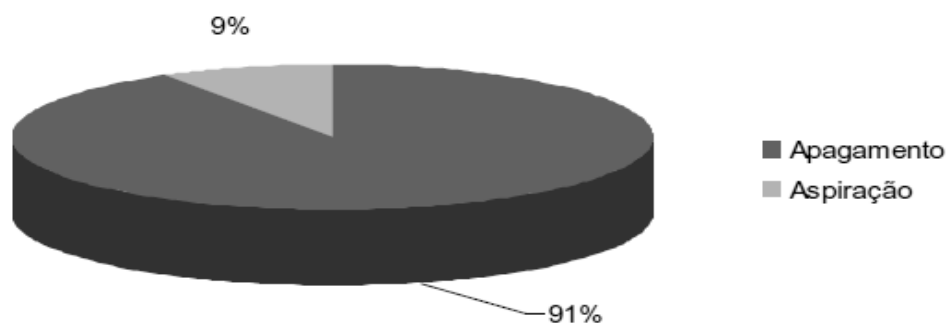
Outra razão que nos leva a considerar que o rótico final seja onset e não coda é o comportamento diferente do /r/ final e do /r/ no interior de palavra. Há apagamento no final, ao passo que, no interior de palavra, o apagamento acontece em menor grau. Se ambos estão na mesma posição estrutural, não parece haver razão para um tratamento distinto, pois a regra seria a mesma para os dois casos.

No nosso entender, isso se explica porque eles não se encontram na mesma posição estrutural. /r/ medial pode ocupar a posição de coda (por.ta) se licenciado por uma consoante pertencente a outra sílaba, ou pode ocupar a posição de onset (a.ra.do); /r/ final é onset de uma sílaba com núcleo vazio.

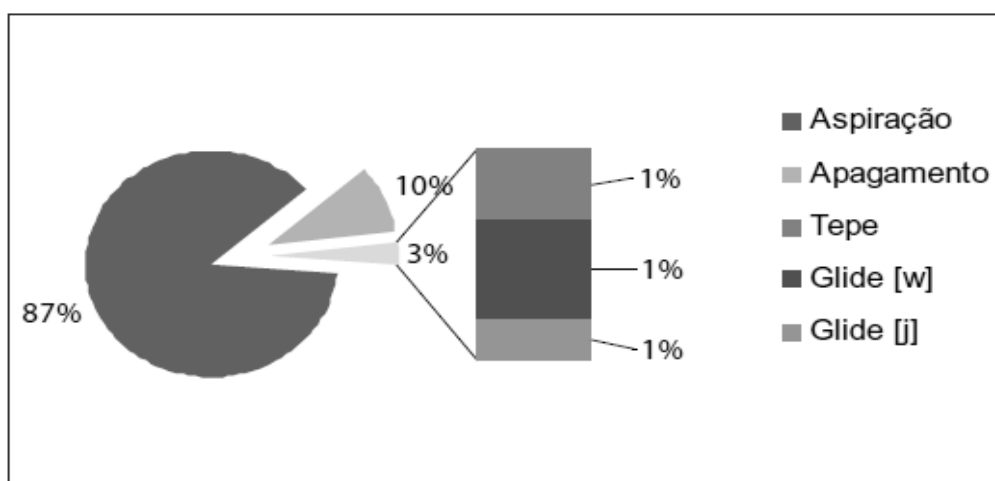
Conforme dados de Hora e Monaretto (2003), um dos fatores que explica a maior ocorrência de apagamento final é a classe gramatical. Esse foi o primeiro fator selecionado pela análise variacionista com o programa VARBRUL, referente ao enfraquecimento e o apagamento dos róticos com base no *corpus* do projeto Variação Linguística do Estado da Paraíba (VALPB). Com relação ao dialeto do sul do país, Monaretto (1997) aponta para o fato de que os verbos apresentam apagamento em maior grau do que as demais classes gramaticais, ao passo que, conforme Callou, Leite e Moraes (1996) e Hora e Monaretto (2003), nos demais dialetos, parece haver uma disseminação desse fenômeno. Em todos os dialetos há diferença entre verbos e não-verbos, mas a diferença entre essas classes é maior no dialeto do sul do que nos demais, o que é indício de que o apagamento final seja mais frequente porque ocorre com alta incidência na categoria dos verbos. Isso pareceria ir contra nosso entendimento de que o comportamento diferenciado do r final se deva por sua distinta representação fonológica.

Entretanto, vejamos como se comportamos róticos em não-verbos. Em se considerando os dados como *mar*, *prazer*, *isopor* e *qualquer*, vemos que o rótico pode (1) sofrer apagamento, especialmente nos dialetos das regiões Norte e Nordeste, diante de consoante ou de pausa - [maØ], [prazeØ], [izopoØ], [k<sup>w</sup>alkεØ] - (2) ser aspirada - [mah], [prazeh], [izopoh], [k<sup>w</sup>alkεh] - ou (3) ser produzido como a retroflexa [ɾ] - [maɾ], [prazerɾ], [isoporɾ], [[k<sup>w</sup>alkεɾ]. Esses processos atuam livremente no final ou no interior de palavra, mas, ainda assim, aquela posição proporciona maior frequência do que esta, conforme os gráficos abaixo, de Hora e Monaretto (2003 apud PEDROSA e CARDOSO, 2010: 74-75).

## (131) a. Realização do rótico na posição final



## b. Realização do rótico pós-vocálico interno.



Os dados de aquisição da linguagem também mostram que há um tratamento distinto para /r/ na posição final e na de coda medial. Devido a sua aquisição tardia, por volta dos 4 anos de idade, depois do /s/ e do //, respectivamente, o rótico passa por diversos processos, cujas estratégias de simplificação podem ser elisão, porta-[pota], epêntese, trabalho [tarabaʎo], alongamento, carro - [ca:o], ou troca com //, caro-[calo]. Aqui, também se evidencia uma preferência por desfazer grupos consonantais, prato-[parato]~[pato]. Segundo Launay (1989:24), apud Nóbrega (2006), as sequências complexas são transformadas em simples, como [ˈta] ao invés de [ˈtra], ou substituídas por outra consoante mais fácil.

Podemos ainda admitir que a criança realiza a elisão do rótico e não a elisão da vogal por ser esta o núcleo da sílaba, além de ser mais simples para ela pronunciar, pois, desde o balbucio e também na aquisição da linguagem oral, as vogais antecedem as consoantes. Entretanto, quando a criança ainda não consegue

realizar o rótico, seja intervocálico ou em encontros consonantais, normalmente ela o omite e mantém o núcleo silábico, a vogal, como ocorre em orelhão  $[-[ue`ãw]$ . Para Nóbrega (2006), dentre as estratégias de reparo utilizadas pelas crianças por ela estudadas, a que tem maior representatividade é a produção CV, ou seja, há a redução do encontro consonantal sob a incidência da elisão do rótico em maior quantidade.

Conforme Mezzomo (2004), a aquisição de /r/ na posição final<sup>18</sup>, que surge por volta de 1:11, acontece por esse ambiente ser beneficiado em relação ao medial: essa é uma posição mais saliente e onde se encontra, em muitos casos, em sílaba tônica. Essa situação, nas palavras da autora, evidencia-se (1) na aquisição do /r/ em coda final e, posteriormente, em coda medial, e (2) no tipo de estratégias de reparo utilizadas pelas crianças, explicando a maior frequência das omissões de /r/ em coda medial do que na final, onde as semivocalizações e as substituições por líquida lateral predominam. Diferentemente de Mezzomo (2004), consideramos que a consoante final não ocupa a posição de coda final, mas a de onset; portanto, a criança adquire a sílaba de núcleo vazio antes da coda, o que explica as diferenças em termos de tempo de aquisição observadas.

Devido à trabalhosa aquisição desse fonema, bem como às múltiplas realizações de acordo com os diferentes dialetos, deparamo-nos com o fato de que há, no sistema estabilizado, mecanismos para driblar /r/ final – apagar (maØ) ou aspirar (mah) – e, em alguns dialetos, driblar o /r/ medial também, como se o sistema linguístico quisesse trazer o processo legítimo do final da palavra, apagamento da sílaba com núcleo vazio, para seu interior, numa espécie de assimilação, a exemplo do que acontece com o levantamento vocálico da palavra ‘menino’, que produz /meninu/ e, depois, /mininu/. No que se refere aos dados de sufixação, flexão e sândi, observamos que o sistema do Português do Brasil aceita plenamente a realização fonética da consoante final /r/, sugerindo que estamos diante de um parâmetro acionado nesse dialeto, ao contrário do caráter universal que Harris e Gussmann (1998) sugerem.

Para analisar formas como ‘mares’, é importante retomarmos o que vimos no capítulo 2 a respeito da análise da vogal temática nesse contexto. Assim sendo, observamos que ela é, nas categorias nominais, a realização do núcleo da última

---

<sup>18</sup> Para a autora, coda final.

sílaba (mesa, piano, gente). Quando a palavra termina em /r/, é possível considerar que o núcleo vazio que segue essa consoante está associado, no nível morfológico, ao índice temático  $\emptyset$ , conforme (132):

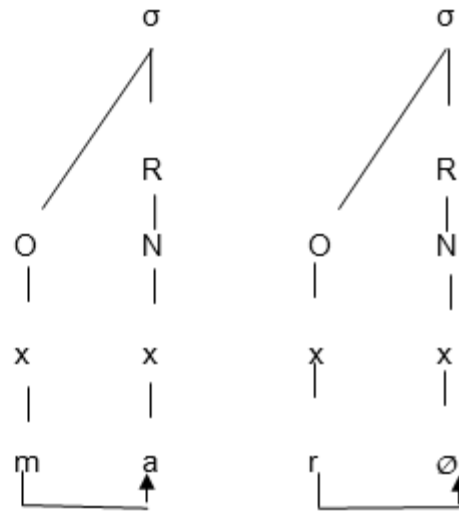
(132)

a.

Estrutura morfológica

$[mar]_{RN} + [\emptyset]_{IT}$

Estrutura silábica

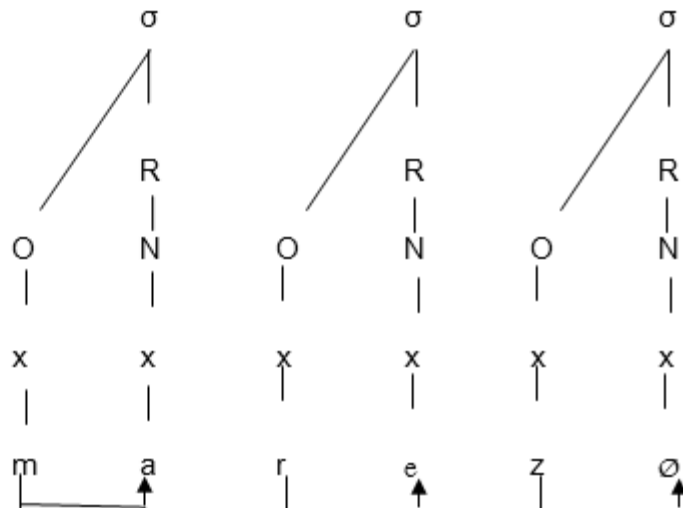


b.

Estrutura morfológica

$[mar]_{RN} + [\emptyset]_{IT} + [s]_{+Plural}$

Estrutura silábica



Na forma singular [mar $\emptyset$ ], o índice temático  $\emptyset$  corresponde ao núcleo silábico vazio. Na forma plural, [mares $\emptyset$ ], o índice temático corresponde à realização vocálica [e] e não mais ao NV, que passa a licenciar [s]. Dessa forma, o que, no

singular, era um núcleo vazio, no plural está preenchido por uma vogal, via de regra considerada morfológica, mas que, na verdade, surge por uma necessidade fonética.

Há vários processos acontecendo simultaneamente com o rótico final, e todos parecem convergir para o seu enfraquecimento e posterior apagamento. Em um determinado estágio dessa mudança aparente, existe o reconhecimento de que a consoante tem um núcleo inaudível, e ela não se apaga especialmente nos dialetos do Sul do Brasil ou considerando o nível formal de linguagem.

Em outras palavras, como a consoante final tem um núcleo, ainda que vazio, ela tende a não se apagar. Por outro lado, poderíamos pensar que, se o rótico não tiver o núcleo preenchido, irá se apagar, como se fosse um segmento enfraquecido na posição de coda final. No entanto, a fim de preservar a estrutura CV do idioma, os falantes se utilizam do apagamento não só de /r/ em final de palavra, mas da sílaba com núcleo vazio como um todo, o que parece ser uma opção para a manutenção da estrutura CV.

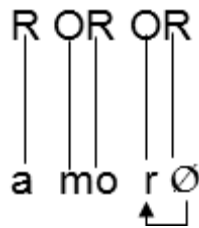
Tendo em vista as múltiplas forças que atuam no sistema linguístico, na medida em que esse núcleo é desconsiderado lenta e gradualmente pelos falantes, resultando no apagamento da sílaba NV, outras possibilidades que reconhecem essa sílaba como estrutura “estranha” também atuam, como o enfraquecimento, a posteriorização e a velarização de /r/. Assim, a análise do rótico final como onset de uma sílaba com núcleo vazio no PB evidencia uma superposição de processos fonológicos, os quais, observados separadamente, mostram o estágio e o funcionamento desse idioma.

Dessa forma, a fim de englobar tanto as línguas que tratam as codas internas iguais às finais, quanto as que não admitem coda e as que não admitem coda interna ou final, propomos o Parâmetro da Consoante Final (PCF) que direciona as convenções para a silabificação em todas as etapas. Segundo o PCF, para manter a sequência CV, uma tendência universal, a língua permite que a consoante final de uma palavra seja realizada pós-lexicalmente porque, na verdade, é onset de uma sílaba com núcleo vazio, o qual pode ser preenchido foneticamente, ou não, permanecendo, nesse caso, na estrutura abstrata. Formalizando, temos:

(133) **Parâmetro da Consoante Final (PCF):** uma consoante pode ocupar a posição pós-vocálica final em uma palavra, desde que seja onset de uma sílaba com núcleo vazio, o qual pode ser preenchido foneticamente ou não.

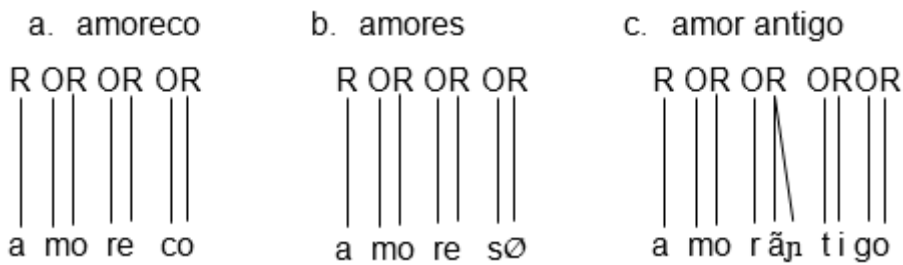
Seja a representação do PCF abaixo:

(134) amor



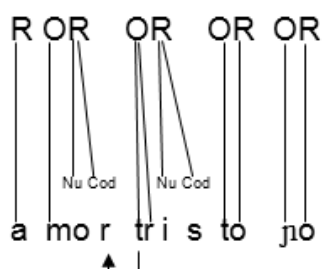
Com base na generalização do Parâmetro da Consoante Final, em (133), o preenchimento do núcleo, no PB, pode advir de três contextos, representados em (135), a saber: sufixação, ‘amoreco’, flexão, ‘amores’ e sândi ‘amo[r+a]ntigo’. Quando não houver esses contextos, a consoante final pode ser realizada foneticamente, ‘amor’, evidenciando uma estrutura final CVC∅, pois é licenciada pelo núcleo vazio. Isso mostra que o PCF está acionado nesse idioma.

(135)



Quando, ao invés de uma vogal para preencher esse núcleo vazio, surge uma consoante, ela licencia a [C] para ocupar a posição de coda, como em ‘amo[r+t]ristonho.

(136) amor tristonho



Quando a consoante final for seguida por pausa, ela será realizada, sobretudo na modalidade culta, pois tem um núcleo na estrutura abstrata que a licencia. Apesar de a Fonologia de Governo não tratar dos aspectos fonéticos, seus princípios, como a ideia de licenciamento, não contradizem o que propomos. A modalidade coloquial do idioma, no entanto, ao apagar uma C], revela uma tendência do sistema linguístico que evita uma sílaba com núcleo vazio, ainda que o parâmetro esteja acionado, e procura não realizar essa C], lançando mão de diferentes estratégias de “reparo”, como ressilabação ou apagamento.

Assim, o Português Brasileiro parece ser um sistema que tem o PCF ativado, já que grande parte dos dialetos falados no país aceita a realização fonética da consoante final. É interessante notar que muitos desses dialetos, especialmente os da região Nordeste, conforme Hora e Monaretto (2003), ao mesmo tempo em que permitem uma C], no nível formal, parecem empenhar-se também para a não realização desse segmento, desfazendo a estrutura com núcleo vazio, a fim de evitar essa sílaba que foge ao padrão CV universal.

Nos demais dialetos desse idioma, que alternam entre as diferentes realizações do rótico e/ou apagamento desse fonema, estamos diante de uma variação fonética, o que pode explicar a diversidade dentro de um mesmo sistema linguístico.

#### 4.3 A FRICATIVA /Z/ EM FINAL DE PALAVRA

Esta seção apresenta o mesmo objetivo da anterior, qual seja, o de analisar um segmento na posição pós-vocálica final, no caso, agora, a fricativa. Esse fonema, assim como o rótico, internamente, pode ocupar tanto a posição de coda,



como em ‘pasta’ e ‘rasgo’, quanto a de onset, como em ‘caso’, ‘cansa’; entretanto, quando na posição final, como na raiz ‘lápiz’ podemos dizer que não se trata da posição de coda, mas da posição de onset de uma sílaba com núcleo fonologicamente vazio. As razões para isso são baseadas em evidências do comportamento dessas consoantes na Fonologia do adulto bem como no seu comportamento durante o processo de aquisição.

Quanto à aquisição, a fricativa em coda é adquirida tardiamente, por volta dos três anos; entretanto, há uma diferença entre o período de aquisição na posição interna e na externa, bem como um tratamento diferenciado de regras para a posição final, num sistema estabilizado.

Conforme Mezzomo (2004), que considera /s/ a representação fonológica da fricativa pós-vocálica, o percurso de aquisição desse segmento é marcado por períodos de oscilação entre a produção correta e o uso de estratégias de reparo. Mezzomo (2004), a partir da coleta de dados de 110 crianças, 34 do sexo feminino e 34 do masculino, entre 1:4 e 3:10, dos bancos de dados INIFONO e AQUIFONO, observa o comportamento da fricativa na posição final e na medial. Trazemos, em (137), as porcentagens de realização desse segmento conforme o tipo de processo aplicado em posição final e medial:

(137)

Posição	Recurso	Porcentagem	Exemplos
/s/ final	Produção correta	60,68%	‘arroz’ → [a’xos]
	Palatalização	14,96%	‘nariz’ → [na’liʃ]
	Epêntese	10,68%	‘nariz’ → [na’rizi]
	Omissão	9,40%	‘feliz’ → [fe’li]
	Dessonorização	2,56%	‘luz’ → [’lusi]
	Alongamento da vogal	1,72%	‘três’ → [te:]
/s/ medial	Omissão	49,06%	‘casca’ → [’kaka]
	Produção correta	45,63%	‘pasta’ → [’pasta]
	Metátese	3,12%	‘escada’ → [si’kada]
	Palatalização	1,25%	‘castelo’ → [kaʃ’tɛlu]
	Dessonorização	0,94%	‘mesmo’ → [’mesmu]

A produção correta da fricativa final, 60,68%, evidencia que a realização desse segmento nessa posição ocorre antes da aquisição na coda medial. Nesse sentido, os resultados a que essa autora chega sobre a aquisição da fricativa podem ser interpretados como indicativos de que o comportamento da fricativa final é diferente da medial, e, no nosso entender, isso é um indício de que a fricativa final é, na verdade, o onset de uma sílaba com núcleo vazio.

Para Miranda (2009:112), que também estuda a aquisição da linguagem, a estrutura CVC não está presente na fase inicial da linguagem, motivo pelo qual a criança pode tanto categorizar as sílabas diferentemente do adulto, quanto construir representações diferentes para codas mediais e finais, uma vez que as finais são mais perceptíveis pela proeminência.

As demais evidências para o comportamento de consoante final como onset em uma gramática estabilizada são as seguintes: (i) sempre que possível, a ressilabação entre palavras ocorre, 'lápi[za]marelo', podendo esse fato ser interpretado como indicativo de que /s/ final encabece uma sílaba com núcleo vazio, o qual desaparece automaticamente quando seguido por uma sílaba sem ataque; (ii) na flexão de número 'rapa[ze]s', na sufixação 'lapi[se]jira' ou em sândi, 'lápi[za]marelo', podemos dizer que não se trata da posição de coda, mas da posição de onset de uma sílaba com núcleo foneticamente preenchido, mas fonologicamente vazio.

Além dos mesmos contextos arrolados na análise do rótico, é preciso dar conta da prefixação, o que não parece ser problema, visto que o mecanismo é o mesmo daquele visto na flexão e na derivação. Dessa forma, analisaremos esse segmento nos contextos de prefixação, sufixação e flexão de número, no nível lexical, e, no nível pós-lexical, no contexto de ressilabação, ou sândi.

Conforme Barbosa (2005), a fricativa em borda de morfema é fonologicamente /z/. Da mesma forma que o rótico, a fricativa também apresenta variação quanto à realização fonética. Embora saibamos que ocorrem vários processos relacionados a essa consoante, como apagamento, desvozeamento, aspiração e palatalização em todo o território nacional, no dialeto do Sul do Brasil, sua distribuição é a que segue:

(138) /s/ e /z/ no dialeto gaúcho do PB

i. interior da base	a/s/ar - a/z/ar	a[s]ar - a[z]ar
ii. início da base	/s/elo - /z/elo	[s]elo - [z]elo
iii. início de sufixo	/s/ão, /z/ão, /z/al, coroação, amorção, capinzal, /z/eira, /z/inho, /z/ito,	ingazeira, rapazinho, cãozito,
iv. fim de radical	rapa/z/ - tra/z/	rapa[z]es - tra[z]emos
v. fim de palavra	rapa/z/ - rapaze/z/	rapa[s] - rapaze[s]
vi. final de prefixo	de/z/, e/z/, p <sub>o</sub> /z/	de[z]almado, de[s]temido, de[z]gastar e[z]aluno, e[s]presidiário, po[z]operatório, p <sub>o</sub> [s]ocrático

Barbosa (2005) discute o comportamento do traço [voz] nos segmentos fricativos coronais do dialeto gaúcho, e seus dados revelam que a fricativa se mantém tanto no interior da palavra – /asar/, verbo, /azar/, substantivo – quanto na margem esquerda, ou seja, no início da base ou dos sufixos – /selo/ e /zelo/.

Se a fricativa está na margem direita, isto é, no final do morfema, seja base ou prefixo, (138 iv – vi), independentemente da especificação para o traço vozeado, ela vai ser realizada. Assim, teremos o desvozeamento (a) como resultado de uma tendência natural do segmento na posição final (para nós, onset de sílaba com núcleo vazio) – rapa[s] - e (b) antes de consoante desvozeada ou pausa – e[s]presidiário e[s]#goleiro (para nós, elemento licenciado como coda pela consoante seguinte/p/, no primeiro caso, e pelo núcleo vazio não preenchido, interpretado pela pausa, #, no segundo).

Por outro lado, a fricativa será vozeada (a) antes de uma consoante vozeada – de[z]gastar; (b) em contexto intervocálico por adição do morfema de plural - rapa[z]es e (c) antes de consoante vozeada em sândi - e[z]goleiro.

Independentemente de o segmento ser /s/ ou /z/ na subjacência, vemos que a fricativa coronal tende a ser mantida no dialeto do Sul. Parece-nos o mesmo

mecanismo que ocorre com o rótico, analisado na seção anterior, o que nos possibilita fazer a generalização de que é criada uma categoria chamada “núcleo vazio” no nível lexical, anterior aos processos que ocorrem tanto no nível lexical, como flexão e afixação, quanto no nível pós-lexical, como sândi. O quadro que Pedrosa (2009:105) elaborou sobre a distribuição das fricativas pós-vocálicas no PE, no Espanhol e no PB é bastante esclarecedor e amplia nosso olhar acerca desse segmento. No quadro a seguir, podemos ver como é realizado o segmento tanto em posição interna quanto final; as variantes são ordenadas linearmente, da mais frequente para a menos frequente.

(139) Variantes do Português Europeu, Espanhol e PB (PEDROSA, 2009:105)

## LÍNGUAS – DIALETOS

## VARIANTES

### Português Europeu

Mateus e d’Andrade (1998)

[ʃ,ʒ]

### Espanhol

Evanini (2007), Morris (2000) e Ruiz, Miyares (1984)

[s,z]; [h]; [∅]; geminada

### Português Brasileiro

#### Rio de Janeiro

Callou, Leite, Moraes (2002)

[ʃ,ʒ] > [h] > [∅] > [s,z]

#### São Paulo

Callou, Leite, Moraes (2002)

[s,z] > [ʃ,ʒ] > [∅] > [h]

#### Porto Alegre

Callou, Leite, Moraes (2002)

[s,z] > [ʃ,ʒ] > [∅] > [h]

#### Recife

Callou, Leite, Moraes (2002)

[ʃ,ʒ] > [s,z] > [h] > [∅]

#### Salvador – posição medial

posição final

Callou, Leite, Moraes (2002)

[ʃ,ʒ] > [s,z] > [h] > [∅]

[s,z] > [ʃ,ʒ] > [h] > [∅]

#### Florianópolis

Brescancini (2002)

[ʃ,ʒ] > [s,z] > [∅] > [h]

#### João Pessoa – posição medial

posição final

Hora (2003) e Ribeiro (2006)

[s,z] > [ʃ,ʒ] > [h] > [∅]

[s,z] > [∅] > [h] > [ʃ,ʒ]

A região Sudeste (Rio de Janeiro e São Paulo) apresenta as mesmas variantes que a região Sul (Porto Alegre e Florianópolis), incluindo o apagamento. Recife, Salvador e João Pessoa apresentam o apagamento como última opção; no

entanto, quando a fricativa está na posição final, João Pessoa apresenta o apagamento na segunda posição, evidenciando um comportamento diferenciado nesse dialeto. Vemos que, independentemente do modo ou do ponto de articulação da fricativa, ela tende a ser mais realizada do que apagada nos dialetos do PB, o que é verdadeiro especialmente para a fala do Sul do Brasil. Essa preferência pela manutenção do segmento garante a consoante que servirá de onset para sílaba seguinte, quando houver afixação, flexão de número ou sândi, como em (140).

(140)

- a. afixação: rapa[z]inho de[z]avisado
- b. flexão: rapa[z]es
- c. sândi: rapa[z]amoroso rapa[z]esalegres

Fica evidente que a ressilabação ocorre graças à espera que a consoante final tem para o núcleo vocálico que a ela se anexa. Na verdade, não se trata propriamente de ressilabação de consoante, mas de fusão do núcleo vazio da sílaba com a vogal seguinte, o que somente é possível devido ao fato de este núcleo ser vazio. Eis o funcionamento do mecanismo de busca do padrão CV. A preferência pelo padrão CV faz com que as consoantes finais sejam primeiramente onsets à procura de um elemento para preencher seu núcleo vazio; caso não seja preenchido, aí então são licenciadas pelo núcleo vazio para ocupar a posição final, 'simplesØ', ou por uma consoante, para ocupar a posição de coda, 'simplestrabalho'. É o mesmo raciocínio usado para o rótico: a fricativa /z/ apresenta várias possibilidades fonéticas, de acordo com o dialeto, mas, na posição final, da raiz ou do prefixo, ela pode:

- a. ser mantida, licenciada pelo núcleo vazio : lápis - \*lápi;
- b. ser mantida, licenciada por uma consoante seguinte: lápispreto;
- c. ser mantida com o preenchimento do núcleo vazio por uma vogal seguinte: lapisamarelo (sândi), lapiseira (sufixação), desalmado (prefixação).

Com relação à categoria morfológica da fricativa /z/, desinência de plural, podemos observar que há uma tendência ao apagamento em diversas classes

gramaticais, no nível coloquial, pois já existe um elemento que carrega essa marca, normalmente na primeira posição do sintagma (as guria bonita, meus irmão menor...). Tal como no caso do rótico final em verbos, é possível considerar que esse apagamento seja de natureza mais morfossintática do que propriamente fonológica.

Nesse sentido, nosso trabalho, mais voltado aos aspectos fonológicos, difere do de Pedrosa (2006), voltado apenas ao comportamento de /s/ pós-vocálico final como onset de uma sílaba de núcleo vazio. Aquele trabalho baseia sua argumentação principalmente em dados de variação e sustenta sua análise na Teoria da Otimidade, considerando apenas um nível derivacional. A análise dos dados variáveis sobre o /s/ pós-vocálico no PB contempla os dialetos de João Pessoa (Hora, 2003 e Ribeiro, 2006), Florianópolis (Brescancini, 2002), Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife e Salvador (Callou, Leite e Moraes, 2002), além de dados do PE e do Espanhol e não se estende na discussão de aspectos de representação como fazemos aqui. A autora defende que as particularidades dos dialetos os fazem gramáticas distintas, isto é, com *rankings* de restrições distintos, embora possuam as mesmas variantes e o mesmo inventário de restrições.

#### 4.4 A LATERAL /L/ EM FINAL DE PALAVRA

O comportamento de /l/ na posição final é variável, à semelhança do que acontece com /r/ e com /z/. Foneticamente, a lateral pode ser vocalizada, *mal-mau, falta-fauta- faulta*; ou pode ser apagada em alguns dialetos do PB, especialmente no Norte, *sol-so, automóvel-automove*. A lateral é mais vocalizada em final de palavra do que no interior. Collischonn e Quednau (2009), e esse parece ser um argumento contrário à análise de /l/ como onset de uma sílaba com núcleo vazio. No entanto, é possível observar essa vocalização como uma das estratégias para eliminar uma sílaba de núcleo vazio pós-lexical, assim como o apagamento de /r/ e /s/.

Mezzomo (2004) também investiga a aquisição de /l/ na posição de coda medial e final, como ilustra a tabela (141), na mesma pesquisa referida anteriormente.

(141)

Posição	Recurso	Porcentagem	Exemplos
// final	Produção correta	84,12%	'anel' → [a'nɛw]
	Omissão	13,48%	'sol' → [tɔgol]
	Alongamento da vogal	2,40	'gol' → [go:]
// medial	Produção correta	60,68%	'fralda' → ['fawda]
	Omissão	31,62%	'calça' → ['kasa]
	Coalescência	5,98%	'falta' → [fɔta]
	Alongamento da vogal	0,86%	'bolsa' → ['bo:sa]
	Semivocalização com [j]	0,43%	'balde' → ['bajsu]
	Produção como [l]	0,43%	'pulseira' → [pul'sew]

A lateral é adquirida cedo, especialmente na posição final, em que é dominada aos 1:4; no caso da medial, isso ocorre aos 3:0. A autora atribui a precocidade da aquisição desse fonema à natureza vocálica, que se superficializa como [u].

Como se pode ver, há uma diferença entre o período de aquisição na posição interna e na externa, bem como um tratamento diferenciado de regras para a posição final, num sistema estabilizado. Nesse sentido, os resultados podem ser interpretados como indicativos de que a representação da lateral final é diferente da representação silábica da lateral medial, o que no nosso entender pode ser interpretado como indicativo de que a lateral final é, na verdade, o onset de uma sílaba com núcleo vazio.

Além dessas evidências para o comportamento de consoante final como onset, há outras duas: (i) na junção entre palavras, graças à ressilabação pós-lexical, como ocorre em 'papel[e]caneta', // final encabeça uma sílaba com núcleo vazio, o qual desaparece automaticamente quando seguido por uma sílaba sem ataque; (ii) na derivação e na flexão, no léxico, a lateral é preservada (embora nem sempre, como veremos a seguir).

Foneticamente, o núcleo vazio não é uma preferência no PB. O que o sistema faz com isso? Preenche, através da flexão e da afixação, no nível lexical, e do sândi, no pós-léxico (mares, desagrada mares, amor+antigo) ou apaga (amor~amo, automóvel~automove). Isso nos faz pensar se estamos diante de um parâmetro

ligado ou desligado no PB; entretanto, os dados analisados são indícios de que o PCF é um parâmetro ligado [mal-males, mal-mau], já que os falantes realizam essa C] pós-lexicalmente, ou seja, o sistema aceita a realização da estrutura CVC, ainda que haja muitas possibilidades de substituição da consoante final por uma semivogal, no caso de //.

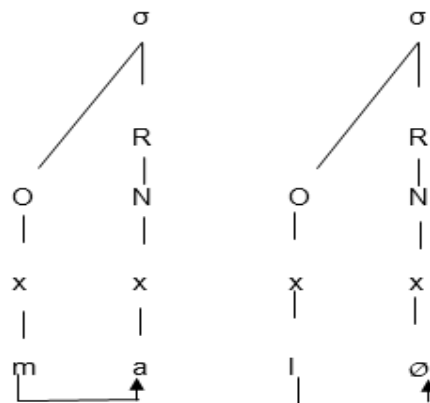
Para analisar formas como *males*, é importante retomarmos o que vimos no capítulo 2 a respeito da análise da vogal temática nesse contexto. Assim sendo, observamos que ela é, nas categorias nominais, a realização do núcleo da última sílaba (mesa, piano, gente). Em *males*, é possível considerar que o núcleo vazio subsequente a consoante está associado, no nível morfológico, ao índice temático  $\emptyset$ , conforme (142):

(142) a.

Estrutura morfológica

[mal]<sub>RN</sub> + [∅]<sub>IT</sub>

Estrutura silábica

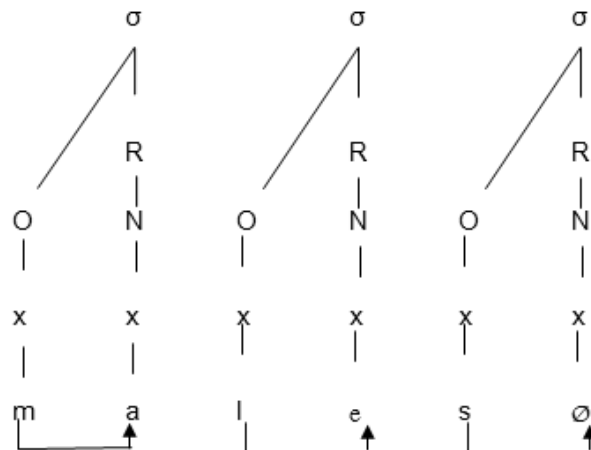


b.

Estrutura morfológica

[mal]<sub>RN</sub> + [∅]<sub>IT</sub> + [s]<sub>+Plural</sub>

Estrutura silábica





Assim como acontece no caso dos róticos, a forma singular [malØ] também apresenta o índice temático Ø correspondente ao núcleo silábico vazio, o qual, na forma plural [malesØ], apresenta realização vocálica [e]. Nesse caso, já não há mais um NV após //, mas após [s], que o licencia. Assim, vemos que, da mesma forma que ocorre com o rótico em posição final, // pós-vocálico final, no singular, é licenciado um núcleo vazio, o qual, no plural, está preenchido por uma vogal.

No entanto, quanto à flexão de número, os radicais terminados em lateral, apresentam, na maior parte, um comportamento diferente, no qual a lateral não é preservada. Em vez de ter o seu núcleo preenchido, como ocorre em *males*, o onset de sílaba com núcleo vazio deixa de ser licenciado como onset; como alternativa de preservação, ele passa a ser parte do núcleo da sílaba anterior, pelo processo de vocalização de l para [j], como em *jornal-jornais*. Quando // está na posição final, *jornal*, seguido pelo morfema de plural, -s, primeiro há a constituição de uma sequência de núcleos vazios /jornal Ø z Ø/; como essa sequência é proibida, o núcleo mais interno deixa de ser licenciado e perde o direito de licenciador do seu onset. Assim, a lateral vocaliza-se e, ao mesmo tempo, migra para o núcleo da sílaba precedente, resultando uma forma de superfície /jornaj z Ø/. Deve-se observar, entretanto, que a flexão de número de // final no PB é um processo opaco sincronicamente, diferentemente do Espanhol, por exemplo, que apresenta as formas ‘jornales’ e ‘papeles’. Uma evidência de que esse processo tem características morfofonêmicas é o fato de que a lateral se vocaliza como semivogal [j], quando, em outros contextos, ela se vocaliza como a semivogal [w]. Embora na aquisição da linguagem seja possível observar a vocalização da lateral como [j], esse tipo de vocalização não caracteriza outros processos da fonologia do adulto.

Segundo Collischonn e Quednau (2009), há uma tendência à vocalização de // mais frequente no final do que no interior da palavra, fato confirmado também por outros trabalhos (Hora, 2006; e Leite, Callou e Moraes, 2002). Para as autoras, isso poderia ser devido ao fato de que a vocalização tenha começado a operar inicialmente em final de palavra.

A análise da lateral na posição final de uma palavra mostra-se como uma evidência a mais para o PCF: ela é, à semelhança de /r/ e /s/, onset de uma sílaba com núcleo vazio, a qual pode (1) ser realizada pós-lexicalmente sozinha, independente das variações dialetais do PB, /mal, mar, mas/, já que o PCF está

ativo nesse idioma; (2) ter seu núcleo preenchido, como *males, mares, mai[za]lém*, ou ser apagada, *mar-ma, automóvel-automove*. O comportamento de /r, l, s/ na porção final da palavra – ser apagada, preenchida ou mantida - mostra que o PB é uma língua que tem o Parâmetro da Consoante Final acionado, o qual permite uma C] pela existência de um núcleo vazio que a licencia. No entanto, a consoante pode também ser apagada, o que, para nós, evidencia o processo de apagamento de uma sílaba de núcleo vazio.

O sistema do PB lança mão de estratégias diferentes quando há uma lateral na posição final, a vocalização [*mal, mau, maldade, maudade*], mas visa ao mesmo objetivo das demais consoantes: a busca pelo padrão CV. No caso de [*maldade*] ~ [*maudade*], a lateral é licenciada para a posição de coda pela consoante /d/ do sufixo, mas a vocalização também é verificada. Aqui, há uma questão a ser resolvida: por que a lateral final é tratada como a interna e é vocalizada tão facilmente? Uma possível resposta pode estar relacionada ao onset do sufixo, /d/, posto que essa vocalização não acontece com *malefício* ou *maléfico*, por exemplo.

O PB é uma língua na qual uma C] pode ser onset se uma sílaba com núcleo vazio, o qual pode ser preenchido por afixação ou sândi, ou pode ser apagada. O que move esse parâmetro, no nosso entender, é o respeito à tipologia CV, uma tendência aparentemente universal. Dados de trabalhos variacionistas, como Hora e Monaretto (2003), e de aquisição, como Mezzomo (2004), mostram essa tendência do PB, e vemos que a tipologia CV parece sempre predominar. No Sul, foco de nosso trabalho, o núcleo pode ficar vazio se não há sufixação ou sândi, especialmente no nível formal de linguagem; em alguns dialetos do Norte, a C] é mais apagada.

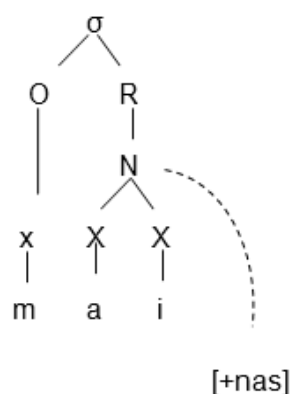
#### 4.5 A NASAL /N/ EM FINAL DE PALAVRA

Diferentemente da análise dos demais segmentos pós-vocálicos finais, vamos adotar a ideia de que a nasal em final de palavra não é onset de sílaba com núcleo vazio. A razão para isso é que a nasal, em contraste com os outros segmentos, não possui especificação para o ponto de articulação, o qual depende da consoante

seguinte. Ou seja, a condição para que esse segmento tenha ponto de articulação é que seja licenciado por um onset seguinte, o qual fornecerá o seu ponto de articulação (campo, canto, canga). Como a consoante nasal só é definida quando há ponto de articulação, no fim da palavra ela tende a ser realizada como nasalização da vogal. Assim, será interpretada como elemento do núcleo, ‘amam’ - /amã<sup>̃</sup>/. Nesta seção, adotamos a análise proposta em Battisti (1997), baseada em Trigo (1988), de que a nasal em final de palavra é um glide nasal.

Como vimos acima, Mateus e d’Andrade (2000) consideram que um segmento nasal pode realizar-se simplesmente pela nasalidade projetada sobre outro segmento adjacente. Trazemos novamente a representação que os autores propõem para a palavra mãe.

(143)



Segundo Mateus e d’Andrade (2000), o autosegmento nasal projeta o traço [+nasal] e não pode ser considerado como as consoantes /l/ ou /s/, porque a realização desse segmento consiste na nasalização da vogal no nível fonético. Essa representação com um traço, em vez de um segmento completo, permite que as posições na rima fiquem limitadas a duas e não seja necessário postular uma posição esquelética para a nasal.

Em relação aos ditongos nasais, Mateus e d’Andrade (2000) propõem que o segmento nasal não tenha realização de consoantal<sup>19</sup>. Battisti (1997) defende que a

<sup>19</sup> Análise semelhante é proposta em Wetzels (1997), com a diferença de que, para este autor, a vogal alta do ditongo nasal é lexicalmente marcada como nasal. O autor admite, portanto, a existência de vogais altas nasais, mas só nestas formas. A diferença da análise em relação à de Mateus e d’Andrade (2000) é que o segmento nasal que compõe o ditongo nasal, segundo Wetzels

nasal final em Português, em palavras como *amam*, *amém* e outras, também não é uma consoante plena. Para Cagliari (1977), o segmento nasal em final de palavra é articulado na maioria das vezes, realizando-se como palatal ou velar. Para o autor, as nasais pós-vocálicas teriam um ponto de articulação que é levemente palatal ou velar retraído. Para Battisti (1997), este segmento nasal é a vogal nasalizada, uma vez que apresenta o ponto de articulação da vogal.

O fato de haver completa absorção do traço [nasal] pela vogal chamou atenção de Trigo (1988) por ocorrer em línguas como Aguaruna, Capanahua, Muskogean Ocidental, Espanhol Panamenho e Oriya. Nessas línguas, para Trigo (1988), o ponto de articulação do segmento nasal existe, mas é apagado em um processo conhecido como debucalização, resultando um glide nasal sem ponto, denominado por Ferre (*op.cit.*) de **anusvara**. Esse segmento, por não ter ponto de articulação definido, pode ser absorvido pela vogal precedente, /amam [ãmã<sup>w</sup>]/ originando as vogais nasais, ou pode assumir o ponto da consoante seguinte [samba]. Assim, ao absorver o anusvara, a vogal se nasaliza<sup>20</sup>.

Battisti (1997) observa que /N/ é a única consoante a assimilar o ponto de articulação, o que, segundo Mohanan (1993 apud BATTISTI, 1997), seria definido por um parâmetro universal. A escolha, específica de cada língua, dos segmentos que assimilam ponto constitui o elemento variável desse processo. Assim, nasais e oclusivas coronais assimilam ponto em Inglês; em Malayalam, como em Português, apenas nasais. Um segundo parâmetro é o do gatilho da assimilação: em Inglês, a nasal assimila ponto de plosivas e fricativas; em Português, de plosivas, apenas. Um terceiro parâmetro de assimilação de ponto é o domínio da assimilação: em Inglês, é o da frase fonológica (*ten pounds* [tempawndz]); em Português, o da palavra (manta ['mãnta]).

A autora observa que, no Português, a nasal ocupando coda silábica e, por essa razão, sem ponto na subjacência, ocorre também em final de palavra, contexto no qual não tem de onde assimilar ponto de articulação. Seguindo a ideia do anusvara, proposta por Trigo (1988) – a nasal subespecificada para ponto de

---

(1997), é vocálico e ocupa um lugar no esqueleto CV, ao passo que, em Mateus e d'Andrade (2000) é um autosssegmento e não ocupa posição no esqueleto X.

<sup>20</sup> Em Português, o segmento nasaliza também a vogal precedente em formas como *samba* e *canta*. Porém em línguas estudadas por Trigo (1988) se o anusvara assumir o ponto de articulação da consoante vizinha, não será absorvido pela vogal, e a nasalização desta não acontecerá.

articulação é um glide nasal – esse segmento [+vocóide, +nasal] viria à superfície como glide e, juntamente com a vogal, daria origem aos ditongos nasais, a menos que seja seguido por uma consoante, elemento que espraia o ponto para a constituição de um segmento nasal, ‘andam’ [ãndã<sup>w</sup>], ‘andam tanto’ [ãndã<sup>w</sup>ntãntu].

Desta forma, propomos que o segmento nasal, diferentemente do que foi proposto para o rótico, a lateral e a fricativa final, não constitui onset de sílaba com núcleo vazio. Um dos argumentos adicionais para isso é que o segmento nasal não ressilabifica da mesma forma que os demais segmentos em fronteira de palavra. Exemplos como *lã azul*, *bom amigo* ou *amém aleluia* mostram que não há uma consoante nasal entre as vogais na fronteira de palavras, mas, em alguns casos, um glide nasal entre as vogais [amejale’luja], o qual pode reforçar-se em consoante palatal. Segundo Mateus e d’Andrade (2000), isso ocorre naturalmente na fala conectada, na qual o contato entre o final de uma palavra e o início de outra induz a modificações fonotáticas relativas à pronúncia.

Os dados da aquisição também sustentam a nossa análise, embora de uma forma mais indireta, já que, no caso da nasal, a aquisição é caracterizada frequentemente por sua não-realização como consoante. No entanto, segundo Mezzomo (2004), é o primeiro segmento a aparecer em coda medial e o segundo a aparecer na posição final. Na tabela abaixo, Mezzomo (2004), sobre a realização e as estratégias de reparo na aquisição de /n/ por crianças entre 1:4 e 3:10, observamos que a posição final se verifica na maioria dos dados:

(144) Realização correta de /n/ em coda e estratégias de reparo (MEZZOMO, 2004).

Posição	Recurso	Porcentagem	Exemplos
/n/ final	Produção correta	87,18%	'treml' → [treĩ]
	Omissão	10,26%	'bem' → [be]
	Ditongação sem nasalização	2,56	'bom' → [bow]
/n/ medial	Produção correta	60,68%	'canta' → ['kã'ta]
	Omissão	22,67%	'pente' → ['petʃi]
	Nasalização da vogal sem consoante	4,30%	'anda' → ['ãda]
	Assimilação	2,04%	'comprou' → ['ko'mo]
	Ditongação com [w]	0,70%	'trabalhando' → ['ba'jãwblu]
	Ditongação com [j]	0,45%	'presente' → [pe'zejtʃi]
	Alongamento da vogal	0,23%	'rinoceronte' → ['o:tʃi]

Retomando a ideia do Parâmetro de Consoante Final, podemos observar que a nasal carece de uma análise mais acurada, pois, considerando-a um anusvara, sua natureza revela-se mais complexa do que as demais na posição final. Nesse caso, como /n/ final não é uma consoante com a especificação de ponto subjacente como as demais, mas uma vogal (glide ou 0), podemos afirmar que o PCF automaticamente não se aplica, o que deve ser aprofundado em estudos posteriores.

Para finalizar a parte sobre os fonemas /r/, /s/, // e /n/ finais, conforme Mezzomo (2007), apesar de a estrutura CVC estar disponível desde muito cedo, 1:2, iniciando com as primeiras produções de // como C], o término da aquisição dessa estrutura é tardio, completando-se aos 3:10, com o domínio do rótico. O quadro a seguir mostra a idade de surgimento e aquisição dos fonemas em análise.

(145) Idade de surgimento e aquisição dos fonemas /n/, /l/, /s/ e /r/ (Mezzomo, 2004).

Fonemas	Surgimento	Aquisição
/n/ final	1:4	1:7
/n/ medial	1:4	2:2
/l/ final	1:2	1:4
/l/ medial	1:6	3:0
/s/ final	1:6	2:6
/s/ medial	2:0	3:0
/r/ final	1:11	3:10
/r/medial	2:2	3:10

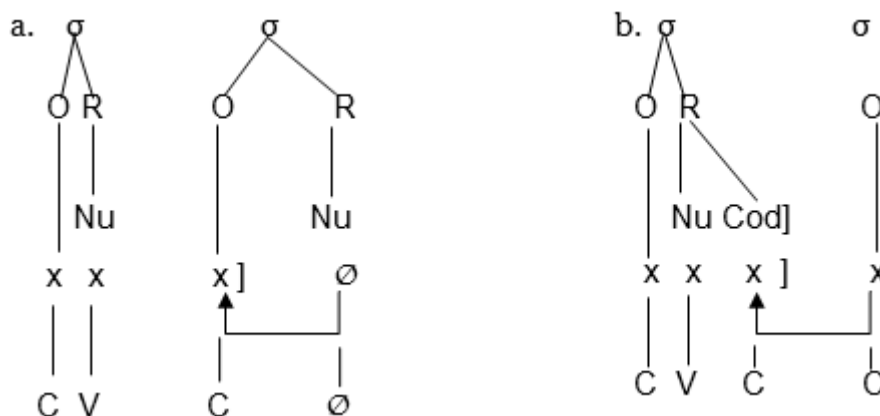
Para a autora, a posição que a sílaba CVC vai ocupar é importante para determinar diferenças na aquisição, pois os sons em coda final são dominados primeiro. De modo geral, as crianças utilizam mais estratégias de reparo na posição final, e as omissões ficam para a posição medial. Outra característica da aquisição da estrutura CVC é a falta de linearidade, uma vez que é gradual, expandindo o conhecimento fonético-fonológico, aos poucos, para todas as posições da palavra num movimento de regressão e avanço quanto ao uso das formas. A sequência CVC apresenta maior complexidade e, por isso, mais dificuldade para os falantes na fase de aquisição, pois, para Mezzomo (2004), não basta adquirir um fonema na posição de onset para produzi-lo na de coda.

Os dados da aquisição são importantes na medida em que revelam aspectos interessantes do trajeto percorrido por esses elementos até a estabilidade do sistema. /l,r,s,n/ são segmentos do inventário do PB que guardam singularidades quando na posição final da palavra, o que instiga nos a pensá-los com mais detalhes, uma vez que figuram como fonemas importantes para a constituição silábica do PB.

## 4.6 REPRESENTAÇÃO FONOLÓGICA DA C]

A última seção deste capítulo refere-se à representação fonológica de uma sílaba CVC na posição final.

## (146) Representação da sílaba CVC]

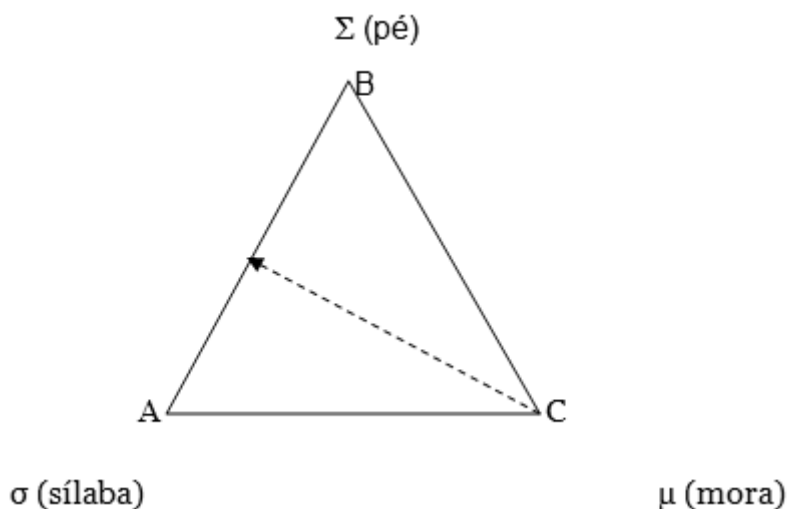


A estrutura silábica (C)VC] é adquirida tardiamente, após as estruturas CV e V, respectivamente. Seguindo os preceitos da Fonologia de Governo, propomos a representação (146a) para uma estrutura CVC∅ não interna à palavra, cujo núcleo vazio licencia a C], ilustrando também o PCF ligado no PB. Já (146b) mostra a situação em que a consoante na posição de onset da segunda sílaba, /t/, em ‘faz tudo’, licencia uma consoante final, /z/, para ocupar a posição de coda no final de uma palavra, o que vai acontecer, tardiamente, nos processos pós-lexicais.

Com relação à representação na hierarquia prosódica, podemos pensar também em incluir as moras como constituinte de duração posterior à sílaba e anterior ao pé, como se ela cruzasse esses níveis hierárquicos. Se há o preenchimento do NV, há uma mora, logo, é possível hipotetizar que as moras “espreitam” esse preenchimento, em uma estrutura bidimensional, como (147):



(147) Lugar da mora na hierarquia prosódica.



A sequência AB representa a hierarquia prosódica, exposta em (36) que continua com os demais itens não relacionados aqui. AC e BC simbolizam o ambiente propício para a formação da mora, entre a sílaba e o pé métrico, o que depende do preenchimento do NV, no léxico ou no pós-léxico.

Nesse capítulo, a análise dos segmentos /r/, /l/, /s/ e /n/ na posição final mostrou que, apesar das variações dialetais sofridas por todos esses segmentos, a ideia de consoantes finais serem onsets de sílabas com núcleos vazios deve ser considerada no PB. Como o Parâmetro da Consoante Final está acionado no idioma, uma C] pode ser realizada como o último segmento audível da palavra, mesmo sem o núcleo ter sido preenchido. Por outro lado, ela pode ser ressilabada por meio de flexão ou sufixação – no nível lexical – ou de sândi, no nível pós-lexical, processos que permitem a realização fonética do núcleo de uma estrutura CVC]. A representação fonológica de uma estrutura (C)VC] alia os mecanismos de flexão, sufixação e sândi à concepção de C] como onset de sílaba NV, e a mora pode ser considerada como uma categoria presente em outro nível prosódico, entre a sílaba e o pé métrico, “aguardando” o preenchimento do núcleo vazio. Considerar o último elemento de uma estrutura CVC] como coda explica o acento em termos de peso; por outro lado, o modelo CVCØ], em que o último elemento é onset de uma sílaba com núcleo vazio, explica o acento pelo número de sílabas. A perspectiva de que uma consoante final é onset de sílaba com núcleo vazio mostra que a atribuição de acento se dá pela contagem de sílaba do fim para início. Dessa forma, as oxítonas terminadas em consoante (amor) e as paroxítonas têm o acento atribuído de forma

regular, na penúltima sílaba (a.mo.rØ, jú.ri), as proparoxítonas (árvore) e as oxítonas terminadas em vogal (avô) são exceção, ambos casos excepcionais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta tese, analisamos a proposta de que as consoantes finais /l, r, s/ são onsets de uma sílaba com núcleos vazios, defendida por Harris e Gussmann (1998). A partir dessa proposta, nossa tese buscou repensar o estatuto silábico das consoantes finais do Português, admitindo que sejam onsets e não codas.

Para procedermos a essa discussão, o trabalho foi subdividido em 4 capítulos. No primeiro, apresentamos a abordagem de que uma C] é onset, buscando entender as implicações dessa abordagem e seus desdobramentos, comparando alternativas, como a da extraprosodicidade e a das semissílabas. O principal argumento para a abordagem dos onsets finais é o de que explica assimetrias na distribuição e outras diferenças de comportamento entre consoantes finais e codas internas.

Um argumento adicional é o de que a abordagem dá conta de sequências consonantais nas fronteiras de palavras sem abrir mão do Princípio de Sonoridade, valendo-se da ideia de que estruturas que aparentemente violam esse princípio são, na verdade, casos de coda complexa seguida de onset ou de coda simples seguida de onset complexo. Finalmente, um terceiro argumento é o de que a concepção de que consoantes finais sejam onsets também permite explicar a atribuição do acento de forma uniforme, sem apelar para a extraprosodicidade segmental.

Harris e Gussmann (1998) não explicitam se consideram as consoantes finais universalmente onsets ou se, em algumas línguas, elas poderiam também ser codas. Contudo, a própria ideia de que consoantes em coda têm de ser licenciadas por um onset seguinte deixa claro que, em princípio, codas finais não deveriam ser admitidas em nenhuma língua. Assim, torna-se uma questão empírica avaliar se a proposta pode ser aplicada a línguas como o Português, para a qual abordagens anteriores tinham considerado as consoantes finais codas (BISOL, 1999; LOPEZ, 1979; entre outros). Portanto, a nossa análise do Português procura contribuir para essa discussão, complementando análises como a apresentada em Pedrosa (2009). Entretanto, diferentemente da ideia implícita em Harris e Gussmann (1998), consideramos que uma consoante final pode ser onset ou coda, dependendo da língua, isto é, o seu *status* vai depender de uma escolha paramétrica.

Noções como a de licenciamento e outros detalhes da proposta de Harris e Gussmann (1998) são apontadas no capítulo 2, no qual também buscamos explicitar os principais pressupostos da tese. Tomamos a perspectiva de que a gramática é regida por princípios e parâmetros, admitindo marginalmente a existência de condições e regras específicas à língua. Adotamos também a perspectiva da existência de mais de um nível representacional, minimamente uma forma subjacente e uma forma de superfície, aceitando que esta representação de superfície possa conter núcleos silábicos vazios. Tal como apresentada em Harris e Gussmann (1998), a abordagem de C] como onset não depende essencialmente da distinção entre níveis derivacionais, mas da estruturação da representação fonológica, em que o nível segmental é distinto do nível silábico. Seguimos aqui uma abordagem híbrida, que considera os níveis designados da Fonologia Lexical e a ideia de licenciamento oriunda da Fonologia de Governo. O núcleo vazio, portanto, é criado no léxico e pode ser preenchido, ainda neste nível, por vogais introduzidas pela sufixação e pela flexão. No entanto, um onset de sílaba com núcleo vazio pode persistir até o pós-léxico sem necessariamente ser preenchido com alguma projeção vocálica.

No que concerne ao acento, adotamos a perspectiva da análise por peso, embora seja necessário reconhecer que o acento no Português também é influenciado por aspectos morfológicos e mesmo por idiosincrasias lexicais (como é o caso das palavras proparoxítonas e das oxítonas terminadas em vogal, por exemplo). A mora não faz parte dos constituintes sub-silábicos, por considerarmos que a sílaba está organizada nos constituintes Ataque (A) e Rima (R), sendo esse subdividido em núcleo (Nu) e Coda (Co). A mora, sob nossa perspectiva, está em outro nível da hierarquia prosódica, entre a formação da sílaba e do pé. No que se refere à sílaba de núcleo vazio, alguns autores consideram que não contenha moras e que, por isso, seja invisível aos processos prosódicos sensíveis a elas. No entanto, consideramos que, em algumas línguas, mesmo sílabas com núcleo vazio possam ser projetadas metricamente; esse seria o caso do Português. Dessa forma, é possível considerar línguas que projetam o NV metricamente e línguas que não o fazem, o que torna a projeção do núcleo vazio uma variação paramétrica.

Algumas questões sobre a relação da estrutura fonológica com a estrutura morfológica são também explicitadas especialmente acerca da noção de vogal

temática. Seguimos a proposição de Villalva (2000), para a qual todas as palavras possuem um constituinte temático, ainda que este não seja preenchido. Nas categorias nominais, o constituinte temático é realizado por um índice temático, que é a vogal do núcleo da última sílaba (mesa, piano, gente). Quando uma palavra termina em consoante, como /l/, /s/ ou /r/, é possível associar o núcleo vazio que a segue ao índice temático  $\emptyset$ , previsto no nível morfológico. Importante, entretanto, é destacar que a relação entre Morfologia e Fonologia é entendida como correspondência entre níveis representacionais distintos. Dessa forma, uma unidade do nível morfológico corresponde (ou não) a uma unidade do nível fonológico, mas não se confunde com esta.

No capítulo 3, apresentamos algumas línguas para as quais foi defendida a existência de consoante final como onset de um núcleo vazio, denominadas línguas NV. Diferentes processos ilustram a existência de núcleos vazios após uma consoante na posição final. A observação das evidências para os núcleos vazios em distintos idiomas reforça a ideia de que sejam estruturas representacionais possíveis; além disso, traz informações para a construção da argumentação da análise de núcleos vazios para o Português.

Conforme essa concepção, as línguas dividem-se em dois grupos, quais sejam: (a) aquelas que admitem coda (interna) vs. línguas que não admitem coda (interna) e (b) aquelas que admitem sílabas de núcleo vazio vs. línguas que não admitem núcleo vazio.

Em línguas com consoantes finais, mas não com coda interna, a consoante final deve ser sempre analisada como onset (Yapese); línguas com codas internas têm duas opções para consoantes finais: elas podem ser silabificadas com onset (Diola-Fogny), ou elas podem ser codas (Selayarese), conforme a tabela (70), do capítulo 3.

Consideramos a hipótese de que o Português seja uma língua como o Francês e as demais línguas consideradas na segunda parte do capítulo 3. Entretanto, nem todas as evidências observadas para essas línguas podem ser constatadas no nosso idioma.

O Português Brasileiro apresenta o mesmo conjunto de consoantes na coda e no final de palavra e, nas palavras de Côté (2011), é uma língua simétrica por esse motivo. Como não apresenta alternância de duração da vogal fonologicamente

distintiva, como o Islandês e o Inglês, nem clústeres finais, como o Polonês, o Inglês, o Irlandês e o Francês, nosso idioma, aparentemente, desafia a universalidade da tese dos onsets finais. A análise do PB, uma língua que difere das demais inclusive pelo tipo de encontro consonantal que apresenta, é importante, pois reforça a proposta de que uma C] é onset de uma sílaba com núcleo vazio. Já o acento, tema explorado na análise do Turco, por outro lado, parece ser uma categoria a ser considerada no PB.

Na representação da Fonologia Lexical, os processos da C] são decididos tanto no léxico quanto no pós-léxico. As C] /l,r,s/ têm comportamento semelhante na busca pelo padrão CV: apagam, [mar~ma0], vocalizam, [mal~mau], ou têm os núcleos preenchidos, especialmente quando se trata de flexão, [par~pares], [capas~capazes] sufixação, 'maresia', 'papelada', 'lapiseira', ou de sândi /lapisepapel/.

A existência de consoantes finais como onsets de sílabas com núcleos vazios mostra-se como um processo em andamento, para o qual o sistema apresenta três opções de escolha a fim de promover uma sequência CV: apagar ou ressilabar, no caso de /r/ e /s/, e, além das anteriores, vocalizar, no caso de //.

Com relação ao rótico, quando na posição final, pode haver apagamento ou enfraquecimento, ou, ainda, aspiração, dependendo do dialeto do PB. No Sul, /r/ é bem marcado principalmente nos nomes, ao contrário dos verbos, que mostram uma tendência forte para o apagamento. Quando na flexão, ele se mantém e o núcleo é preenchido, como em mar-mares, e, com essa hipótese sendo provada, eliminamos as vogais temáticas abstratas.

A fricativa alveolar sofre apagamento do último segmento do sintagma por razões de ordem sintática, uma vez que o plural é marcado no elemento mais à esquerda do sintagma, como em 'as menina', sendo que é ressilabado quando precede uma vogal, como em [a.za.vo] 'as avós'.

No dialeto do Sul, a lateral apresenta menos apagamento do que vocalização e ressilabação, num movimento contrário aos dialetos mais ao Norte. // tem uma tendência muito forte à vocalização, uma preferência desse segmento para desfazer uma sílaba com núcleo vazio e estrutura pós-lexical CVC].

Conforme vimos, o segmento nasal na posição pós-vocálica final não é considerado apenas consoante, pois também caracteriza a vogal precedente, o que

lhe vale a designação “anusvara”. Às vezes, comporta-se como a primeira, quando é licenciada para ser coda devido à presença da consoante posterior, como em ‘canta’ ‘canga’, ‘amam bastante’, ‘amam crianças’; às vezes, como a segunda, especialmente diante de pausa [amã<sup>w</sup> #]. Por esse motivo, deixamos de considerar esse segmento na análise.

Normalmente, quando estão na raiz, os segmentos /l,s,r/ finais são mantidos no dialeto do Sul do Brasil, inclusive por uma questão de formalidade linguística. Como onsets de sílabas com núcleos vazios, eles são ressilabados ou licenciados, mesmo sem núcleo audível, tanto na flexão quanto na sufixação, mas não necessariamente no sândi.

(148)

<b>Raiz</b>	<b>Flexão (ressilabação)</b>	<b>Sufixação/Sândi (ressilabação)</b>	<b>Sufixação/Sândi (coda licenciada)</b>
mar	mares	/ma.re.'si.a/ /ma.re.'te.ra/	/mar.'zi.ɲo/
paz	pazes	/pa.ci.fi.'ca.rø/ /pa.ze.a.mo.rø/	/pas.te.'re.na/ /as.gu.'ri.a/ /pa.ze.a.'mo.rø/
mal	males	/ma.le.di.'cen.cia/ /o.ma.le.o.beɲ/	/mal.te.ne.bro.zo' <sup>1</sup> / /mau.te.ne.bro.zo/

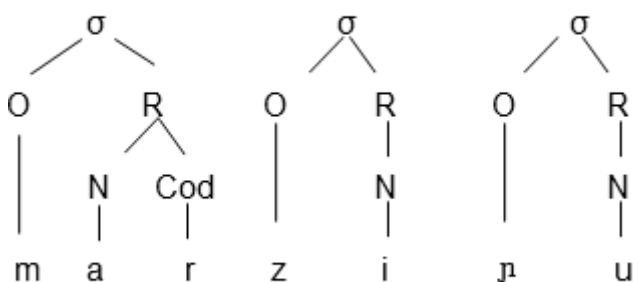
As consoantes /r, s, l/ na posição final são onsets de sílabas com núcleo vazio, não apenas /s/, como propõe Pedrosa (2009). Antes de realizarem-se como elemento final no componente pós-lexical – posição amplamente conhecida como lugar em que ocorre o enfraquecimento das consoantes, pelo declive natural da sequência de sonoridade na sílaba, culminando, muitas vezes, com seu apagamento –, essas consoantes ocupam, em algum estrato do léxico, a posição de onset de uma sílaba com núcleo vazio. O ambiente em que isso se verifica corrobora a ideia

de que há certa diferença entre as sílabas interna e final, conforme Harris e Gussmann (1998) e Ewen e Hulst (2001).

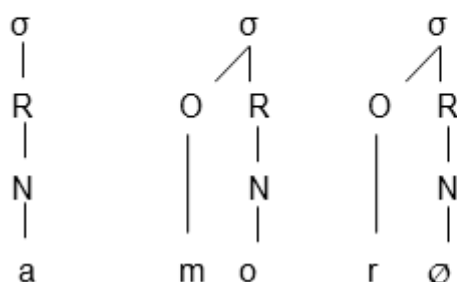
No interior da palavra, as consoantes /r, s, l/ finais são codas quando seguidas por outra consoante que as licencia – /mar.zinho/ –, (149a); no final, são onsets de sílabas com núcleo vazio que as licencia – /a.mo.rØ/ – (149b). As representações em (149) valem para as demais consoantes também. Todas as realizações da consoante final são possíveis por conta do PCF, acionado no Português.

(149)

a. porta



b. amor



Na posição final da palavra, essas consoantes são onsets de uma sílaba com núcleo vazio - marØ, pazØ, malØ, ma.re.si.a, pa.zar.ma.da, ma.lé.fi.co - e, foneticamente, a fim de formar sílabas com a estrutura CV, esses elementos reorganizam-se de diferentes formas:

R: apagamento e ressilabação. Permanece na flexão e na sufixação, sem diferentes realizações ou apagamento (\*maxesia \*ma0esia).



L: vocalização, ressilabação ou apagamento (papeu- papel azul -papé), podendo, também, permanecer igual (papel, papelada). No caso do /l/ quando o sufixo inicia com uma consoante, ele é licenciado para ser coda (papelzinho).

S: apagamento e ressilabação. Na flexão de plural, há palavras que não modificam, como *lápiz* e *simples*, mas, na sufixação, mudam: lapiseira, simplesinho~simplinho ( /s/ é apagado para manter CV).

Essas consoantes podem comportar-se de modo distinto a fim de evitar a realização de uma sílaba com algum grau de complexidade, como a estrutura CVC].

O acionamento ou não do Parâmetro da Consoante Final resulta nas diferentes tipologias das línguas do mundo. Em sistemas em que ele está desligado, não há licenciamento de C]; em sistemas em que ele está acionado, como no PB, uma sequência CVC] é permitida, mesmo que o núcleo permaneça inaudível até o nível pós-lexical. Isso evidencia que o PCF realmente não é universal, mas uma escolha da língua, na medida em que há sistemas que permitem apenas estrutura CV].

No Português, as rimas sempre têm uma vogal nuclear que pode ser núcleo. Dessa forma, elas são os únicos elementos indispensáveis na escansão silábica. Para Mateus e d'Andrade (2000), apenas as consoantes subespecificadas /l/, /r/ e /s/, com diferentes realizações, são codas internas possíveis no Português; em nosso ponto de vista, essas consoantes podem ser codas internas, mas, na posição final, são onsets de sílabas com núcleo vazio. /l, r, s/ finais se mantêm, sozinhas ou buscando formar uma estrutura CV, no dialeto do Sul do Brasil, evidenciando o acionamento do PCF, inclusive, por questões de nível de formalidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, P. **A fricativa coronal /z/ em final de morfemas no PB: uma análise pela Teoria da Otimidade.** Dissertação. UFRGS, 2005.

BATTISTI, E. **A nasalização no português brasileiro e a redução dos ditongos nasais átonos: uma abordagem baseada em restrições.** Tese (Doutorado em Letras). Porto Alegre: PUCRS, 2003.

BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. *In: NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). Gramática do português falado.* Campinas: Unicamp, v. VII. p. 701-742, 1999.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro.** 4. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

\_\_\_\_\_. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. **Cadernos de Estudos Linguísticos.** n. 23, p. 83-101, 1992.

BLEVINS, J. The importance of typology in explaining recurrent sound patterns. **Linguistic Typology.** 11.1: p. 107-113, 2007.

BLOOMFIELD, L. **Linguistic Aspects of Science.** Chicago: University of Chicago Press, 1939.

BOROWSKY, T.J. Structure Preservation and the Syllable Coda in English. **Natural Language and Linguistic Theory.** 7(2), 1989.

BOTMA, B.; COLIN, J.; Ewen & Erik Jan van der Torre (2008). 'The syllabic affiliation of postvocalic liquids: an onset - specifier approach'. **Língua.** 118, p. 1250–1270.

CAGLIARI, L.C. **An experimental study of nasality with particular reference to Brazilian Portuguese.** Tese (Doutorado), University of Edinburgh, Edinburgh, 1977.

CAGLIARI, L. C., MASSINI-CAGLIARI, G. De sons de poetas ou estudando fonologia através da poesia. **Revista da Anpoll.** São Paulo: Humanitas Publicações - FFLCH / USP, Nº 5, p. 77-105, 1998.

CALLOU, D. *et al.* "Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil". *In: KOCH, Ingedore, MORAES, João A. & LEITE, Yonne. Gramática do Português Falado.* Vol. VI. UNICAMP/FAPESP, p. 465-494, 1997.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; e MORAES, J. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. *In: ABAURRE, M. B & RODRIGUES, A. (orgs.) Gramática do português falado. v. VIII: novos estudos descritivos.* Campinas: UNICAMP/FAPESP, 2002.

CALLOU, D.; MORAES, J.; LEITE, Y.; e RODRIGUES, V. *et al.* "Tópicos e adjuntos." *In: CASTILHO, A. & M. Basílio. Gramática do português falado. Vol. 4, UNICAMP/FAPESP, p. 99-104, 1996.*

CAMARA JR., J.M. **Estrutura da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

\_\_\_\_\_. **História e estrutura da língua portuguesa.** 2 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Linguística Descritiva.** Petrópolis: Vozes, 1971.

CARDOSO, W.; HORA, D.; e PEDROSA, J. Status da consoante pós-vocálica no português brasileiro: coda ou *onset* com núcleo não preenchido foneticamente? **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 71-79, jan./mar, 2010.

CHARETTE, M. The end of the (Turkish) word. **SOAS Working Papers in Linguistics**, 14 . p. 23-40, 2006.

CHO, Y.Y.; e KING, T.H. Semisyllables and Universal Syllabification. *In: FÉRY, C., e VIJVER, R. The syllable in Optimality Theory.* Cambridge, 2003.

CHOMSKY, N.; and HALLE, M. **The Sound Pattern of English.** Harper and Row, New York, 1968.

CLEMENTS, G.N.; e HUME, E.V. The internal organization of speech sounds. *In: GOLDSMITH, J.A. The handbook of Phonological theory.* Cambridge, Oxford: Blackwell, 1995.

CLEMENTS, G.N.; e KEYSER, S.J. **CV Phonology: A Generative Theory of the syllable.** MIT Press. Cambridge, Mass. 1983

COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em português. *In: BISOL, Leda. (org.). Introdução a estudo de fonologia do português brasileiro.* 4. ed. revista e ampliada. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

\_\_\_\_\_. **Análise prosódica da sílaba em português.** Tese de Doutorado, Instituto de Letras, Porto Alegre: PUCRS, 1997.

\_\_\_\_\_. Traçando percursos da fonologia. Vol. 1, nº 29, ANPOLL 25 anos. **Linguística: percursos e perspectivas**, 2010.

\_\_\_\_\_; e QUEDNAU, L. As laterais variáveis na região sul. *In: BISOL, L; e COLLISCHONN, G. (Orgs.) O português do Sul do Brasil: Variação Fonológica.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

CÔTÉ, M.-H. Final consonants. *In: VAN OOSTENDORP, M.; EWEN, C.; HUME, E. e RICE, (eds.) K. Companion to phonology.* Malden, MA: Wiley-Blackwell, p. 848-872, 2011.

EWEN, J.C.; HULST, H. **The phonological structure of words: an introduction.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

FÉRY, C. Focus in French. *In*: FÉRY, C. & STERNEFELD, W. (eds.) **Audiatur Vox Sapientiae: A Festschrift for Arnim von Stechow.** Berlin: Akademie-Verlag, p. 153-181, 2001.

GIEGERICH, H.J. **Metrical phonology and phonological structure: German and English.** Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

GOAD, H.; e BRANNEN, K. Phonetic evidence for phonological structure in syllabification. *In*: WEIJER, J.; HEUVEN, V.; HULST, H. (Ed.). **The phonological spectrum.** Amsterdam: John Benjamins, v. II, Suprasegmental structure, p. 3-30, 2003.

GOLDSMITH, J.A. **Autosegmental phonology.** Ph.D. dissertation, MIT. Published 1979 New York: Garland Press. [Reprinted as An overview of autosegmental phonology (chapter 8) in *Phonological theory: the essential readings.*], 1976.

\_\_\_\_\_. The syllable. *In*: **Handbook of phonological theory**, vol. 2, appear 2010.

GUSSENHOVEN & JACOBS. **Understanding Phonology.** New York, Oxford University Press, 1998.

GUSSMANN, E. **Phonology: Analysis and Theory.** Cambridge University Press: 2002.

HARRIS, J.W. Syllable structure and stress in Spanish: A nonlinear analysis. *In*: **Linguistic Inquiry Monograph 8.** Cambridge, MA; London: MIT Press, 1983.

HARRIS, J. **English sound structure.** Oxford: Blackwell, 1994.

\_\_\_\_\_. Licensing Inheritance: an integrated theory of neutralisation. *Phonology* 14. 315-370. 1997

\_\_\_\_\_. Representation. *In*: LACY, P. (ed.). **The Cambridge Handbook of Phonology**, p. 119-138. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

\_\_\_\_\_. Why final devoicing is weakening. *In*: NASUKAWA, K. & BACKLEY, P. (eds.) **Strength Relations in Phonology.** p. 9-46. [pdf], 2009.

HARRIS, J. & GUSSMANN, E. Final codas: why the west was wrong. *In*: CYRAN, E. (ed.) **Structure and interpretation: studies in phonology.** Lublin: Folium, p.139-162, 1998.

\_\_\_\_\_. **Word-final onsets.** Ms. University College London, University of Gdansk, 2003.

HAYES, B. **Metrical Stress Theory: principles and case studies.** Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HOCKETT, C. **A Manual of Phonology.** Waverly Press, Baltimore, 1955.

HORA, D. Variação fonológica: consoantes em coda silábica. *In*: TRAVAGLIA, L.C. (Org.). **Encontro na linguagem: estudos linguísticos e literários**. Uberlândia: EDUFU, 2006.

HORA, D.; e MONARETTO, V.N. O. Enfraquecimento e apagamento dos róticos. *In*: HORA, D.; e COLLISCHONN, G. (Orgs.). **Teoria linguística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: EDUFPB, 2003.

ITO, J. **Syllable theory in prosodic phonology**. Tese (Doutorado, PhD), University of Massachusetts, 1986.

JAKOBSON, R.; FANT, G.; and HALLE, M. **Preliminaries to Speech Analysis: The Distinctive Features and their Correlates**. MIT Press, Cambridge, Massachusetts, 1952.

KAGER, R. Book review of Bruce Hayes, *Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies*. **Phonology** 12, p. 437-464. [[rtf](#) | [pdf](#)], 1995d.

\_\_\_\_\_. Feet and metrical stress. *In*: LACY, P. (ed.) **The Cambridge Handbook of Phonology**, p. 195-227. Cambridge, UK: Cambridge University Press. [[pdf](#)], 2007.

KAHN, D. **Syllable-based Generalisation in English Phonology**. Tese, MIT. [Published 1980 New York: Garland Press.], 1976.

KAYE, J. Coda licensing. **Phonology Yearbook**. 7.2, p. 301-330, 1990.

\_\_\_\_\_. Derivations and interfaces. *In*: DURAND, J. and KATAMBA, F. (Eds.) **Frontiers of phonology**. Atoms, structures, derivations. London and New York: Longman, p. 289-332, 1995.

KAYE, J.; LOWENSTAMM, J.; and VERGNAUD, J-R. Constituent structure and government in phonology. **Phonology** 7, p. 193-231, 1990.

\_\_\_\_\_. The internal structure of phonological elements: a theory of charm and government. *In*: **Phonology Yearbook** 2. p. 303-328. Disponível em: <http://www.unice.fr/dsl/tobweb/scan/KLV85.zip>.

KELLER, T. **Um estudo experimental do acento secundário no português brasileiro**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

KIPARSKY, P. Lexical morphology and phonology. *In*: YANG, I.-S. (Ed.). **Linguistics in the Morning Calm**. Seoul: Hanshin.p. 3-91, 1982.

LEITE, Y. F.; CALLOU, D. M. I.; e MORAES, J. A. Processos de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. *In*: **Gramática do Português Falado**. 1. ... Campinas: Ed. da UNICAMP, 2002.

LIBERMAN, M. **The intonational system of English**. Doctoral Dissertation, MIT, 1975.

LIBERMAN, M.; e PRINCE, A. On stress and linguistic rhythm. **Linguistic Inquiry**. 8: p. 249-336, 1977.

MASSINI-CAGLIARI, G. **Cantigas de amigo: do ritmo poético ao linguístico**. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português. Tese de doutorado. Campinas, UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. **Do poético ao linguístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento**. Araraquara: FCL, Laboratório Editorial, UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999a.

MATEUS, M.H.M.; d'ANDRADE, E. **The Phonology of Portuguese**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

McCARTHY, J.J. **Hidden generalizations: phonological opacity in Optimality Theory**. London: Equinox, 2007.

McCARTHY, J.; PRINCE, A. **Prosodic Morphology 1986**. Technical Report #32, Rutgers University Center for Cognitive Science. p. 100.

MEZZOMO, C.L.; RIBAS, L.P. Sobre a aquisição das líquidas. *In*: LAMPRECHT, R. R. *et al.* **Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: Artmed, p. 95-109, 2004.

MIRANDA, A.R. Os dados de aquisição oral e escrita e o estatuto das codas mediais em português. *In*: FERREIRA-GONÇALVES, G., KESKE-SOARES, M., BRUM DE PAULA, M. **Estudos de aquisição fonológica**. Vol. 2. Santa Maria, Sociedade Vicente Pallotti, 2009.

MOHANAN, K.P. **Lexical phonology**. Tese (Doutorado). MIT, Massachusetts, 1982.

MORAES, J; LEITE, Y.; e CALLOU, D. Caracterização Acústica das Vogais Tônicas do Português Culto. *In*: KATO, M. (org.) **Gramática do Português Falado**. Vol. V: Convergências. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic phonology**. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

NEVINS, A.; e VAUX, B. Introducion: The divisions of labor between Rules, Representation and constraint s in Phonological Theory. (1-19). *In*: NEVINS, A. **Rules constraints and phonological phenomena**. Oxford University Press, 2008.

PEDROSA, J. **Análise de /s/ pós-vocálico no português brasileiro: coda ou onset com núcleo foneticamente vazio?** Tese de Mestrado. UFPb, 2009.

175

PIGGOTT, G.L. Variability in feature dependency: the base of nasality. **Natural Language and Linguistic Theory**. 10, p. 33-77. [Links] 1992.

PIKE, K. **Phonemics**: A technique for reducing languages to writing. Ann Arbor, MI: University of Michigan, 1947.

PRINCE, A.; and SMOLENSKY, P. **Optimality Theory**: Constraint Interaction in Generative Grammar. Technical Report 2, Center for Cognitive Science, Rutgers University. To be published by MIT Press, Cambridge, MA, 1993.

NÓBREGA, E.V.B. (pesq. resp.) **Aquisição da linguagem oral**: as vibrantes, intervocálicas e em encontros consonantais, em crianças da Creche-Escola do Campus I da UFPB.

SALZER, M. **Fonologia Provisória da Língua Kamayurá**. Disponível em: <http://www.sil.org/americas/brasil/publcns/ling/KMFono.pdf>.

SELKIRK, E. The syntax of words. **Linguistic Inquiry Monograph 7**. Cambridge, Massachusetts; London, England: MIT Press, 1982.

\_\_\_\_\_. On derived domains in sentence phonology. **Phonology** 3, p. 371-405, 1986.

SIEVERS, E. **Grundzüge der Phonetik**. Leipzig: Breitkopf und Hartel, 1881.

SCHEER, T. (in press). What final empty Nuclei are good for to appear in Rennison, John: **Phonologica**. Mouton de Gruyter, 2002.

SCHWINDT, L.C. Paradigmatic Correspondences in the Brazilian Portuguese Verbal Vowel System. **Acta Linguistica Hungarica**. Vol. 54 (4), p. 393-407, 2007.

TRIGO F.; e ROSARIO L. **On the Phonological Derivation and Behavior of Nasal Glides**. Ph.D. thesis, MIT, Cambridge, Massachusetts, 1988.

VAUX, B. Why the Phonological Component must be Serial an Rule-Based (20-59). In: VAUX, B. and NEVINS, A. **Rules constraints and phonological phenomena**. Oxford University Press, 2008.

VELOSO, J. Reavaliando o Estatuto Silábico das Sequências Obstruinte+Lateral em Português Europeu. **DELTA – Revista de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Vol. 22, nº 1, p. 127-158. 2006b. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v22n1/31733.pdf>.

VILLALVA, A. Estruturas morfológicas: Unidades e hierarquias nas palavras do português. Lisbon: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

\_\_\_\_\_. **Morfologia do Português**. Lisboa: Universidade Aberta, 2008.

WETZELS, Leo. **On the Weight Issue in Portuguese**: A Typological Investigation. Letras de Hoje, 134, p. 107-133, 2003.